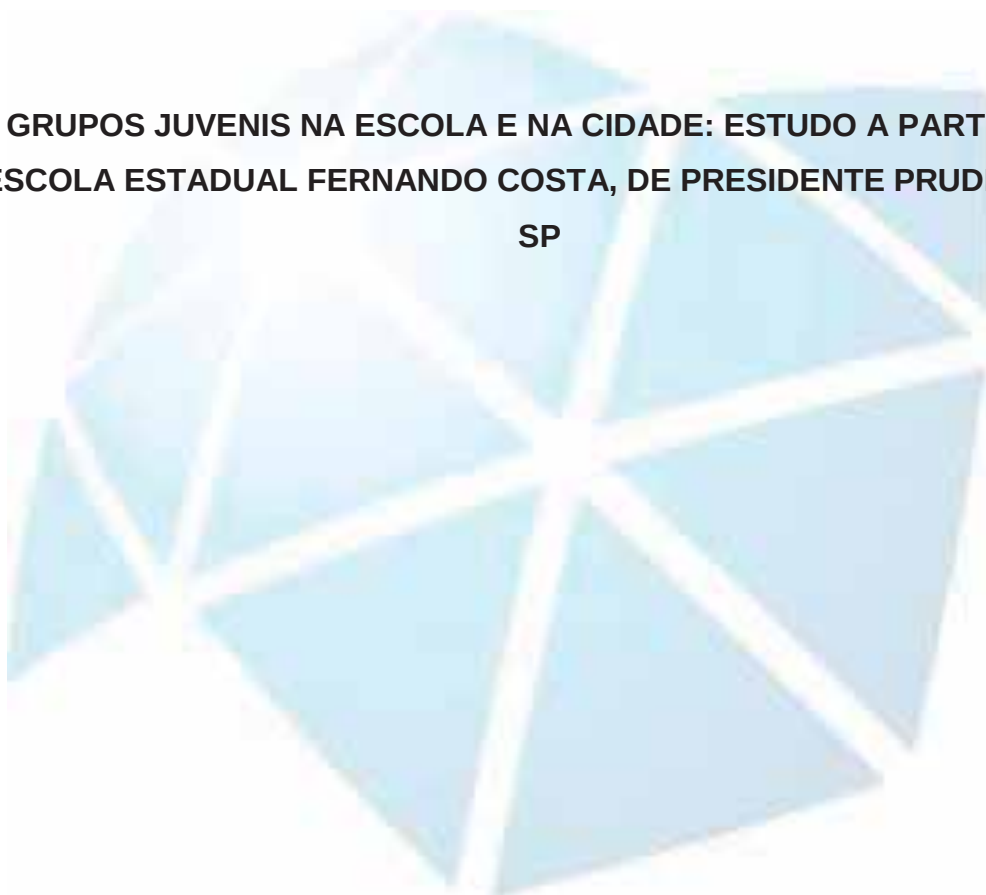


Renata Sakurai

**GRUPOS JUVENIS NA ESCOLA E NA CIDADE: ESTUDO A PARTIR DA
ESCOLA ESTADUAL FERNANDO COSTA, DE PRESIDENTE PRUDENTE –
SP**



Presidente Prudente
2012

Renata Sakurai

**GRUPOS JUVENIS NA ESCOLA E NA CIDADE: ESTUDO A PARTIR DA
ESCOLA ESTADUAL FERNANDO COSTA, DE PRESIDENTE PRUDENTE-
SP**

MONOGRAFIA APRESENTADA AO
CONSELHO DE CURSO DE
GEOGRAFIA DA UNESP, CAMPUS
DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Orientador: Prof. Dr. Nécio Turra Neto

PRESIDENTE PRUDENTE

2012

Sakurai, Renata.
S152g Grupos Juvenis na Escola e na Cidade : estudo a partir da
Escola Estadual Fernando Costa, de Presidente Prudente – SP /
Renata Sakurai – Presidente Prudente: [s.n] 2012
121 f. : il.

Orientador: Nécio Turra Neto
Trabalho de conclusão (Bacharelado - Geografia) - Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Juventude. 2. Escola. 3.Cidade. I. Turra Neto, Nécio. II.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia.
III. Grupos Juvenis na Escola e na Cidade : estudo a partir da Escola
Estadual Fernando Costa, de Presidente Prudente – SP.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Nécio Turra Neto
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Eda Maria Goes
(FCT/UNESP)

Dr^o. Antonio Henrique Bernardes
(FCT/UNESP)

Renata Sakurai

RESULTADO: _____

O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia.
Leoni

Para todos os amigos que fiz.

Agradecimentos

Para todos que contribuíram no meu sonho.

Agradecimento especial ao Professor Dr. Nécio Turra Neto pela paciência e orientação que me conduziram a um amadurecimento pessoal e intelectual. Por acreditar e incentivar a correr atrás dos meus objetivos. Por proporcionar-me contato com a iniciação científica e pelo imenso auxílio no desenvolvimento do estudo.

Meus agradecimentos sinceros a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para com este trabalho que representou, acima de tudo, uma conquista pessoal e profissional.

Agradeço aos meus pais, aos meus tios, tias, primos e primas. As minhas irmãs Karina e Patrícia, e ao Dennis que sempre estiveram presentes, apesar da distância. Agradeço também ao Bruno, que sempre esteve ao meu lado nas horas difíceis e também toda a sua família que nesses últimos anos também foram a minha.

Aos meus primeiros amigos feitos na faculdade que permanecem até hoje, Ramon, Priscila e Tainá. Em especial para a Priscila que sempre esteve junto comigo durante estes cinco anos acadêmicos, pela nossa parceria nos momentos de estudo e momentos de lazer, pelas alegrias e frustrações, bem como as orações realizadas.

As minhas amigas Larissa, Renata e Helô que sempre vou levar comigo durante a minha caminhada. Ao Renan, Fernando e Tomás pelas risadas e pelos momentos de diversão. Aos amigos, Raquel, Fernanda, Carol e Bruna e também Dida, Migué e Coala. Para a família feita em sala de aula, Mari, Muri, Jimmy, Mari e Nathy.

Mas mais importante que os créditos são as lembranças e amizades sinceras que carregarei dentro de mim!

Sumário

Resumo.....	09
Introdução.....	11
 Capítulo 1 - Juventude, Escola, Sociabilidade e Território: acercamento teórico conceitual do tema da pesquisa.....	12
1.2. Escola e a sociabilidade juvenil	20
 Capítulo 2- Metodologias da Pesquisa e Escola Campo	34
Capítulo 3 - Conhecendo os jovens do I.E: espaços e tempos da escola.....	43
3.1 – Entrada.....	43
3.2 – Sala de aula.....	52
3.3 – Intervalo.....	56
3.4 – Saída.....	65
 Capítulo 4 - Os jovens e a cidade: conhecendo lugares e caminhos.....	68
 Considerações Finais.....	97
Referencias	100
Anexos.....	103

Lista de Mapas

Mapa1 Presidente Prudente: Bairro de residência dos alunos.....	47
---	----

Lista de Tabelas

Tabela 1 Idade dos jovens dos Terceiros anos do Ensino Médio.....	45
Tabela 2 Jovens dos 3 ^{os} . anos que trabalho, por gênero.....	58

Lista de Figuras

Figura 1. Localização das duas escolas estudadas.....	34
Figura 2. I.E Fernando Costa.....	22
Figura 3. Dia de semana de F.....	74
Figura 4. Final de semana de F.....	75

Figura 5. Durante a semana de J.....	78
Figura 6. Final de semana de J.....	79
Figura 7. Durante a semana de I.....	81
Figura 8. Final de semana de I.....	82
Figura 9. Durante a semana de E.....	84
Figura 10. Final de semana de E.....	85
Figura 11. Durante a semana de D.....	86
Figura 12. Final de semana de D.....	87
Figura 13. Durante a semana de C.....	89
Figura 14. Final de semana de C.....	90
Figura 15. Durante a semana de H.....	91
Figura 16. Final de semana de H.....	92
Figura 17. Durante a semana de G.....	94
Figura 18. Final de semana de G.....	95

Lista de Gráficos

Gráfico 1. Transporte utilizado para chegar na escola.....	47
Gráfico 2. Religião dos jovens.....	51
Gráfico 3. Opinião dos jovens em relação a escola.....	54
Gráfico 4. Quantidade de jovens que trabalham.....	57
Gráfico 5. Motivos que levam os jovens a trabalharem.....	60
Gráfico 6. Gastos mais frequentes.....	61
Gráfico 7 Estilos musicais mais ouvidos.....	62
Gráfico 8 Melhor lugar da escola.....	64
Gráfico 9 Melhor momento da escola para os alunos.....	66
Gráfico 10 Cursos após período escolar.....	67
Gráfico 11 Localização do principal grupo de amigos.....	70
Gráfico 12 Espaços de lazer mais frequentados pelos jovens.....	71
Gráfico 13 Com quem frequenta os espaços de lazer na cidade.....	72

Resumo

Este trabalho é resultado de estudos passados, como o projeto de iniciação científica e o projeto do Núcleo de Ensino que se pautaram no conhecimento dos /das jovens moradores de Presidente Prudente – SP.

Tem como objetivo interpretar e conhecer as formas que os/as alunos vivenciam a escola e a cidade. Para tal empreitada buscamos como campo de estudos os/as alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Fernando Costa, vulgo I.E. localizado no coração da cidade.

O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da Observação Participante, posteriormente a aplicação de questionários, entrevistas e por fim a realização de um Grupo Focal.

Finalizamos com as considerações sobre o material colhido no campo, suas vivências escolares e cidadinas. Seguindo das conclusões tiradas a partir deste estudo.

Palavras Chave: Juventude, escola, cidade, Presidente Prudente.

ABSTRACT

This work is the result of previous studies, such as the undergraduate research project and the “Núcleo de Ensino” project, which were based on knowledge of young residents of Presidente Prudente - SP.

The present study aims to interpret and understand the ways the students experience the school and the city. To get results we studied the high school students of State School Fernando Costa, known as IE, located in the heart of the city.

The research development came from the Participant Observation, after the use of questionnaires, interviews and finally the completion of a Focus Group.

Finally, there is the consideration of the material collected in the practice, their school experiences and City entertainment. Following the conclusions drawn from this study.

Keywords: Youth, school, city, Presidente Prudente.

Introdução

Na temática sobre juventudes, observamos que há uma pluralidade significativa de obras e artigos publicados no campo da educação e contribuições enriquecedoras que nos fazem pensar as relações de aprendizagem que acontecem na vivência juvenil na/da cidade e suas relações de aprendizagem tecidas na escola, enquanto educação formal.

Há também, na literatura, a problematização do espaço escolar como o espaço educativo por excelência, assim como também, há uma abordagem do espaço escolar como espaço do encontro e da sociabilidade entre os/as jovens, dimensão esta que nem sempre é considerada de forma relevante no cotidiano escolar, como ressaltante para a formação dos sujeitos.

Diante de tais fatos, este trabalho busca compreender a dimensão educativa da sociabilidade juvenil, no espaço escolar e para além dele, nos espaços mais amplos da cidade. Para isso, o trabalho divide-se em cinco partes. Primeiramente, pretendemos discutir os conceitos primordiais desta pesquisa: juventude, sociabilidade e escola. Continuamos o trabalho apresentando a proposta metodológica utilizada, os limites e desafios que cada metodologia demanda.

Mais a frente, tratamos os jovens do I.E., seus espaços e tempos no período escolar. Contaremos nossas experiências da escola a partir da observação participante, seu ritual de entrada, a sala de aula, a hora do intervalo (momento de festa) e, por fim, o horário da saída, que é ansiosamente esperado por todos os alunos e alunas.

Completando, trataremos dos jovens na sua relação com a cidade, como é o processo de circulação e quais os espaços que eles conhecem, bem como suas rotinas e afazeres.

Com isso, esperamos oferecer uma contribuição para a compreensão das relações entre uma geografia das juventudes, na sua relação com a escola e a cidade, como forma de pensarmos também em ações educativas além da escola.

Capítulo 1

Juventude, Escola, Sociabilidade e Território: acercamento teórico conceitual do tema da pesquisa

Foi na sociedade moderna que emergiu a condição social da juventude, enquanto uma fase de vida, um período de intermediação entre a infância e a idade adulta. Em fins do século XIX e início do XX, a Sociologia nascente passou a se interessar pela temática da juventude, sobretudo, quando aos agrupamentos juvenis estruturados nos espaços escolares passaram a transpor os limites dos “padrões de sociabilização aos quais deveriam estar submetidos” (ABRAMO, p.8, 1994), ou seja, passaram a questionar os julgamentos da sociedade, apresentando comportamentos extravagantes que confrontavam a moral e os bons costumes. Em razão do comportamento “estranho” e fora do normal para os padrões vigentes na época – fins do século XIX -, a juventude passou a ser foco de estudo e, num primeiro momento, foi encarada como um novo problema que a sociedade moderna deveria enfrentar, ele mesmo resultado de suas transformações sociais.

Mais recentemente, percebemos um interesse pela juventude por parte da Geografia. Diante disto, como geógrafos, pretendemos traçar a relação dos grupos juvenis com a escola, com o lazer, com sua rede de sociabilidade, em suma, tentaremos traçar quais são os espaços e tempos em que estes jovens realizam apropriações coletivas da escola e identificar se os grupos de sociabilidade pelos quais ganham a cidade são ou não constituídos nas sociabilidades tramadas nos tempos e espaços escolares.

Para dar continuidade ao trabalho, tentaremos deixar claro alguns conceitos. Primeiro o que é juventude?

Pois bem, tratar de juventude não é um assunto fácil. Existem hoje muitos pesquisadores que tentam traçar um panorama do conceito de juventude, muitos deles se complementam e outros divergem entre si. Nas palavras de Dayrell (2005), “não é fácil construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real” (p. 21). De tal forma, tentaremos explicar ao leitor, brevemente, como se deu o desenrolar da história da juventude.

Abramo (1994), a partir da obra de Ariès (1981), afirma que, até a Idade Média europeia, o universo adulto e infantil não eram separados, bem como também não existia a distinção da vida familiar e da vida social – ou seja, uma delimitação precisa entre os universos do público e do privado. Desse modo, a criança era “misturada”, desde cedo, no mundo adulto e sua educação se realizava nesta interação, em momentos de trabalho, cerimoniais e festivos (TURRA NETO, 2008). Portanto, não havia uma fase de vida que separava esta criança da idade adulta.

Assim, somente no século XVII, juntamente com a revolução industrial na sociedade europeia e com a privatização da vida familiar, foi que a criança passou a ter seu próprio espaço. Ela passou a ser colocada, junto com outras crianças, em instituições educativas, construídas para o fim de prepara-las para o futuro.

Com a escola, a criança passou a frequentar um mundo de iguais, e a parte, deixando de se misturar com os adultos. E foi no cenário escolar, pela ampliação dos anos de estudo, que a criança e, depois a juventude, passaram a se destacar, enquanto grupos diferenciados, no seio da sociedade moderna; a ter seus próprios grupos de sociabilidade, formado por pessoas da mesma idade e a receber tratamento institucional, político e discursivo, enquanto sujeitos sobre os quais a sociedade deveria intervir, para prepará-los para o futuro, que seria o futuro da própria sociedade.

Convém salientar que a escola, nessa época, era quase que exclusivamente para o sexo masculino e, tão somente no século XVIII o monopólio do sexo masculino foi quebrado, vindo o sexo feminino a participar da vida escolar. Mas ainda era restrito a certos setores sociais, como a aristocracia e a burguesia, que eram os grupos que poderiam manter seus filhos na escola. No século XX, houve uma ampliação da condição juvenil, para amplos setores da sociedade sendo assim:

A juventude europeia, até meados do século XX, era definida em termos de uma fase de transição no âmbito de um processo que tem como fim o acesso a posições adultas pertencentes às classes dirigentes. Neste período, a maioria da população da mesma idade estava excluída, porque se inseria desde muito cedo no mercado de trabalho. A noção de juventude construída na

modernidade – e da qual somos herdeiros – é fruto de uma determinada classe, a burguesia, e de uma determinada noção de tempo (DAYRELL, 2005, p.28).

Foi diante destes acontecimentos que a sociedade ocidental fixou os moldes das variadas etapas da vida.

Contudo, a reunião de grupos de idade em espaços específicos, deu origem a grupos de sociabilidade que ganharam cada vez mais visibilidade no espaço público e que, ainda no final do século XIX, vieram a aparecer de forma a contestar alguns dos valores aos quais estavam submetidos. Foi então que certa preocupação em tematizar a juventude no âmbito das ciências sociais começou a se desenvolver.

Dayrell (2005), baseando-se em Pais (1993), nos diz que na Sociologia da Juventude haveria basicamente duas vertentes de elaboração conceitual, a geracional e a classicista. Na primeira, ou seja, de geração para geração, teríamos na juventude formas distintas de se relacionar com a sociedade. A juventude é vista de forma mais homogeneia. Certas atitudes e padrões psicológicos e fisiológicos, próprios da passagem das idades, marcariam o modo de ser jovem, independente da geração a qual pertence e do meio social. A diferenciação no seio da sociedade seria entre a geração juvenil atual e as gerações mais velhas. Esta vertente atribui à faixa etária os atos realizados pelos jovens. Em contrapartida, não leva em questão o contexto social e econômico que também influenciam no modo de ser jovem. Sendo assim:

[...] a juventude é [entendida pela vertente geracional como] uma fase da vida, enfatizando a busca de aspectos características mais uniformes e homogêneos que fariam parte de uma cultura juvenil, unitária, específica de uma geração definida em termos etários. Nesta corrente estariam presentes tanto as teorias da socialização quanto as teorias sobre gerações (DAYRELL, 2005, p.22)

Pais (2003), por sua vez, enfatiza que, para a corrente geracional, a juventude é entendida como fase de vida. Neste viés, Pais (2003) argumenta que

[...] para a corrente *geracional* a renovação e a continuidade da sociedade dependeriam da relação entre as gerações, dialecticamente submetidas a uma outra forma de tensão. Para esta corrente, os indivíduos experimentariam o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como *membros de uma geração*, e não, por exemplo, como *membros de uma classe social* (como defende a corrente classista). Isto é para a corrente *geracional*, as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse facto, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares. (PAIS, 2003, p.51)

A principal crítica de Pais a esta corrente é que ela supervaloriza a dimensão etária da juventude, tendendo a considerar a condição juvenil em sua homogeneidade. Pertence a esta corrente a noção de “crise da juventude”, entendida como uma fase difícil, conturbada e problemática, a qual a sociedade deveria prestar atenção e intervir, “fruto das mudanças corporais, da necessidade de uma identidade singularizada, ou mesmo da ambiguidade do seu lugar na família e na sociedade” (DAYRELL, 2005, p.31). Esses fatores gerariam no/na jovem uma crise de personalidade, conflitos familiares e até de ordem social. Deste modo, Abramo (1994) nos conta que nessa perspectiva da juventude enquanto fase de transição e crise

[...] a juventude é entendida como uma etapa de transição, que processa a passagem de uma condição social mais recolhida e dependente a uma outra mais ampla; um período de preparação para o ingresso na vida social adulta.

Essa passagem envolve muitas dimensões e é caracterizada de várias maneiras: da família de orientação para a família de procriação; de uma situação de dependência para uma outra de independência; do aprendizado para a produtividade; da tutela para a autonomia; do mundo da casa para o mundo da rua etc. A ideia central é a que a juventude é o estágio que antecede a entrada na “vida social plena” e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos que os da criança e não tão completos quanto os do adulto. Assim como os limites de início e término dessa transição não são claros nem precisos, nem demarcados por rituais socialmente reconhecidos, nas sociedades modernas, esses direitos e deveres não são claros explicitamente definidos nem institucionalizados, imprimindo-se à condição juvenil uma

imensa *ambiguidade* (grifo da autora, ABRAMO, 1994, p. 11).

Contudo, esta é uma perspectiva que será contestada por vários autores, inclusive por Dayrell (2005), quando afirma que não identificou uma crise de identidade na vida dos jovens que estudou na periferia pobre de Belo Horizonte, nem uma ruptura com a família de origem e seus valores. Para ele, os jovens que encontrou viviam em relações parentais menos marcadas pela autoridade e mais dialógicas, de modo que não romperam com a família de origem e também não experimentaram crise ao entrarem na juventude. A crise maior identificada pelo autor foi quando tiveram que viver menos as relações de sociabilidade entre seus grupos de pares, pois precisavam trabalhar, estudar e inclusive sustentar uma nova família, ou seja, a crise apareceu mais na entrada do mundo adulto do que na vivência da juventude.

Com relação à segunda vertente, conhecida como classista, esta considera a diversidade das juventudes conforme o pertencimento a certas classes sociais. Neste sentido:

A segunda vertente, classista, trata a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, em razão das diferentes origens de classe, que apontam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural. As culturas juvenis seriam sempre culturas de classe. Como produto das relações sociais antagônicas, expressariam sempre um significado político de resistência, ganhando e criando espaços culturais (DAYRELL, 2005, p.22).

A abordagem que Pais (2003, p. 56) faz acerca da corrente classista revela que esta linha de pesquisa é pautada principalmente na “reprodução social”, que “é fundamentalmente vista em termos de reprodução de gênero, de raça, enfim de *classes sociais*.”. Neste enfoque, a saída da vida juvenil está condicionada pelas desigualdades sociais.

Conforme se depreende acima, Dayrell (2005) nos mostra como é ampla a noção de juventude no campo da Sociologia.

Contudo, baseando-se em Pais (1993), afirma que essas duas vertentes não dão conta da complexidade da condição juvenil. Para o autor, para conhecer o universo juvenil, é preciso compreender cada contexto, levando em

conta a origem social, ter cuidado com os determinismos, tratar o jovem na sua diversidade e pensar as juventudes, no plural. Além disso, é preciso considerar que, apesar da sua diversidade, há alguns aspectos gerais e comuns que também não podem ser perdidos de vista, como as ideias de maior autonomia social, de maior circulação pela cidade, de necessidade de estar em grupos de pares, que acreditamos serem algumas das características definidoras da própria condição juvenil.

Dayrell (2005) ainda aponta algumas orientações a serem seguidas quando estamos trabalhando com o termo juventude sendo:

Um primeiro aspecto é a necessidade de considerar a noção de juventude não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos em seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta (DAYRELL, 2005, p.33).

Nesta senda, o autor propõe considerarmos os contextos particulares de interação dos jovens como reveladores de formas específicas de viver a juventude. Assim, ao invés de buscar por um modelo prévio para analisar os jovens estudados, Dayrell (2007) busca evidenciar os modos particulares de ser jovem. O autor argumenta que é preciso adotar uma abordagem ainda mais plural, que encare a juventude pela sua diversidade sociocultural, sendo esta razão a necessidade de colocar o próprio termo no plural – juventudes -, “[...] considerando os diferentes sistemas de interações sociais que interferem na trajetória social dos jovens” (DAYRELL, 2005, p. 22).

Abramo (1994), de forma similar, argumenta que a juventude é uma forma ímpar de se viver o agora/presente. Ou seja, cada juventude é decorrência de cada contexto histórico e social em que o/a jovem está inserido, conseqüentemente, suas manifestações seriam correspondentes a este período e a este meio social. Deste modo, não haveria, ou melhor dizendo, seria difícil identificar um elo que una as diferentes formas de expressar a

juventude de diferentes gerações, porque nenhum contexto histórico cultural e econômico é igual.

Em outra abordagem, Dias (2006) trata da condição juvenil atual no mundo da aceleração contemporânea, com a globalização. Dias (2006) discute que “nos tradicionais estatutos de passagem da adolescência para a vida adulta”, os jovens eram obrigados a seguir normas e regras impostas pela sociedade e, diante de tal atitude, se inseriam no “espaço estriado”. No entanto, não são todos os jovens que seguiam perfeitamente este modelo imposto pela sociedade e, com o passar dos tempos, novas normas e regras surgiram na sociedade, tentando abranger as múltiplas formas de ser jovem. Por isso, Dias (2006) salienta que, com a mudança:

[...] das estruturas sociais cada vez mais fluidas, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem da casa dos pais para um dia qualquer voltarem; abandonam os estudos para o retomar tempos depois; encontram emprego e em qualquer momento se veem sem ele; suas paixões são como ‘voos de borboletas’, sem pouso certo; casam-se, não é certo que seja para toda a vida...São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do ioiô ajuda a expressar. Como se os jovens fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios (DIAS, 2006, p.8,9).

Diante destas estruturas nada sólidas do mundo contemporâneo, ou melhor, como diz Dias (2006), destas “inconstantes flutuações emocionais”, o/a jovem se vê inserido em múltiplos meios socializadores, desenraizando-se dos modelos fixos de juventude e de passagem para a vida adulta.

Ainda assim, precisamos reconhecer que existem poderosas ideias do que seja juventude, que circulam pela sociedade, que marcam as instituições educativas e os meios de comunicação de massa e a cultura de consumo. Ideias que fazem apelos aos sujeitos que estão nesta fase de vida e as quais são acionadas, ou não, por eles para elaborarem sua experiência de juventude. Em relação aos jovens estudantes, sobretudo os da escola pública que tivemos acesso, duas dessas ideias estão bastante presentes: a juventude como fase de preparação para o futuro e a juventude enquanto período de experimentação, diversão, vivências em grupos de pares e frequência dos

espaços de encontro juvenis na cidade. Para alguns jovens estas ideias são antagônicas, para outros, é possível articulá-las.

1.2. Escola e a sociabilidade juvenil

O Instituto de Educação Fernando Costa (I.E.) era designado em sua fundação em 1941 de Ginásio Estadual Fernando Costa. Representou, na época de sua fundação, a concretização de um sonho da população prudentina de ter um ginásio de ensino secundário na cidade. Sonho que tinha sido adiado até então, pois, em 1937, Getúlio Vargas instalou o “Estado Novo” e passou a governar o Brasil em formas ditatoriais. Ribeiro (1999, p. 93) afirma que, com a criação do Estado Novo:

[...] a política educacional se transformou, pois o regime autoritário tinha novas diretrizes e ideologias a serem difundidas pela educação [...] a estratégia educacional do novo governo visava mais o ensino elementar e o ensino rural.

Por tal motivo, a criação do Ginásio Estadual Fernando Costa foi adiada. A cidade, sob a direção do médico e prefeito Domingos Leonardo Cerávolo, a cada ano crescia mais e mais, tanto em termos populacionais, quanto em espaço urbano e em melhorias urbanísticas. Foi o prefeito que levou para o Interventor Federal Ademar de Barros a reivindicação da população em prol do ginásio.

O progresso de Presidente Prudente desencadeou, no início da década de 40, reivindicações populares por um estabelecimento de ensino médio oficial. Em 1940, a cidade tinha apenas 23 anos de idade e já despontava como a mais importante da Alta Sorocabana (RIBEIRO, 1999, p. 97).

Ribeiro (1999) nos chama atenção para o fato de que, naquela época, somente existiria 20 ginásios no estado de São Paulo. Sendo Presidente Prudente uma cidade nova e que já pedia a construção de um Ginásio, este pedido era um tanto quanto arriscado. E não bastando isso, a construção do ginásio ainda teria que enfrentar as estradas mal feitas e a vegetação, levando em conta que a cidade ainda era cercada de matas e, conseqüentemente, dificultaria a entrada de professores para lecionar.

Conforme dito, o pedido foi solicitado ao Interventor Federal Ademar de Barros. Este, por sua vez, estava interessado em se candidatar para o cargo de

governador do estado de São Paulo. E por querer a adesão dos prefeitos do interior do estado, e assim ganhar mais votos, concedeu a construção do ginásio. Mas o Inventor Federal deixou algumas regras a serem seguidas para a construção do ginásio:

[...] queria que a prefeitura se encarregasse da edificação do prédio, construindo-o de acordo com a planta oficial. Que também doasse ao Estado o material didático – pedagógico, exigido pela Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, necessário ao ensino secundário. Além disso, que a prefeitura o custeasse por dois anos. Portanto, mesmo aceitando a criação através de decreto [...], o interventor exigia um prédio próprio para a instalação do mesmo.

Assim o que deveria ser dever do Estado acabou sendo repassado para a Prefeitura Municipal. Como a prefeitura não tinha recursos para construir o prédio, o prefeito Cerávolo formou uma comissão para arrecadar fundos para a construção do ginásio. Portanto, mesmo que Cerávolo tenha conseguido a criação do ginásio, ele precisava da colaboração da comunidade porque a prefeitura não poderia construir o prédio sozinha (RIBEIRO, 1999, p.99).

Dada as exigências para a construção do Ginásio por parte do Estado, o prefeito Cerávolo, no ano de 1939, criou uma comissão Pró-Ginásio do Estado. Esta comissão era formada pelos principais interessados em usufruir do ginásio, sendo eles, o próprio prefeito da cidade de Presidente Prudente, outros prefeitos das demais cidades da região, interessados em mandar alunos para estudar, a Colônia Japonesa, e os membros dominantes da comunidade prudentina (RIBEIRO, 1999). Dada a realização da comissão, esta ficou responsável em arrecadar os fundos para a construção do prédio e o prefeito Cerávolo foi negociar com o Coronel Goulart o terreno. Goulart disponibilizou um terreno próximo ao centro, na Avenida Conselheiro Antônio Prado, no valor 50 contos de réis. A prefeitura e a comissão não conseguiram arrecadar todo o valor para cobrir os gastos do terreno e dos materiais para a construção. Diante disso, Goulart cedeu 20 contos de réis e a prefeitura pode efetuar a compra. Foi a própria prefeitura que também colocou o prédio em pé, já que não se candidatou nenhuma construtora.

Hoje, o Instituto de Educação Fernando Costa está localizado numa das principais avenidas da cidade, a Avenida Washington Luiz e recebe alunos não mais da região, mas de todos os bairros da cidade.



Figura 2: I.E Fernando Costa

Fonte: Foto tirada pela autora, 2011.

Em 1940 iniciaram a construção do prédio, e em 1942 a primeira ala do prédio já estava terminada podendo ser inaugurada. Diante da grande proporção que envolveu o Ginásio Estadual, em 1943 a cidade foi escolhida para abrigar um Colégio Universitário, o que levou o ginásio a passar por uma reforma, e o papel de Cerávolo foi fundamental, junto com o novo Interventor Federal Fernando Costa. A população sentiu orgulho de abrigar o único colégio universitário da região e para agradecer ao Interventor Federal, homenagearam-no dando o seu nome para a instituição. Em setembro de 1954, começou a construção da outra ala do prédio, deixando a escola com as características como a conhecemos hoje.

Ribeiro (1999) baseia-se em dois autores na tentativa de explicar como que deu a construção do ginásio. Ela explica que para o Professor Dióres Santos Abreu, a construção se deu, principalmente, pela atuação do prefeito Cerávolo, sendo a prefeitura a principal responsável pelo investimento realizado na instituição de ensino. Já o segundo autor, Litholdo, disse que foi graças ao esforço da população da cidade, movida pelos ideais do “Manifesto

dos Pioneiros”, que reivindicavam um ensino gratuito e público, que o ginásio passou a existir. Este movimento partiu da ação de jovens da própria cidade e depois passou a expandir o movimento para as cidades vizinhas. Devido ao grande interesse da população não só local, mas sim regional, foi que estes se organizaram para a arrecadação de dinheiro para colocar em pé o prédio, que iria se tornar o primeiro Ginásio Estadual do Oeste Paulista.

Nossa primeira visita ao I.E. Fernando Costa foi para nos apresentarmos para a direção da instituição, apresentar nossas propostas de pesquisa e, conseqüentemente, sanar algumas dúvidas quanto a nossa intenção. Conforme dito acima, ainda a escola se encontra no centro da cidade, e recebe alunos dos mais diversos bairros do município.

Quando entramos na escola, fomos recebidos pela vice-diretora, que nos mostrou a instituição. Andamos pelas salas de aula, pelo pátio, biblioteca e demais dependência. Nessa apresentação, já nos chamou a atenção a degradação a que aquele espaço estava submetido, ao longo dos anos: eram pichações, vidros quebrados, mesas e cadeiras em péssimo estado. Vimos o rigoroso sistema de segurança que a escola apresenta hoje, incorporado ao longo dos anos, como portões, grades e cadeados, separando vários dos seus espaços de circulação, restringindo o livre acesso dos estudantes ao pátio, por exemplo. Como o I.E. hoje é composta por 3 (três) andares de salas de aula, todas as passagens para o pátio são trancadas por grandes portões de ferro, a porta principal que dá acesso para a rua é trancada e só aberta pelo pessoal da secretaria.

No térreo, fica localizado um amplo pátio, ao lado das quadras poliesportivas. O acesso do pátio às quadras é controlado por um portão e cadeados. Além desses equipamentos, a escola também conta com um refeitório que, recentemente, passou por uma reforma, uma pequena biblioteca e, ao fundo, fica localizado o laboratório de ciências que, conforme nos foi apresentado, encontra-se sem uso. A escola oferece ensino fundamental e médio, funcionando nos três turnos, matutino, vespertino e noturno. Também oferece aulas especiais para deficientes auditivos.

Tentamos apresentar de forma simplificada e longe de se esgotar o assunto a forma como se deu a construção de um dos maiores e mais importante monumentos de educação pública de Presidente Prudente. Levando

em consideração todo o esforço, tanto da população, quanto do poder público e privado para a construção e finalização da obra, vemos como os valores sociais mudam com o tempo, de modo que nos dias atuais esta instituição não é mais tão valorizada como nos dias pretéritos, dadas as más condições que o prédio apresenta.

A instituição escolar deve se manter atualizada nesta era da globalização, onde as variações de geração para geração estão cada vez mais velozes. Deve-se acompanhar o desenvolvimento tecnológico e, assim, falar a linguagem do aluno. Dayrell (2001) vai mais além, dizendo que a escola deve ser um espaço em que os jovens e as jovens poderiam estabelecer relações positivas com o conhecimento e, ao mesmo tempo problematizar e (re)elaborar seus projetos de futuro, onde poderiam expressar-se enquanto jovens e viverem relações de sociabilidade, que são também elas educativas. Esta é uma perspectiva que entende a escola como espaço sociocultural. Para o autor,

Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 2001, p.136).

Diante deste contexto, Dayrell (2001) explica que até a década de 1980, a escola:

[...] era pensada nos marcos das análises macro-estruturais, englobadas, de um lado, nas “teorias funcionalistas” (Durkheim, Talcott Parsons, Robert Dreeben, entre outros), e, de outro, nas “teorias da reprodução” (Bourdieu e Passeron; Baudelot e Establet; Bowles e Gintis; entre outros). (DAYRELL, 2001, p. 136)

Para este autor, nessa época, a escola era analisada sob o viés da força das macroestruturas, “analisavam os efeitos produzidos na escola pelas principais estruturas de relações sociais que caracterizam a sociedade capitalista, definindo a estrutura escolar e exercendo influências sob o

comportamento dos sujeitos sociais” (p.136). Mais recentemente, emerge outra perspectiva, em que se “buscava superar os determinismos sociais e a dicotomia criada entre homem-circunstância, ação-estrutura, sujeito-objeto” (p. 136). Neste sentido, há a valorização da ação/atuação do sujeito perante as estruturas sociais.

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

A escola, como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. Fruto da ação recíproca entre o sujeito e a instituição, esse processo, como tal, é heterogêneo. Nessa perspectiva, a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração, reelaboração ou repulsa expressas pelos sujeitos sociais (DAYRELL, 2001, p.137).

É também diante disso que nossos olhares se voltaram para o papel que os/as alunos/as jovens representam na vida social e na vida escolar. A escola tende a ver os/as alunos/as numa perspectiva homogeneizante, ou seja, ela tem uma única função que é garantir que os alunos e alunas tenham acesso ao conhecimento acumulado pela sociedade. Dayrell (2001), nesse sentido, demonstra que, sendo a instituição escolar embasada nesse argumento, ela visa “a produtos, resultados e conclusões, sem levar em conta o valor determinante dos processos” (p.139). Daí, então, a necessidade de conseguir “entender”, “aprender” a matéria, para poder passar de ano, pois, isso sim é importante. O aluno é rotulado como bom ou ruim na vida escolar e em suas variações, arteiro, atentado, quieto, dentre outros e a heterogeneidade cultural mais uma vez esquecida.

Na perspectiva do aluno e da aluna, a escola, assim pensada, é uma prisão. A escola não sabe aproveitar as experiências pelas quais alunos e

alunas passaram, deixando uma lacuna de comunicação entre o conhecimento escolar e o conhecimento que adquiriram nas suas vidas, em outros contextos, que também são educativos. E também é nesse sentido que a escola impõe um comportamento “igual” a todos, não deixando as culturas juvenis entrarem no palco educacional. Contudo, elas forçam sua entrada e cavam espaços para que se manifestar na escola, ainda que seja nos interstícios dos espaços e tempos institucionais.

Cada aluno e aluna tem a sua historicidade [e uma geograficidade], “com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios” (DAYRELL, 2001, p.140).

Também nesse sentido, Carrano (2003) argumenta que a educação não é um material que deve ser moldado e inserido nas mentes humanas, a partir de instituições escolares e seus pedagogos. Partindo deste ponto, entendemos a importância de abarcar as relações humanas que se estabelecem tanto na escola, como na cidade, porque tais relações também geram aprendizados e nelas está inserida a diversidade e a heterogeneidade dos grupos juvenis. Com isso, reconhecemos os distintos contextos que geram diferentes acontecimentos educativos. Para ele, a educação informal:

[...] seria constituída pelo conjunto de processos e fatores que geram efeitos educativos sem que tenham sido expressamente configurados para esse fim. Diferentemente dos setores formais e não-formais a educação informal não se caracteriza por uma intervenção pedagógica intencionada e consciente. A educação informal seria composta, entretanto, de determinados processos com uma maior possibilidade de identificação dos agentes e previsão da configuração das condutas e de outros que seriam caracterizados por fatores desconhecidos e descontrolados (CARRANO, 2003. p.1).

Este processo de aprendizagem ocorre de forma não planejada, sem uma sistematização, diferente do que ocorre na instituição escolar. Acontece no dia a dia das ruas. Nesse mesmo sentido, Castro (2004) afirma que, quando os jovens e as jovens se lançam para a vida cidadina, conhecendo nos espaços e lugares, a escola e a família tão somente passam orientações, mas, o/a jovem só aprende quando se lança sozinho no mar de ruas e prédios que a

cidade oferece, ou seja, viver a cidade é, antes de tudo, um processo de autoaprendizagem.

Carrano (2003), desenvolve o tema da educação difusa. Para ele, esta compreende um

Conjuntos das condições – a qualidade de vida – que permite um desenvolvimento cultural graças à capacidade da autoformação, como autorregularão e apropriação da existência, da história pessoal e coletiva, abre novamente o futuro à participação de todos numa cultura verdadeiramente popular. Nesta última hipótese, já não se trata, mais, através da educação extraescolar, de fazer mais, fazer melhor ou fazer de outro modo que “a escola”; trata-se, sim, de examinar as possibilidades que tanto a educação escolarizada como a extraescolar oferecem no sentido de *permitir aos outros que se façam* (CARRANO, 2003, p. 18-19 – grifos do autor).

Aprofundando o nosso estudo sobre a relação dos/das jovens com a escola e a cidade, podemos dizer que estes encontram dois espaços, dois modelos distintos, como nos mostra Pais (2006), contrapondo o “espaço estriado” e o “espaço liso”. O primeiro seria aquele espaço da ordem, da autoridade, ou seja, um espaço onde não existe bagunça, onde tudo está sob controle. Em contrapartida temos o “espaço liso”, onde o/a jovem pode tomar suas próprias escolhas, um espaço que é aberto para novas experiências. Este espaço é livre para o/a jovem tecer novas percepções da realidade. Este conflito foi percebido no I.E. e deve ser uma característica da maioria das escolas. Dentro da sala de aula, os alunos e as alunas tem outro tipo de comportamento, um “comportamento de palco”, uma vez que estão sujeitos a avaliação dos professores. A sala de aula é um espaço de extremo autocontrole. Percebemos também que alguns outros espaços são utilizados para a fuga destas rígidas regras de comportamento, mais precisamente o pátio, onde percebemos, principalmente na hora do intervalo escolar, como são os/as jovens quando estão sem o controle ostensivo de adultos: turmas rindo e brincando, outras ouvindo música, vendo vídeos, abraços e brincadeiras de toque, praticando o que se pode entender como uma cultura juvenil (visto que distinta do mundo adulto e, em alguns casos, contra ele e para além daquilo que os adultos presentes podem compreender). Uma cultura cujos sentidos só

são compreendidos pelos jogos de pertencimento que formam as turmas no pátio.

Estamos no campo do exercício da sociabilidade, um dos conceitos deste trabalho, que é o que passamos a desenvolver agora.

Para Simmel, sociabilidade é entendida como “o sentimento de satisfação por estar fazendo sociedade em si. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência” (SIMMEL apud CETRULO, 1999, p 15-16)

Diante disso, Cetrulo (1999, p. 17) argumenta que,

A sociabilidade é vista como um *sentimento*. O sentimento de estar se relacionando com outras pessoas e estar tendo prazer com esse relacionamento. Deve ser um sentimento de satisfação, de prazer, por estar integrado a um grupo com o objetivo exclusivo de gozar a relação com outras pessoas

É importante lembrar que no jogo da sociabilidade as diferenças devem ser deixadas de lado, bem como as características pessoais, como o caráter, a personalidade e as preferências, pois o valor mais privilegiado é o grupo e sua permanência. Dessa forma, os/as alunos/as que observamos na escola estão reunidos/as pelas mesmas afinidades e gostos, algumas turminhas intituladas de patricinhas, outros sendo os mais “cabeças”, os que estão levando um papo mais sério, os que estão brincando, abraçando e rindo. A conversa está presente em todos eles e cumpre um papel importante na sociabilidade. Fala-se para manter a conversa funcionando, para manter o grupo coeso. A reunião e a conversa tem um fim em si mesmos, na sociabilidade. E assim caminham os grupos juvenis escolares durante este curto espaço de tempo, no pátio – o recreio.

A sociabilidade acaba sendo uma trama da qual, para participar, deve-se entrar no jogo de se comunicar, um jogo em que não há perdedores, um jogo onde todos ganham com o prazer de estarem jogando (conversando, utilizando do próximo para que não fique sozinho). Como dito logo acima o jogo da sociabilidade é um jogo onde não deixa as particularidades do indivíduo aparecer, sendo assim, ele vive um “eu falso” em cada situação. O verdadeiro é desconhecido, pois, em cada situação a pessoa recria um papel para entrar no jogo da sociabilidade. Dentro da sala de aula, nos interstícios em que a

sociabilidade emerge, como um intruso, ela é diferente daquela vivida nos corredores, daquela realizada no pátio e mais diferente ainda daquela vivenciada nas ruas da cidade e nas “baladas”.

Nos dias passados dentro da escola, nos intervalos do recreio, percebemos que existiam algumas diferenças entre os diversos grupos de alunos, estilos *country*¹, *patricinhas*² *manos*³ entre outros, em muito comuns. Isto evidencia que, a despeito das diferenças socioeconômicas, que marcam os/as jovens das escolas públicas, a diversidade sociocultural é o que dá o tom da sociabilidade. O que mostra o peso da indústria cultural, da comunicação, que bombardeia o jovem com seus produtos, melhor dizendo, com suas mercadorias culturais, na formação dos grupos de sociabilidade juvenis presentes no universo escolar e, conseqüentemente, também na cidade. Para Carrano (2001)

As mercadorias culturais são processo de alienação e pertencimento social. Elas estabelecem vínculos sócio-afetivos que funcionam como resposta à fragmentação social dos territórios da cidade. O processo de realização de conexões e significados sociais ocorre sem imposição explícita de significados, uma vez que a comunicação oferecida pelas mercadorias culturais não traz a marca explícita da autoridade, tal como aquela encontrada na família e na escola. Assim, a oferta de significados culturais se apresenta sem o sentido explícito da responsabilidade educativa. As mercadorias culturais exercem sua influência individual e coletiva inundando o ambiente cultural através dos meios eletrônicos e de produtos, produzindo um quadro hegemônico de sedução e saturação semiótica (CARRANO, 2001, p.16).

De fato, as mercadorias culturais mexem com o imaginário dos/das jovens, com desdobramentos das formas de sociabilidade vividas na escola e na rua. Para ilustrar, no I.E., em um dia normal de observação participante, na hora do intervalo, estávamos sentados conversando com uma aluna. Ela

¹ Country: estilo referente à moda e música country que usam roupas características de montaria, como calças jeans apertadas, botas e camisas xadrez.

² Patricinhas: gíria usualmente para caracterizar meninas que dão maior relevância na aparência, gostam de andar bem arrumadas usando roupas de marcas e maquiagem.

³ Gíria usada para denominar um amigo, parceiro, irmão, que gosta de ouvir o mesmo tipo de som, geralmente o hip-hop, muito empregada entre os jovens da periferia. Empregado por jovens de outros estratos sociais, para definir os jovens da periferia, adquire sentido pejorativo, de jovens pobres, mal encarados e mesmo perigosos.

contava de sua vida amorosa, mas imediatamente cortou o assunto ao pensar ter visto outra menina com quem teve problemas. Ela constatou que não se tratava da menina na qual estava pensando, mas nos contou o motivo do problema. Elas tinham brigado, pois esta acreditava que aquela havia lhe roubado o celular e, depois o devolvido, alegando que seu amigo o havia encontrado. Contudo, o celular voltou sem o cartão de memória. No dia seguinte, a garota que devolveu o celular aparece na escola com o seu aparelho celular, mas com o cartão de memória que, supostamente seria da outra, com as mesmas músicas e as mesmas sequências. As duas começaram a brigar no pátio da escola, foram separadas e a briga continuou na saída, onde a aluna recuperou o seu cartão de memória.

Para Pais (2003),

[...] objectos simbólicos como a música, o vestuário, a aparência, a linguagem, as formas de interação, são cristalizações expressivas que ajudam a definir a identidade dos grupos, isto é: como todas as construções culturais, os usos simbólicos desses objectos, ajudam a expressar e a consolidar uma identidade dotada de <<coerência interna>> que, de certo modo, pressupõe uma oposição relativamente a outros grupos contra os quais essa identidade é definida (PAIS, 2003, p.129)

O poder de atração que as mercadorias culturais exercem sobre os jovens é tão grande que estes chegam até a cometer pequenos furtos para estarem na “moda”, no mesmo “estilo”.

Ao mesmo tempo em que as mercadorias culturais fazem os jovens consumirem o “estilo” e a “marca”, elas delimitam grupos e, conseqüentemente, estão envolvidas na demarcação de seus territórios, seja na escola, ou na cidade. Bem como vimos no tempo em que passamos na escola, os espaços físicos transformados em espaços de sociabilidade, sendo resignificados pelas práticas dos agrupamentos juvenis.

O conceito de território, particularmente importante para este trabalho, tem sua origem na palavra “[...] *territorium* em latim, [e] é derivada diretamente do vocábulo *latino* terra, e era utilizada pelo sistema jurídico romano dentro da chamada *jus terrendi*” (HAESBAERT, 2010, p.43). Sendo assim, território é a ocupação de uma porção do espaço (terra) circunscrita por jurisdição político-administrativa e esta é sua compreensão mais usual e permanente.

Segundo Souza (1995, p. 84):

O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”).

Diante de tal afirmação de Souza (1995), poderíamos falar em território escolar. Em tal território prevalece o poder das autoridades escolares, para as quais os/as jovens são identificados como alunos e rotulados como bons alunos e maus alunos, ou como baderneiros e comportados, entre tantas outras classificações pelas quais o poder se exerce sobre esses sujeitos. Mas estes jovens encontram lacunas (recreio) para expressar sua sociabilidade e outras identidades, que fazem sentido para os grupos de pares, mas são pouco conhecidas ou levadas a sério pelas autoridades escolares. Ou seja, num território no qual devem se sujeitar a autoridade do mundo adulto, jovens elaboram microterritórios onde podem exercer certa autonomia.

Para Haesbaert (2010), existem diferentes noções de território, que podem ser agrupadas em três vertentes:

- política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.
- cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.
- econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2010, p.40).

Numa perspectiva cultural, entendemos território, a partir de Haesbaert (2010), como espaço definido e delimitado por diferentes grupos culturais em sua interação. Grupos que sendo forçados a compartilharem o mesmo espaço, o fazem projetando sua particularidade cultural sobre porções deste espaço, delimitando-o como seu. Neste caso, estamos considerando os microterritórios constituídos pelos jovens como forma de posicionarem-se nos seus grupos de pares e diferenciarem-se entre si. Assim, os/as jovens do I.E. apropriam-se do espaço escolar, mais especificamente no horário do intervalo, transformando em lugar de encontro diversão, para tentar deixá-lo menos desinteressante, marcando-o com sua diversidade. Ao mesmo tempo, territórios constituem-se em outros espaços e tempos da escola.

A sala de aula é o território do professor, diante do qual ele exerce todo o poder de ordem e respeito. No entanto, quando há substituição do professor efetivo por um eventual, o território que era dominado pela figura do professor passa a ser dominado pelos alunos e quem adentra num território que não é o seu é o professor substituto.

Para Souza (1995, p. 87)

Territórios, que são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço* que espaços concretos (os quais são apenas os substratos *materiais* das territorialidades [...] podem, [...] formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.

No intervalo, percebemos que há disputas de alguns espaços da escola, consequentemente “brigas” para conseguir o território, como foi possível perceber nas disputas pelas mesas que ficam espalhadas pelo pátio, sempre há aglomeração entre elas, grupos que jogam cartas, outros que tomam seu lanche, meninas e meninos que sentam em cima da mesa e ficam conversando. Trata-se portanto de relações entre grupos juvenis diferentes, que se formam pelo encontro de jovens em pequenos pedaços da escola e cuja apropriação e permanência deles nesses pedaços faz com que por certo

período, que pode ser de apenas um dia, mas que pode ter a duração de toda uma vida escolar, seja identificado como daquele grupo.

Metodologias da Pesquisa e Escola Campo

Mapa de Presidente Prudente, SP

O mapa mostra a localização das duas escolas em relação à malha viária e aos pontos de interesse da cidade. A Rua Pedroso Pereira é uma via importante que corta a cidade diagonalmente.

Legenda:

- 📍 EE Fernando Costa
- 📍 EE Francisco Pessoa

Figura 1 : Localização das duas escolas estudadas

⁴ Infelizmente, devido a graves problemas de saúde, o bolsista Alex Dias Américo não pode concluir sua pesquisa.

Partindo desse viés, aterrissamos cada qual em suas escolas, para conhecer e entender o cotidiano e a espacialidade dos jovens estudantes do Ensino Médio. Lembramos como se fosse hoje, do nosso primeiro contato sem a tutela e sem o olhar atento do orientador na escola, realizado no dia 26 de maio de 2011. Neste contato inicial, fomos tomados por todas aquelas sensações tão descritas em pesquisas desse tipo: o estranhamento, a desconfiança, à distância em relação àquele universo.

A metodologia da observação participante, contudo, nos apontava alguns caminhos pelos quais os jovens poderiam se sentir mais a vontade com a nossa presença e assim nos contar suas experiências. Não foram fáceis os primeiros meses, porque esta metodologia é um processo muito longo, que exige muito do pesquisador. Para tal, o pesquisador passa inúmeros dias, meses e até anos, tentando negociar sua entrada na área. O tempo, como dissemos, se torna fundamental, tanto para ter a aceitação do pesquisador, em uma realidade a qual ele não pertence, quanto o tempo para compreender o desenvolvimento do comportamento das pessoas e dos grupos estudados. Por isso, não é possível e nem recomendado que se vá ao campo poucas vezes no decorrer da pesquisa. Nossas idas para o I.E., a maioria das vezes, eram concentradas nas segundas, quintas e sextas feiras, de 26 de maio até 30 de novembro.

Para alguns autores, como Turra Neto (2004), na observação participante, o observador se mantém numa relação face a face com seus sujeitos de pesquisa. Para isso, ele deve participar dos rituais, vivências e experiências do grupo. É a partir dessas experiências, que o pesquisador terá material para sua interpretação e produção de um conhecimento novo sobre o grupo estudado. É claro que, a partir do momento em que o pesquisador se insere no “mundo” do grupo pesquisado, ele passa a adquirir alguns costumes que não lhe eram comum, e o mesmo pode acontecer com o grupo pesquisado. Mas, diante disto, não devemos perder a capacidade de estranharmo-nos com os fatos, pois é pelo estranhamento diante das situações corriqueiras do cotidiano, que caminhará a pesquisa. Também sempre nos atentamos a perguntarmos por que as coisas acontecem da forma como acontece (sem nos deixarmos iludir pela sua banalidade), que pode surgir um conhecimento sobre a vida banal das pessoas.

Como cada situação de pesquisa é única. Nos textos de observação participante, encontramos apenas algumas pistas de como agir e este foi nosso arcabouço teórico, ao qual se somou as leituras sobre o universo juvenil e suas relações com a escola e a cidade. Do ponto de vista de Da Matta (1978), uma das fases da pesquisa é exatamente esta, de nos equiparmos da base teórica sobre o tema a ser estudado, antes de irmos a campo.

Os outros momentos, igualmente significativos, são a preparação do campo e o campo em si, no qual o pesquisador deve extrair o máximo de informações da sua realidade particular, a partir das quais realizará o confronto com a base teórica (DA MATTA, 1978).

Uma das recomendações da observação participante é que a relação de observador e pesquisado seja uma relação sem hierarquia, sentir e viver as mesmas emoções que os sujeitos pesquisados sentem. Foi isto que tentamos fazer. Logo ao entrarmos na sala de aula, apresentamo-nos para o professor e para os alunos e nos identificamos como uma estudante como eles/elas, que iria passar algum tempo na escola, para realizar uma pesquisa, um trabalho de faculdade.

Outra recomendação importante é a manutenção disciplinada de um Diário de Campo, como uma das peças fundamentais da observação. A partir do momento em que começamos a visitar quase que diariamente a escola, o diário de campo passou a ter vida. Nele, sempre anotamos tudo o que acontecia, as conversas com os grupos, os eventos realizados pela escola, como a feira de profissões, realizada pelos terceiros anos, e as aulas, os momentos de chegada, o intervalo e a saída. Anotamos também nossos sentimentos e emoções. Um cuidado que sempre tivemos foi de nunca anotar conclusões na frente do grupo estudado, pois além de ser constrangedor para os/as jovens, poderia causar uma recusa à presença da pesquisadora, prejudicando assim nossa entrada no grupo a ser estudado.

Winkin (1998) considera que o Diário de Campo tem três funções principais. A primeira função é a catártica, na qual o pesquisador irá registrar todas as suas emoções sobre as suas experiências do trabalho de campo, como ele julga as pessoas e suas atitudes, por isso, o diário de campo deve ser pessoal e privado.

A segunda função é a empírica, em que o pesquisador anotará tudo o que acontecer no campo. Winkin (1998, p. 139) sugere que:

[no diário de campo] vocês anotaram tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação (...) num primeiro momento, vocês anotarão muito, de maneira descabelada – e isso é muito bom. Mas num segundo momento, um tanto exaustos por esforço realizado, vão recorrer a um procedimento mais analítico, que exige menos esforços, e finalmente mais eficaz em sua colheita de dados mais pertinentes. Num terceiro momento, com a pena mais ágil, vocês chegarão a escrever muitíssimo rapidamente, para surpresa de vocês mesmos.

A terceira função do diário de campo é reflexiva e analítica, na qual ele se transforma em fonte de consulta para interpretar a realidade estudada. Assim, o diário é peça fundamental e o pesquisador deve recorrer a ele e fazer registros diários das observações, relatos de conversas informais, atitudes e atos de determinadas pessoas, enfim, tudo o que for condizente com a pesquisa. Nessa perspectiva, o diário de campo é fundamental para, futuramente, nas releituras, traçarmos um panorama geral dos jovens pesquisados.

A partir da utilização desta metodologia, e depois de alguns dias frequentando a escola, tivemos a certeza de estarmos inseridos no grupo, isto se deu quando no intervalo da aula, uma menina nos chamou para passar o recreio com o seu grupo de amigos. Este foi o ponto inicial para conhecer outras turmas de amigos. Foi a partir da amizade desta menina, que pudemos conhecer e nos relacionar com os outros estudantes do I.E. Neste sentido, Foote-White (1980) lembra-se da importância de um informante no campo, que abre portas para caminhar entre os grupos.

Outra metodologia que foi utilizada na pesquisa foi a aplicação de questionários, junto aos quatro terceiros anos matutinos. Ao aplicarmos os questionários, estávamos interessados em levantar o perfil dos jovens desta escola do centro da cidade, bem como, conhecermos os lugares que mais frequentam, quais são suas principais referências culturais, os seus hábitos de consumo, se estes jovens já trabalham, e como se dão suas vivências na cidade e na escola.

Chagas (2000, p.1) argumenta que “um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto”.

Diante disto, temos que, a construção de um bom questionário é aquele que aborda a problemática da pesquisa, corresponde aos objetivos e as hipóteses, ou seja, estabelece um elo entre as principais temáticas da pesquisa e as observações de campo. Para isto foi que, primeiramente, interagimos com os grupos juvenis. Íamos várias vezes por semana à escola para ganhar a confiança dos/das jovens, para depois elaborarmos as perguntas que comporiam o corpo do questionário. Para essa metodologia, seguimos as recomendações de Chagas (2000).

Para a formulação das perguntas, Chagas (2000) chama atenção para que estas sejam claras e que tenham o mesmo “significado para o pesquisador e para o respondente” (p.8). Ele recomenda que tomemos os seguintes cuidados:

- . Usar comunicação simples e palavras conhecidas;
- . Não utilizar palavras ambíguas.
- . Evitar:
 - . perguntas que sugiram a resposta;
 - . perguntas com conteúdo emocional e/ou sentimento de aprovação ou reprovação;
 - . referências a nomes que impliquem em aceitação ou rejeição ou tenham componente afetivo;
 - . alternativas implícitas;
 - . necessidade do respondente fazer cálculos para responder;
 - . perguntas de dupla resposta;
 - . alternativas longas;
 - . mudanças bruscas de temas, (fazer um "link" entre os temas);
 - . contágio de respostas (efeito halo);
 - . vieses involuntários, motivados por reação visando prestígio por parte do respondente, retraimento defensivo diante de perguntas personalizadas e a atração exercida pela resposta positiva. (CHAGAS, 2000, p. 8-9).

Um questionário pode ter três tipos de respostas: abertas, de múltipla escolha e dicotômicas. Segundo Chagas (2000), as questões abertas são amplas, dando ao respondente um leque de possibilidades de respostas, ao contrário das perguntas que limitam a sua escolha. Para ele, estas questões abertas devem ser introduzidas no começo do questionário, pois permitiria ao

respondente realizar uma busca em sua memória do assunto tratado no questionário, facilitando assim nas respostas das questões seguintes.

As questões de múltipla escolha são aquelas em que o respondente terá que escolher a resposta entre as alternativas postas na pergunta. Pode ser exclusivamente uma única resposta, ou pode ter questões que deixem o participante escolher mais de uma resposta. Essas questões facilitam na hora de dar a resposta, e é de fácil aplicação e tratamento.

Por fim, temos as questões de ordem dicotômica. Para Chagas (2000. p.8), “a resposta dicotômica é adequada para muitas perguntas que se referem a questões de fato, bem como a problemas claros e a respeito dos quais existem opiniões bem cristalizadas”. São aquelas do tipo sim/não. O questionário produzido para o I.E. contém todas estas possibilidades de resposta, a aberta, de múltipla escolha e as dicotômicas, conforme pode ser visto no Anexo I.

Diante destas orientações gerais, temos em vista que o primeiro questionário produzido para a aplicação não está completo sem um teste, que indicará se ele necessita ou não de alterações ou reparos.

No I.E., o pré-testes nos mostrou que o questionário não poderia ser aplicado no tempo do intervalo e no pátio, visto que todos os alunos estão misturados e é um momento em que se torna difícil distingui-los, por série. Assim, além de suprimirmos algumas questões e melhorarmos o instrumento, ficou estabelecido que o questionário fosse aplicado em sala de aula e seria respondido pelos próprios alunos, à medida que o instrumento era lido por nós, para toda a sala. Isso permitiu que as dúvidas no preenchimento fossem respondidas a cada questão e de forma que todos os alunos e alunas pudessem entender.

Dando à pesquisa, trabalhamos também com a aplicação de entrevistas, para tentarmos extrair mais detalhes da vida destes jovens, a partir de depoimentos formalizados em uma gravação.

Temos em mente que entrevista pode vir a ser definida como:

[...] um processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. Enquanto técnica de obtenção de informações, trata-se de uma conversa interessada,

orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual se objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo. Quer dizer, com a entrevista busca-se recolher certas informações concernentes a um objeto específico. Entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões. (COLOGNESE & MÉLO, 1998, p. 143).

Para esses mesmos autores, podemos classificar as entrevistas em três tipos, de acordo com sua forma, sendo elas: não diretiva, semidiretiva e a estruturada. Na primeira, o entrevistador lança a temática, que é o objeto de sua “investigação” e, por meio desta, o entrevistado discorre sobre o assunto. O entrevistador tenta intervir o menos possível na fala do entrevistado. Ou seja, a entrevista não é estruturada, deixando total liberdade para o entrevistado.

No outro extremo, temos a padronização das entrevistas, na qual o pesquisador deve seguir o roteiro, sua participação é presa ao conteúdo das questões que estão no roteiro de entrevista, tendo sua liberdade restringida, ainda que lhe confira um papel muito mais ativo na produção da informação.

A entrevista semidiretiva é aquela que possui uma semiestruturação. O entrevistador já tem seu roteiro pré-arquitetado com as perguntas. Sua participação é bem mais ativa na entrevista do que na não diretiva, mas menos organizada e sequencial, como na estruturada. E ele pode vir a acrescentar mais perguntas no decorrer da entrevista, que não constam no roteiro inicial. E foi justamente este tipo de entrevista que utilizamos no I.E., pois, como não tínhamos muito contato com este tipo de metodologia, achamos melhor seguir um roteiro. As entrevistas se passaram dentro do colégio e foram gravadas. Nesta metodologia, entrevistamos um menino e duas meninas; número definido muito mais em função do tempo para o término da pesquisa e da aproximação das férias escolares de final de ano, do que de algum critério amostral, ou mesmo da saturação – que é o que se indica na literatura sobre entrevista, para definir a amostra. O roteiro da entrevista pode ser encontrado no Anexo II.

Para finalizar a nossa pesquisa de campo, realizamos um Grupo Focal, metodologia pela qual se colocam os sujeitos da pesquisa em uma situação de debate. Para a formação do grupo focal, deve-se manter um número reduzido de pessoas (participantes), organizadas em forma de um círculo. A partir do

debate, é colhido o material para a pesquisa. O pesquisador é o mediador do grupo, colocando as questões que gostaria de ver debatidas (WELLER, 2006). O mediador tem a função de estimular a interação, diálogo entre os participantes, fazendo com que o debate aconteça, seguindo um roteiro previamente elaborado e que pode ser composto de várias atividades estimuladoras da fala e do debate, conforme visto no Anexo III.

O grupo focal apresenta algumas características como:

- Cada grupo é organizado com pequeno número de pessoas (entre 7 e 12) para incentivar a interação entre os membros;
 - Cada sessão dura de uma a duas horas;
 - A conversação concentra-se em poucos tópicos (no máximo 5 assuntos);
 - O moderador tem uma agenda onde estão delineados os principais tópicos a serem abordados. Estes tópicos são geralmente pouco abrangentes, de modo que a conversação sobre os mesmos se torne relevante;
 - Pode haver a presença de observador externo (o qual não se manifesta) para captar reações dos participantes.
 - Os GF's não são úteis para inferências precisas a respeito de toda a população.
 - Utiliza questões e respostas não estruturadas, podendo contribuir trazendo novas ideias sobre o assunto que está sendo investigado.
 - Deve captar informações e não dar informações.
- (GOMES & BARBOSA. 1999. p. 2-3)

Concomitantemente com a observação participante, já estávamos pensando em quais seriam os jovens mais indicados para a realização do grupo focal e para a realização das entrevistas. No decorrer do processo, foram selecionados cinco meninas e três meninos, num total de 8 pessoas para o grupo focal, e duas meninas e um menino para serem entrevistados Este foi realizado no próprio espaço escolar, pois os alunos já estavam acostumados com o lugar. Estes jovens tiveram que debater as perguntas conforme o roteiro.

A escolha dos jovens e das jovens que participariam das entrevistas e também do grupo focal pautou-se pela maior aproximação que tivemos em relação a eles. Por serem jovens com os quais construímos certa relação de reconhecimento mútuo, julgamos que ficariam mais a vontade em responderem nossas perguntas nas entrevistas, bem como em debater durante o grupo focal.

Nos textos sobre grupo focal, geralmente, aparece o indicativo de que esta é uma metodologia que exige trabalho em equipe. O ideal é uma equipe formada com os seguintes membros: o Mediador, Relator, Observador e Operador de Gravação. No entanto, estas funções podem ser realizadas por apenas dois pesquisadores, no mínimo. No I.E., nós realizamos a mediação do grupo focal, enquanto o professor orientador desempenhava os papéis de relatar, observar e gravar.

O grupo focal para o cientista social apresenta algumas vantagens e algumas limitações, Como nos explica Gomes e Barbosa (1999). Vantagens: devido ao baixo custo, não tem investimentos pesados, basta ir e aplicar, os resultados saem rapidamente, por não haver regras fixas o pesquisador pode explorar cada situação na qual ele for encontrado. Desvantagens: não fornece dados quantitativos, somente qualitativos, não garante total anonimato, pode acontecer das discussões serem desviadas ou dominadas por poucas pessoas.

Diante da alta complexidade de realizar um grupo focal, seguimos o mais fielmente as orientações descritas acima. E quando acabado o grupo focal, pedimos para os jovens participantes do grupo traçarem suas trajetórias na cidade, realizando um mapa mental, no qual eles deveriam desenhar quais espaços utilizam durante a semana e quais utilizam aos finais de semana. Terminado os mapas, pedimos para que nos explicassem seus trajetos.

Para cada jovem selecionado a participar de uma destas metodologias, pedimos a permissão, via o Termo de Consentimento Informado. Este dava um breve resumo da pesquisa, os nomes dos pesquisadores, telefones e *e-mails*. Se o aluno fosse menor de idade, o Termo de Consentimento Informado deveria ser assinado pelo pai ou responsável (ANEXO IV).

Nesta proposta de pesquisa, utilizamos estas quatro metodologias: observação participante, questionário, entrevistas, grupo focal, visto que nenhuma metodologia é capaz de nos dar fielmente a realidade estudada. Por isso, optamos em trabalhar com variadas metodologias para que uma possa cobrir a lacuna deixada pela outra.

Capítulo 3

Conhecendo os jovens do I.E.: espaços e tempos da escola

Dando continuidade ao esforço de discutir, conceitualizar e aprofundar o estudo da juventude, bem como de toda a discussão sobre a sociabilidade e suas formas e dos trajetos e vivências da cidade e da escola, e seus territórios, a partir da ótica juvenil, neste capítulo, mostraremos como se apresentam os jovens da Escola Estadual Fernando Costa, através da análise do material, produzido pelas metodologias da observação participante, do grupo focal, entrevistas e questionários.

Com as nossas idas e vindas ao campo, foi possível destacar alguns pontos que nos chamaram atenção no período escolar. Vimos que este é marcado por eventos cotidianos que muito podem revelar sobre como a escola é vivida e sobre as práticas de sociabilidade juvenil neste contexto. Estamos nos referindo aos momentos da entrada, ao horário de aula, ao horário do intervalo (recreio), e, por fim, ao horário da saída. Vamos abordar cada um destes momentos a seguir.

3.1 Entrada

No dia vinte e seis de maio de 2011, saímos de casa às 6h e 20min, andamos até o ponto de ônibus, onde ficamos esperando. Descemos do ônibus na Praça 9 de Julho, no centro da cidade de Presidente Prudente. Para chegarmos até o I.E., era necessário descer algumas quadras, mas já na Praça 9 de Julho reconhecíamos alguns alunos, por vestirem o uniforme da escola. Ao descer para a escola, notamos que alguns alunos também chegavam de ônibus, pois, paravam na mesma praça que nós. Outros, durante o caminho, víamos caminhando. Quando avistei a escola já era possível ver a movimentação dos alunos, no início um tanto quanto tímida. Mas com o passar do tempo e com a chegada de mais alunos, algumas rodas eram formadas, a “disputa pelo território” era grande. Alguns grupos ficavam nos canteiros centrais da Avenida Washington Luiz, sentados. Outros iam ficando no caminho. Ficavam sentados nas escadarias de um curso de inglês próximo, outros ficavam dentro de um estacionamento da farmácia

conversando. E, por fim, a maioria dos alunos se fixava próximo ao portão. Alguns meninos ficavam encostados sozinhos no portão, sem conversar com ninguém, outros, porém, já formavam rodas e conversavam sobre os trabalhos que deveriam ser entregues, os que tinham esquecidos pediam para deixar copiar. Algumas rodas de meninas conversavam sobre meninos. Nas rodas mistas, os rapazes conversavam no sentido de “paquerar” as meninas, e assim era o “zum-zum”, até tocar o sinal as 6h e 55min.

Tocado o sinal, o portão era destrancado e a multidão de alunos se deslocava para a escola, todos entravam e logo iam guardar suas mochilas e bolsas em suas salas. Os terceiros anos, no qual estamos interessados, desciam as escadas e se deslocavam para o pátio, outros ficavam dentro da sala de aula “dormindo”. Tinham aqueles que ficavam no pátio até a chegada do professor, prolongando assim o seu tempo de “liberdade”. Ao passo que o professor descia as escadas, ele já chamava os alunos para a sala de aula. (DIÁRIO DE CAMPO, 2011).

Esta passagem mostra um dia normal, em que os jovens do I.E. realizam sua entrada na escola. Entram na escola e logo se deslocam para o pátio, pois, as salas de aulas destinadas aos terceiros anos dão acesso direto ao pátio, diferente das outras salas que têm acesso pelo corpo principal da escola. Eles deixam para fora o mundo. Do lado de dentro das grades, esperam-lhes outros “saberes”. Ali permanecem 5h 20min, todos os dias, vivendo em pares de iguais, ou seja, entre jovens da mesma idade. Porém, não podem expressar toda sua juventude e exercitar plenamente a sociabilidade, a que a presença de amigos lhe impeles, porque, afinal, é uma instituição escolar e devem respeitar os seus direitos e deveres dentro da escola, sempre sob o comando dos adultos, que estão investidos de autoridade educativa (CARRANO & PEREGRINO, 2003).

O público que trabalhamos é formado por jovens. Mas quem são estes jovens? De forma geral, apresentam faixas etárias entre os dezesseis e vinte e um anos de idade, com maior concentração aos dezessete anos de idade, conforme pode ser notado na tabela abaixo:

Tabela 1: I.E. 2011 - Idade dos jovens dos Terceiros anos do Ensino

Médio

IDADE		
Anos	Quantidade	Porcentagem
Dezesseis	10	14%
Dezessete	50	72%
Dezoito	8	12%
Dezenove	1	1%
Vinte	0	0%
Vinte e um	1	1%
TOTAL	70	100%

Fonte: questionário aplicado aos jovens do I. E.

Estes jovens já estão inseridos na vida cidadina, conhecem os lugares que a cidade pode oferecer e passam ou já passaram pelo processo de conquista de maior autonomia em relação à família, ou seja, não são mais tratados pelos pais, como crianças. Passam a conhecer a cidade por conta própria.

Como já mencionado, aprender a se virar na cidade não é um processo fácil (CASTRO, 2004). Mas estes jovens aprenderam a virar na cidade desde muito cedo. A maioria deles/as não mora no centro de Presidente Prudente. Com isso, desde que começaram o ensino médio, ou seja, desde seus 14 ou 15 anos, vem a necessidade de utilizar transportes coletivos, alguns não apenas para estudar, como também para trabalhar. Como nos contou a aluna A⁵, em entrevista, ao ser perguntada com quantos anos passou a sair de casa sozinha, tendo em vista que seus pais trabalhavam fora e não podia leva-la para a escola, ela respondeu:

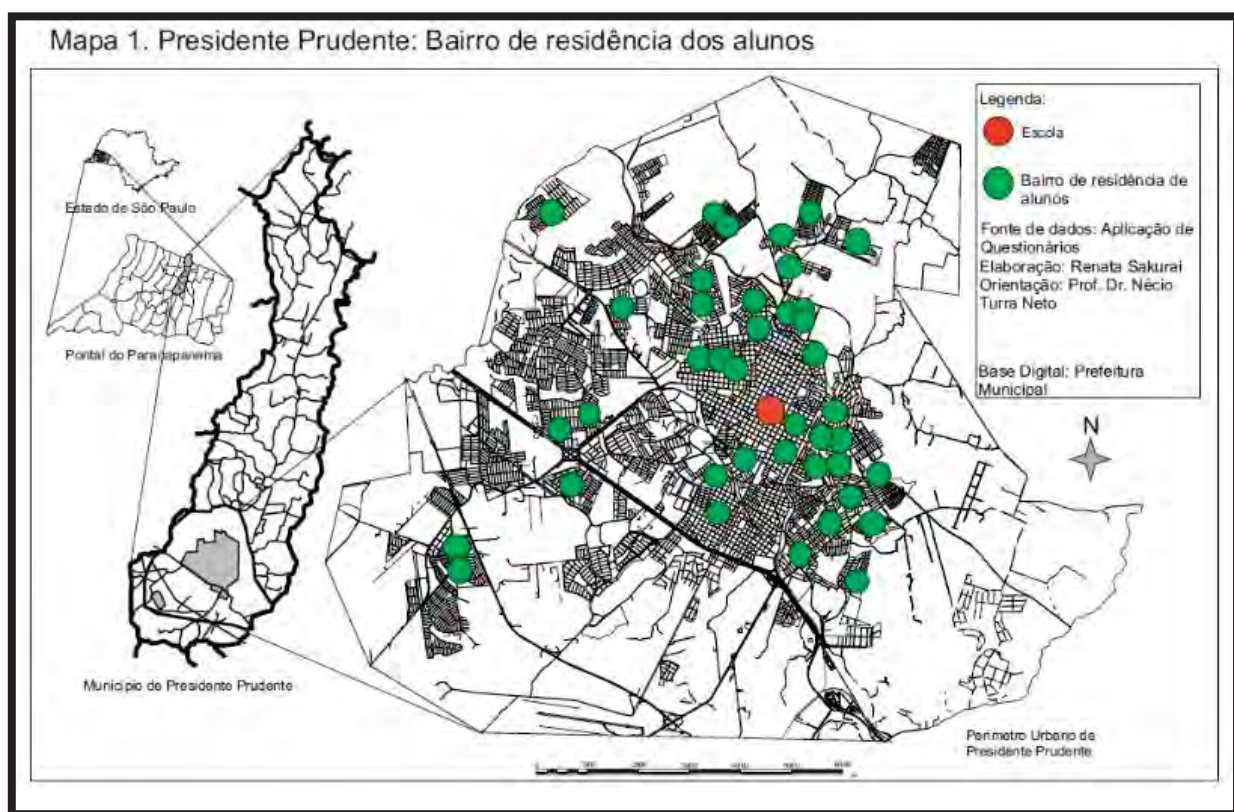
Aluna A: com oito, eu já tava na segunda série.

Pesquisadora: você já pegava ônibus, tudo sozinha?

⁵ Entrevista realizada no dia 21/11/2011 no próprio I.E.. Entrevistada do sexo feminino, 17 anos, Terceiro Ano do Ensino Médio. Entrevista realizada pela autora.

Aluna A: *tudo sozinha, sabe, a primeira vez que eu peguei ônibus pra ir pra escola, a minha mãe me levava, assim com uma semana ela me ensinava, “oh, você vai pegar esse ônibus, cê vai descer aqui”. Então, nessa primeira semana de escola nova, ela levava eu de ônibus. Na segunda semana, fez eu ir sozinha. No primeiro dia da segunda semana (risos), no primeiro dia da segunda semana, eu peguei ônibus errado porque, essa minha amiguinha, a M., ela pegava ônibus em um lugar e eu não queria pegar no lugar que eu tinha que pegar, sozinha, e eu fui pegar com ela, e eu peguei o ônibus dela sem... (risos) e eu fui embora pra casa dela, e depois eu não sabia voltar, não sabia explicar pra minha mãe onde eu tava, eu fiquei na casa dessa minha amiga até tarde, só eu e ela, e a mãe dela não chegava logo pra explicar pro meu pai onde eu tava, foi terrível, eu fiquei com muito medo.*

Em nossas conversas com os alunos e alunas, constatamos que, por mais que a escola esteja localizada no centro da cidade, ela jamais recebeu exclusivamente jovens moradores do centro, e isso foi comprovado ao aplicarmos o questionário, no qual vimos que somente um jovem é morador do centro. O público juvenil vem dos mais diversos bairros da cidade, como: Augusto de Paula, Bosque, Brasil Novo, Humberto Salvador, Jardim Aviação, Jardim Bongiovani, Jardim Caiçara, Jardim Cambuci, Jardim Guanabara, Jardim Iguaçu, Jardim Itapura II, Jardim Jequitibás II, Jardim Maracanã, Jardim Paulista, Jardim Planaltina, Jardim Planalto, Maré Mansa, Mario Amato, Parque Alexandrina, Parque Alvorada, Parque Cedral, Parque dos Girassóis, Parque São Matheus, Santa Helena, Santa Mônica, São Judas Tadeu, São Lucas, Vila Angélica, Vila Furquim, Vila Iti, Vila Malaman, Vila Marcondes, Vila Maria, Vila Marina, Vila Operária, Vila Real, Vila Santa Teresa, Vila Verinha e Watal Ishibashi. conforme apresenta o mapa 1.



O grande número de bairros periféricos justifica a utilização de transporte público, pelos jovens, conforme mostra o gráfico 1. Como se percebe, 43 dos respondentes utilizam ônibus para chegar à escola.

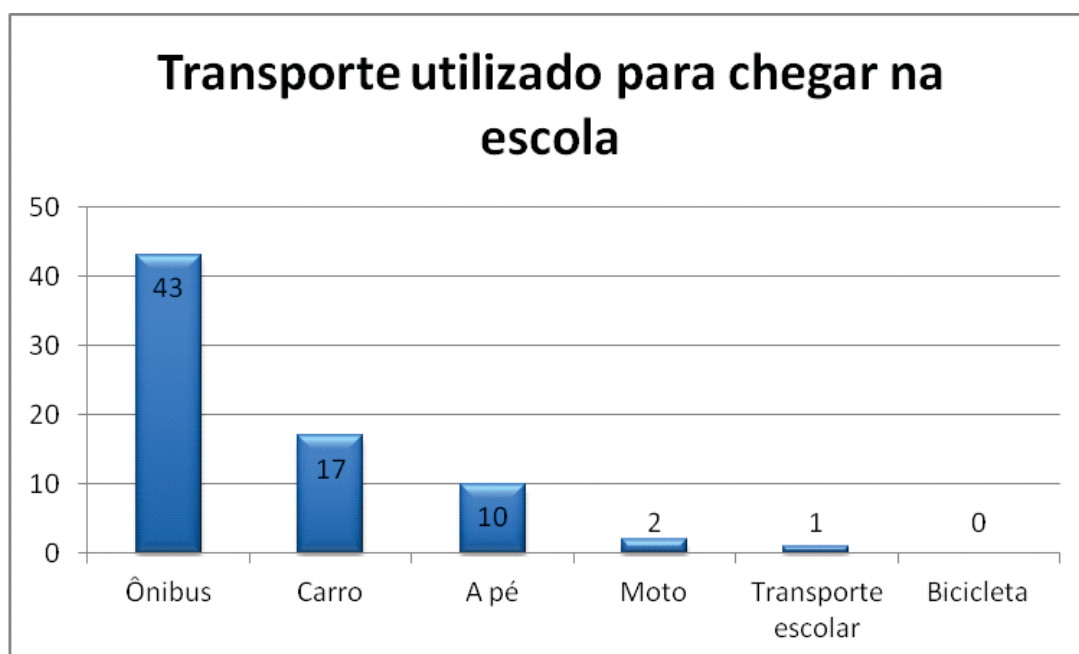


Gráfico 1: I.E. 2011 - Transporte utilizado para chegar na escola, pelos alunos e alunas dos 3^{os} anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Estes jovens, veem seus pais desde muito cedo irem trabalhar. Cada um

desses/as jovens, entendidos, tal como Dayrell (2001), como sujeitos socioculturais, apresenta trajetórias próprias de vida e de cidade, ainda que com muitos pontos em comum entre eles, o que desencadeia certas identificações. Diante das entrevistas realizadas com os jovens do I.E., podemos notar, com clareza, as diferentes trajetórias destes jovens. Em uma passagem da entrevista com as jovens B⁶ e A, elas nos contam como se passou sua infância.

Entrevistada B: *bom eu nasci em Dourados, Mato Grosso do Sul. Eu morei lá até os meus 3 anos de idade. Ai, depois, a gente veio pra cá, porque meu pai trabalhava... era P.M.. Ai transferiram ele pra cá e ai a gente ficou aqui tal. Eu tô morando aqui faz o que, 12 anos mais ... Então aí uns anos já aqui. E é isso.*

Entrevistadora: *Você teve alguma dificuldade quando se deslocou de Dourados para cá?*

Entrevistada B: *não porque como eu era muito pequena, então assim eu não lembro. Mas, tipo, todo mês, a gente vai pra lá, tipo, porque TODA a minha família é de lá. Tipo, aqui em Prudente, só eu, meu pai, minha irmã e minha mãe, só a gente. Então, tudo mundo lá. Então, senti um pouco por causa disso. Família tudo bem longe, mas em questão de lugar, cidade, não, só mesmo a família mesmo.*

Entrevistada A: *eu, eu nasci aqui em Prudente. Moro aqui até hoje, desde quando eu nasci, e primeiro, eu nasci numa chácara, eu vivia muito no meio do mato, brincava muito, aliás, sozinha né. Eu não tinha irmão naquela época, eu não tinha ninguém. Então, eu brincava bastante sozinha, mas sempre fui do meio do mato e quando, quando meu pai saiu da empresa, onde ele trabalhava, eu tinha 7 anos e eu tive que vim pra cidade. Mas isso... pra mim, eu senti muito, porque eu ficava muito dentro de casa e eu não queria fazer amizade nova, e que eu nunca tive contato com muita criança, então minha infância foi mais dentro de casa mesmo, ficava assistindo televisão, jogando vídeo game, eu sempre brincava sozinha. Então, as minhas amizades era a minha mãe, que de vez enquanto brincava assim comigo, só.*

Entrevistada A: *então, mesmo na escola eu não tinha muita amizade, era uma amiga só, era a M, e eu fiquei com amizade com ela uns 3 anos e depois eu tive que mudar de escola, porque a minha mãe mudou de casa e a escola que eu estudava era muito longe. Ai eu entrei numa escola nova. Foi super difícil de novo pra mim me adaptar, porque eu sou difícil pra fazer amizade, eu fiquei mais ou menos um ano sem amizade nenhuma, ai que eu fui entrar na quinta série.*

Como podemos perceber estas duas jovens, que hoje são amigas de escola, possuem vivências e experiências bastante diferenciadas. A primeira entrevistada nasceu no Mato Grosso do Sul, vindo, posteriormente, para São

⁶ Entrevista realizada no dia 21/11/2011/ no próprio I.E, entrevistada do sexo feminino, 17 anos, Terceiro Ano do Ensino Médio. Entrevista realizada pela autora.

Paulo, onde vivenciou parte de sua infância e juventude. Mas, sua família manteve-se fortemente vinculada ao local de origem, de modo e, como filha de migrantes, passou a viver também em trânsito, entre a família de Dourados e a vida cotidiana de Presidente Prudente.

Já a segunda entrevistada, mesmo morando em Presidente Prudente, teve sua vida completamente mudada ao sair da chácara e vir para a cidade. Sua inserção foi mais demorada e sentida de forma mais penosa.

Diante dessas experiências de vidas distintas, vemos como para o espaço e tempo escolares converge a diversidade socioeconômica e cultural que marca a juventude local. Cada jovem passa por uma estrutura familiar, cultural ímpar, relações estas que estão carregadas de referências simbólicas, o que acarretará no “modo de ser jovem” de cada pessoa. Ao mesmo tempo, revela como a escola foi um importante espaço de sociabilidade para ambas, mas, sobretudo para A. que não saía de casa e não tinha amizades na rua e na vizinhança, mas que as poucas amizades que fez foram feitas na escola.

Nessa perspectiva, quando os/as jovens se encontram na escola e começam a trocar experiências, tomam contato com outros jovens, que também passaram por situações semelhantes a que outros já passaram, por isso, constroem vínculos de sociabilidade e identidade, formando, assim, cada qual seu “grupinho de amigos”. Na escola, foi possível observar que, ainda que as trajetórias de vida apontem para algumas afinidades, os grupos juvenis são formados, sobretudo, a partir de gostos musicais, pelo gosto da maquiagem, pelo esporte, pelo futebol, entre outros, ou seja, identificações que vão sendo construídas com o tempo e grandemente informadas pela indústria cultural. Cada um destes grupos possui seu “padrão” de integrantes, alguns grupos exclusivamente de meninas, outros de meninos e outros mistos. Grupos estes que, em alguns momentos, podem até se comunicar mas, cada qual mantém suas relações mais circunscritas ao grupo.

Estes grupos dialogam sobre os mais diversos assuntos, mas principalmente no grupo das meninas, o assunto de maior destaque era sobre meninos e namoro. A briga que uma das meninas protagonizava com seu namorado era contada em detalhes para as outras amigas, e, cada uma delas dava opiniões sobre o que deveria ser feito. No grupo de meninos, o assunto era sobre determinado programa humorístico passado na TV. Falavam também

sobre futebol. Nos grupos mistos, o papo era ainda mais variado, não havia assuntos que eram mais tocados, eram grupos onde as risadas eram abundantes e a paquera rolava solta.

Certos grupos possuem “demarcação territorial” mais delimitada que outros. Estes jovens se localizam nas escadarias de um curso de inglês, no estacionamento da farmácia, nos canteiros centrais e no alambrado do portão, e, em sua permanência diária, o espaço ganha nova forma, nova utilidade. A escadaria do curso de inglês não é mais uma simples escada aos olhos deles. É lugar de encontro e de sentar e conversar um pouco com os amigos, antes de entrar para a escola.

Ao abrir o portão, os jovens saem das suas “microterritorialidades” e entram com os seus grupos na escola. Um colega que leva a mochila para a sala de aula, outro que chega ao grupo e assim vão aumentando as turminhas de amigos. São meninas e meninos se cumprimentando com beijos, toques e apertos de mão. Em nossas idas ao campo, constatamos que os/as jovens eram mais efusivos e animados para contar suas novidades e experiências no começo da semana, onde tudo era mais intensificado. Ao decorrer da semana, as novidades iam se esgotando e os papos iam sendo repetidos, até que chegava o próximo final de semana, quando estes/as jovens passam por novas experiências e havia a necessidade de relatar para os outros, logo na chegada à escola, na segunda pela manhã.

Dentro da escola, os jovens tendem a aproveitar e até prolongar seus últimos minutos de “liberdade”, conversando com os colegas. A entrada para a sala de aula é sempre demorada e adiada o mais possível. Alguns entram depois do/a professor/a. Outros ainda permanecem no pátio, até que a inspetora de alunos os venha mandar entrar.

É comum acontecer de algum professor/a faltar, sem que haja tempo para se planejar uma substituição. Com isso, os alunos e alunas permanecem no pátio, brincando de baralho, sentados nos bancos, conversando. Outros ficam na sala de aula, dormindo. Alguns aproveitam para copiar a lição do colega e assim vai até o término da aula vaga.

Dando sequência para a nossa compreensão dos alunos da escola, pedimos uma série de informações pessoais, para ver com quais jovens estamos trabalhando. No quesito religião, percebemos que esta encontra-se

fortemente presente na vida destes jovens, tanto para as meninas, quanto para os meninos, pois, com a ajuda da *internet* e com as redes sociais, a informação é muito dinâmica e diversificada. Nesses *sites*, foi possível reafirmar a identificação com a religiosidade, uma vez que muitos dos nossos jovens postam fotos de acampamentos de oração.

Com a aplicação dos questionários, podemos dizer que estes jovens são, em sua maioria, Cristãos Católicos, seguido pelos Cristãos Protestantes, seis não possuem religião e outros seis pertencem a outras religiões. Vale ressaltar que uma pessoa não respondeu esta questão.

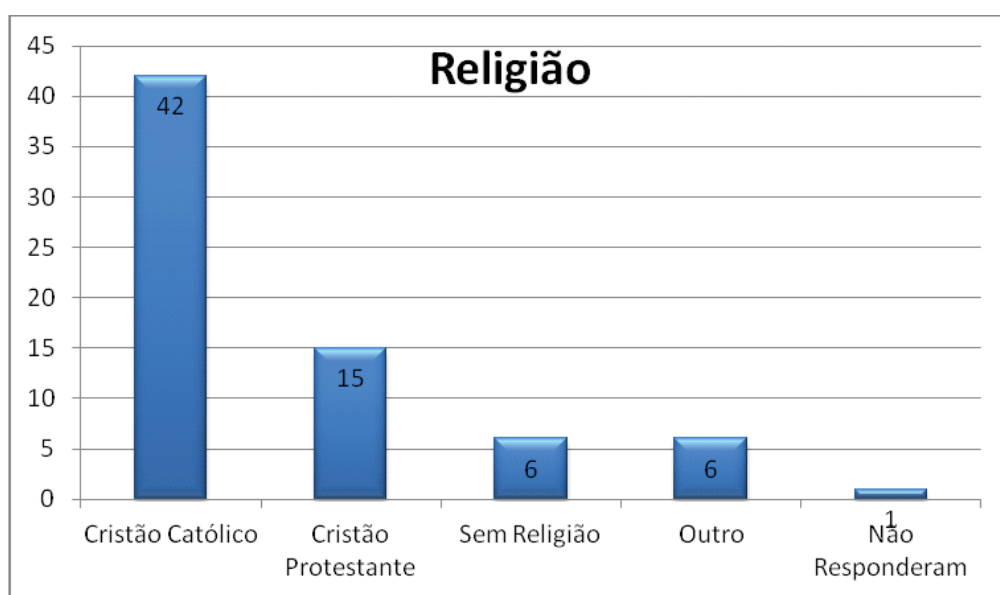


Gráfico 2: I.E. 2011 - Religião dos/as jovens dos 3^{os} do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E. (2011)

3.2 Sala de Aula

Nestes seis meses dentro da escola, foram observadas aulas de disciplinas diversas, como Português, Matemática, Química, História, Sociologia, Educação Física. Estas aulas foram observadas no terceiro ano do ensino médio (terceiro A).

Algumas características da sala nos chamou a atenção. Primeiramente, o tamanho: a sala é composta por, aproximadamente, 30 alunos e, tratando-se de uma escola pública, onde a tendência é um número maior de alunos por sala de aula, uma sala de 30 alunos é mais fácil de trabalhar. A sala é equilibrada entre meninos e meninas.

Com o acompanhamento semanal dentro da sala de aula, foi possível identificar alguns padrões de comportamentos destes jovens, bem como sua distribuição dentro da sala de aula. A sala de aula, na maioria das vezes, ficava composta por pequenos grupos e um grupo maior, que chamava mais atenção devido ao seu tamanho. Este grupo era formado por cerca de seis ou sete meninas, ocupando as duas primeiras fileiras, próximas à janela, havia grupos menores de meninas e meninos. Um grupo de meninas perdia parte das aulas para ficarem se maquiando, e existiam os grupos mistos. Havia também o típico grupo do fundão. Havia os alunos turistas, que durante nossa trajetória dentro do I.E. só foram vistos 2 ou 3 vezes.

Durante as aulas, os grupinhos ficam de “conversa fiada”, sem nenhuma ligação com o conteúdo da aula, falando baixo para o professor não ficar bravo. Na maioria das aulas, era passada a explicação pelo professor e depois os alunos deveriam fazer a lição na apostila. Assim, quando o professor explicava a matéria, os alunos permaneciam “quietos”, ao passo que quando faziam a lição podiam conversar com os amigos, pedir orientação para os alunos mais inteligentes e assim era a rotina dos jovens. Entretanto, em uma aula específica, quando tocado o sinal e o professor saiu para a entrada do outro, começou uma movimentação dentro da sala de aula. As carteiras foram alinhadas, um aluno, que senta no fundo da sala, saiu de seu lugar e sentou em frente a mesa do professor e reinou o mais puro silêncio. O professor passou sua matéria e a sala toda pegou o livro didático e foi acompanhando, no silêncio total, mas ao sinal ser

tocado novamente marcando o término da aula, a movimentação voltou a acontecer, as carteiras foram reorganizadas, os alunos ficaram mais aliviados e voltou o “zum-zum”, a conversa paralela entre eles.

Podemos notar que a sala de aula é vivida conforme a autoridade dos professores. Dos professores mais rígidos, que exigem silêncio a todo o custo, os alunos falam mal, mas aqueles que dão liberdade para os jovens se expressarem são aqueles que os alunos mais aprendem e gostam das aulas, ou seja, aqueles professores que não são extremamente autoritários, mas que cobram os direitos e deveres dos seus alunos, em suas aulas são os mais queridos e respeitados (DIÁRIO DE CAMPO, 2011).

Os grupos formados sempre estão conversando entre si, algumas vezes, um ou outro se desloca e vai para outro grupo, a fim de conversar, mas o bate-papo é sempre muito rápido, sua permanência em outro grupo é breve, voltando para o grupo inicial, que está onde estão seus materiais e sua carteira. Estas conversas durante a aula raramente são muito demoradas, feitas nos interstícios de uma atividade ou outra e, dependendo da autoridade e do medo exercido pelo professor. São falas fortuítas, rápidas, risos entrecortados e silenciados. É uma sociabilidade contida.

Quando é tocado o sinal para a troca dos professores alguns alunos sempre vão para fora da sala de aula e ficam no pátio, conversando com outros jovens das demais séries, enquanto o próximo professor não chega.

Numa primeira impressão, poderíamos dizer que para estes jovens, a escola seria o lugar mais chato do mundo, uma “prisão”. Entretanto, ao responderem a questão sobre o que a escola significa para eles, demonstram leituras da escola para além de suas práticas.

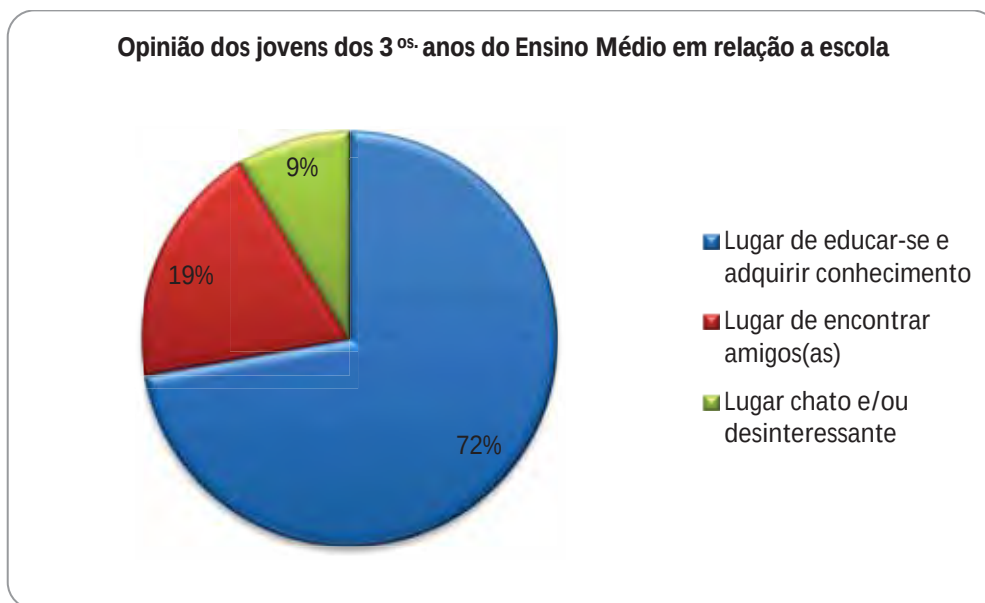


Gráfico 3: I.E. 2011 - Opinião dos jovens dos 3^{os}. anos do Ensino Médio em relação a escola.

Fonte: questionário aplicado aos jovens do I.E.

A maioria dos jovens nos respondeu que a escola é um lugar de se educar e adquirir conhecimento, no entanto, vimos algumas atitudes desinteressadas dos alunos, como não fazer a lição de casa, ficar com conversa paralela durante a aula, explosões de bombas no banheiro e outras atitudes como a de rasgar apostilhas velhas e confeccionar bolotas de papel para jogar futebol. Outras atitudes, como picotar a apostila e jogar do terceiro andar os papéis picotados no pátio e até atitudes mais graves, como tacar fogo na carteira, infringem a ordem escolar. A escola não é um lugar cuja principal função é a sociabilidade, e sim um lugar para se ensinar/aprender e respeitar. Mas a escola acaba por oferecer alguns momentos de sociabilidade, e os jovens acham as mais diversas lacunas para ficarem juntos e conversarem.

Assim, poderíamos perguntar o que significa a maioria dos jovens e das jovens dos terceiros anos do I.E. ter definido a escola como lugar de aprendizagem e, ao mesmo tempo terem práticas, observadas em campo, que não condizem com a postura de aprendizes interessados em conhecimento na escola. Por um lado, podem ter respondido a questão de forma reativa e orientados por aquilo que esperam que eles respondam, ou seja, reproduzindo na questão o discurso dominante dos seus pais, professores e da sociedade em geral. Por outro lado, se de fato pensam assim, este pensamento pode não encontrar muito respaldo nas vivências coletivas em grupos de pares dentro da

escola, contextos em que as atitudes valorizadas podem ser justamente aquelas de contestação da ordem.

Existe uma ambiguidade quanto ao que a escola representa para os/as jovens, pois se reconhecem que ela é um importante local de encontrar o grupo de amigos, por outro lado, é o local onde estariam se preparando para o futuro. Quando perguntamos para os/as jovens dos terceiros anos, quais eram seus planos para o futuro, a maioria deles respondeu que gostaria de cursar uma faculdade, sendo que alguns deles deixaram claro o interesse em cursar uma universidade pública. Isto nos mostra que os/as jovens pensam no seu futuro e está na escola com esta perspectiva. Os trechos transcritos a seguir são reveladores desse tema:

Aluna 3A: *Entrar em uma universidade pública e concluir com êxito minha graduação.*

Aluno 3B: *Fazer uma faculdade, trabalhar com o que eu quero e ter uma vida boa, cheia de trabalho e bons amigos.*

Aluno 3C: *Fazer faculdade e continuar os negócios da família.*

Aluna 3D: *Trabalhar em período integral, e cursar pedagogia, na UNESP⁷*

Entretanto, em nossas conversas informais, ocorridas ao encontrarmos estes jovens nas ruas, já depois do término do trabalho de campo e depois que eles se formaram, foi possível constatar que alguns deles não conseguiram realizar o tão sonhado desejo de ingressar para o ensino superior, seja pela condição financeira, ou por não conseguir ingressar em uma universidade pública.

⁷ Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E, 2011.

3.3 Intervalo/ Recreio

Quando o relógio marca 9h e 20min, os alunos e alunas, dentro da sala de aula, já começam a ficar eufóricos. A professora fica tirando algumas dúvidas da matéria, ao passo que alguns alunos já deixaram o caderno de lado, ansiosos para o intervalo.

Nas aulas duplas, é normal a professora trancar a sala e os alunos vão para o intervalo sem suas bolsas, já em aulas normais, alguns deixam, outros levam suas bolsas para o intervalo.

Tocado o sinal para o intervalo, a movimentação no pátio é enorme, jovens que vão em direção à cantina, outros que vão para o refeitório tomar a refeição oferecida pela escola.

Depois da movimentação para pegar a fila da cantina e a fila do refeitório, quando estes jovens já estão com seus lanches na mão ficam mais visível os grupos juvenis. Alguns grupos são formados por jovens de salas diferentes, outros de meninas e outros de meninos, alguns mistos, mas muitos são formados pelos alunos que estudam na mesma sala.

A conversa rola solta entre os grupos, há também a presença no centro do pátio de um espaço parecido com um quiosque, onde vários alunos ficam sentados conversando, brincando e paquerando. Neste quiosque, às vezes, é oferecido pela escola um som. Nele, os alunos podem oferecer música que o “Dj” da vez vir a tocar.

Os jovens ficam espalhados pelo pátio, pátio este muito grande e bonito, com a presença de muitas árvores, e canteiros. Alguns dos grupos juvenis ficam sentados nos canteiros, nas mesas, encostados no alambrado, outros ficam circulando entre o pátio, sempre conversando. No pátio, as inspetoras de alunos, algumas vezes, tinham que recolher os jovens da quadra de esportes, trancando-a. Ao mesmo tempo, ficavam de olho, porque alguns costumavam fugir, pulando o muro e outros iam para um lugar mais afastado dos olhares de vigilância da direção, para poderem infringir algumas regras escolares, como fumar.

O intervalo é o lugar onde os/as jovens podem exercitar sua sociabilidade em grupos de pares de forma mais livre e espontânea, ou seja, nesses 30 minutos de recreio, eles/as paqueram, conversam, se divertem, escutam música em seus celulares, mp3, alguns levam até tablets, para acessar a *internet*, apesar do corpo

docente não gostar a presença desses aparelhos. O celular no intervalo é também utilizado pelos jovens, para fazerem suas ligações, algumas ligam para seus namorados, outros ligam para o amigo que faltou, e mais uma vez a conversa rola solta.

Tocado o sinal para entrar, os jovens se dirigem para o bebedouro, bebem água, prolongam suas conversas, até não ter mais jeito. O portão será fechado e eles têm que subir para suas aulas (DIÁRIO DE CAMPO, 2011).

Este foi um típico dia de intervalo no I.E., mas é preciso levar em consideração que cada um desses momentos é dinâmico, pois o tempo e espaço vividos por estes/as jovens são acontecimentos que serão levados pela vida inteira. Ao visitar a escola, pensávamos que, por se tratar de jovens que estudam no período da manhã, eles/as possivelmente não trabalhariam. Mas não é bem isso o que se observa no gráfico 4.

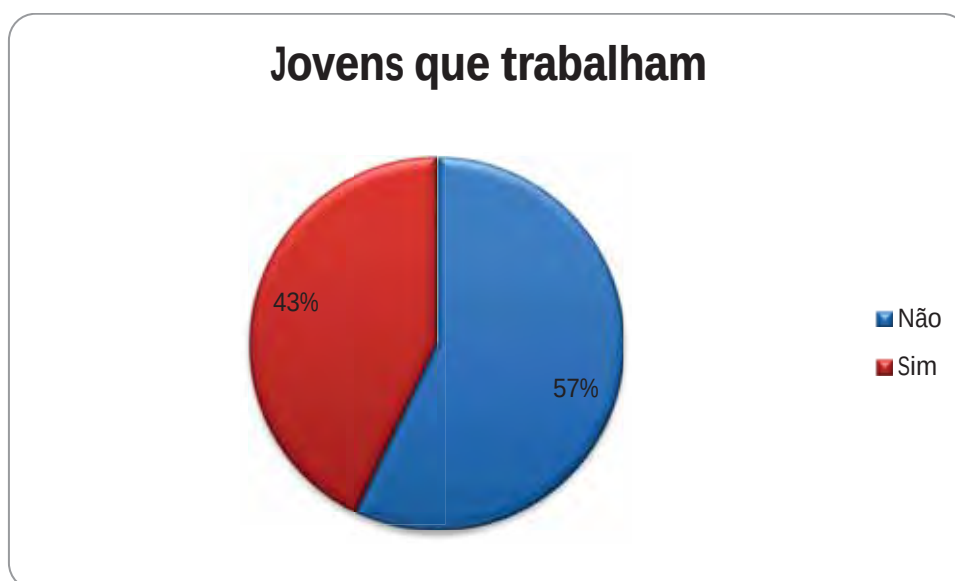


Gráfico 4: I.E. 2011. Jovens dos 3^{os} anos que trabalham.

Fonte: questionário aplicado aos jovens do I.E.

Dentre os setenta alunos que responderam ao questionário, foi constatado que 43% deles trabalham e os outros 57% não trabalham. A diferença entre meninos e meninas que já estão inseridos no mercado de trabalho é significativa, conforme mostra a tabela 2. Dos 29 rapazes que responderam o questionário, 13, trabalham. Enquanto, das 41 meninas que responderam, 17, trabalham.

Tabela 2: I.E. 2011. Jovens dos 3^{os} anos que trabalho, por gênero

Meninos que trabalham		Meninas que trabalham	
Sim	13	Sim	17
Não	16	Não	24

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Isto pode ser justificado devido ao fato dos meninos se aventurarem na rua com maior facilidade e rapidez que as meninas, conforme nos conta Castro (2004). A saída da menina para a rua, muitas vezes, é tutelada pelos pais. Apesar das jovens do I.E. possuírem idade entre 16 e 19 anos, muitas delas não possuem liberdade para saírem de casa para o lazer, apenas para irem estudar. Como nos relataram duas jovens C⁸ e D⁹, que participaram do grupo focal, quando perguntadas sobre o que é ser jovem, afirmaram que, muitas vezes, se confunde juventude com liberdade. Uma das entrevistadas vai mais além, dizendo que vive a “juventude plenamente presa”.

Entrevistada C: *depende da família você descobre a liberdade*

Entrevistada C: *eu penso que é liberdade também, por exemplo, lá em casa, meu pai não quer que eu trabalhe e estude ao mesmo tempo, ele acha que prejudica...*

Em outro trecho do grupo focal, quando C é perguntada se vive sua juventude plenamente, ela respondeu:

Entrevistada C: *não, a minha juventude é plena. Plenamente presa*

Entrevistada C: *porque....em todos os sentidos. Eu quando quero sair, tenho que pedir com um tempo de antecedência.*

Entrevistada D: *dois meses.*

Entrevistada C: *ou mais, aí[nda] assim eles não deixam, quando não deixam assim tem ...OOO motivo, é que eu sempre, porque eu sou...SEI LÁ eu não sei o motivo, não*

⁸ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, C é do sexo feminino e possui 18 anos.

⁹ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, D é do sexo feminino e possui 17 anos.

dá pra entender...

Entrevistada C: *meu pai já assumiu pra mim que é porque pra ele eu não cresci. MAS NÃO adianta.*

Outra passagem que justifica que a saída para a rua é mais tutelada no sexo feminino é o seguinte relato de uma estudante.

Entrevistada D: *não, bom, a liberdade pra mim é como você realmente falou, é trabalhar é estudar, realmente eu já estudo pra caramba, sei lá, é ter mais independência realmente, independência dos meus pais.*

Entrevistada D: *éeeh liberdade pra namorar, pra sai com minhas amigas, ir pro cinema, essas coisas, meus pais não deixam ai.*

Entrevistada D: *ai, quando, eu nunca saio, mas sempre assim, que eu tento sair, ou mais ou menos assim, meu pai não deixa. Aí eu acho que seria mais um pouquinho mais de liberdade, de confiança em mim, que eu esperava dele.*

De certa forma, vemos que as meninas possuem suas vidas mais controladas pelos pais. Em contrapartida, os meninos já possuem maior “liberdade”. Quando perguntado no grupo focal o que é ser jovem, E¹⁰, disse:

Entrevistado E: *quando eu quero sair pra casa dos meus colegas, eu vou, quando eu quero ir para o shopping, ou para qualquer outro, festa, eu vou, então, eu não tenho porque, ao contrário de você que depende de levar, eu tenho bicicleta.*

No trecho “ao contrário de você que depende de levar”, ele está se referindo a uma jovem que participou do grupo focal, que nos contou que quando sai ou o pai ou a mãe, ou algum amigo tem que levar ela até o local escolhido. Isto mais uma vez vem para reforçar a ideia de que, para o sexo feminino o cuidado é maior, mesmo aquelas meninas nas quais os pais já deixam sair de casa para se divertir, eles se comprometem a levar e buscar suas filhas.

Dando sequência, uma de nossas indagações foi qual o motivo destes jovens trabalharem.

¹⁰ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, E é do sexo masculino e possui 17 anos.

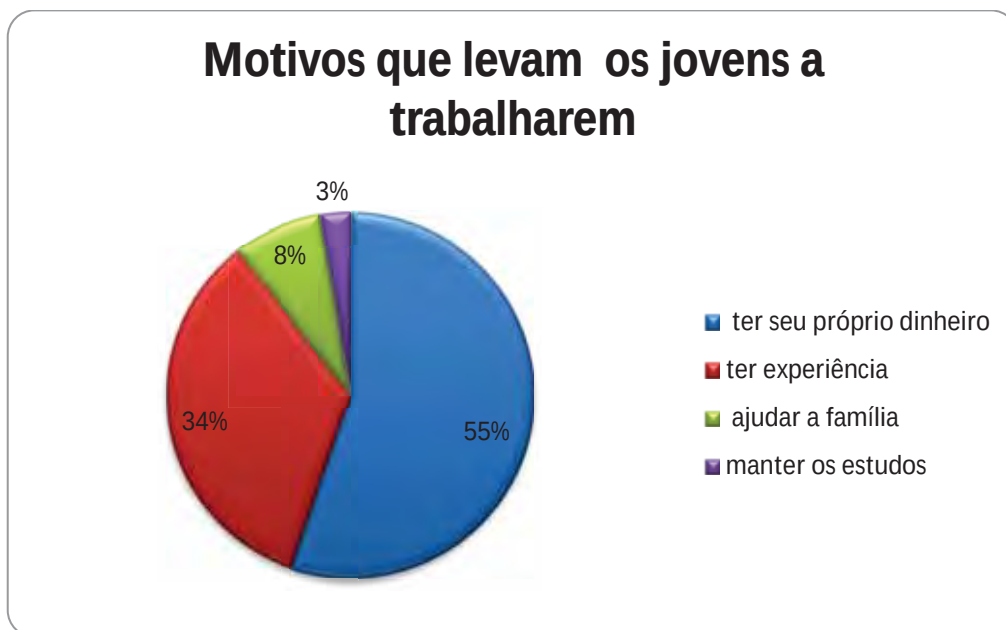


Gráfico 5: I.E. 2011. Motivos que levam os/as jovens dos 3^{os}. anos a trabalharem.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

A principal razão que leva estes jovens ao mercado de trabalho é a aquisição do seu próprio dinheiro. Para os outros jovens que não trabalham, perguntou-se se eles gostariam de trabalhar e 97% disseram que sim, sendo a “independência” financeira mais uma vez o motivo principal. Ou seja, os jovens querem dinheiro para poder construir autonomia e também para o campo do consumo. Um campo no qual nem sempre contam com a compreensão dos pais, ou que não querem onerar seus pais com a realização de necessidades consideradas supérfluas por estes. E quais são os gostos e necessidades que recebem maior investimento dos jovens e das jovens do I.E.? Com o que eles e elas costumam gastar seu dinheiro?

Gastos mais frequentes

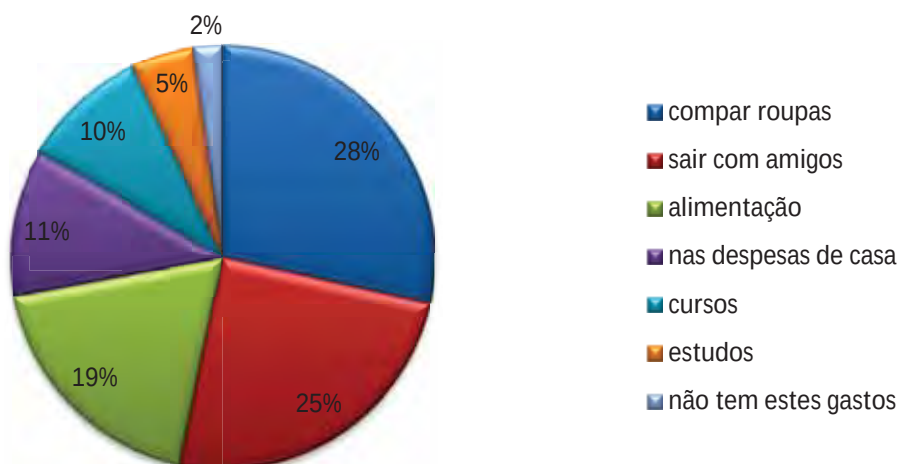


Gráfico 6: I.E. 2011. Gastos mais frequentes dos alunos e alunas dos 3^{os} anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

O dinheiro adquirido, seja no trabalho, ou pedindo para os pais, é investido, principalmente, na satisfação de seus desejos quanto a vestimenta. Como já dito, algumas mercadorias se tornam mercadorias culturais (CARRANO, 2001), ou seja, as mercadorias, além da sua função real, também são comunicativas de pertencimentos, pois instituem identidade, marcam diferenças, enfim, comunicam e ter o maior gasto em roupas aponta para o grande investimento que estes jovens fazem na vida pública, como forma de poder estar nos espaços da escola, da diversão, entre grupos de pares, com os códigos desses grupos. Já o segundo gasto, intimamente ligado ao primeiro, vai no sentido do lazer e diversão, tempos e espaços nos quais o/a jovem pode vivenciar mais plenamente sua juventude, convivendo entre grupos juvenis, sem a presença ostensiva de adultos. É o campo em que os jovens e as jovens tem maior autonomia e podem exercitar uma cultura especificamente juvenil.

Os/as jovens trabalhadores tem um tempo precioso de sua juventude roubado pelo mercado de trabalho. O principal estímulo a se submeterem tão cedo ao mercado de trabalho, na maior parte dos casos não são as necessidades básicas, mas sobretudo, as necessidades de consumo das mercadorias culturais, haja vista o excessivo gasto em vestimentas e

diversão.

Cercados de uma vivência monótona onde regras e normas são constantemente impostas, na escola e no trabalho, estes jovens procuram viver intensamente a juventude naqueles momentos em que estão liberados dessas imposições, ou seja, nos momentos do tempo livre, tempo/espaço das vivências especificamente juvenis. Isto também justificaria a não preocupação quanto ao futuro, poucos são os/as jovens que investem seu dinheiro cursos e estudos.

É expressiva a quantidade de jovens que ouvem música no intervalo, seja no aparelho celular, no mp3, e também por possuir “Dj” no quiosque central do pátio, que toca os mais variados gostos, desde pagode, sertanejo, entre outros estilos musicais. Nas conversas informais, foi possível notar que, estes jovens gostam dos mais diversos tipos de música, conforme mostra o gráfico 7.

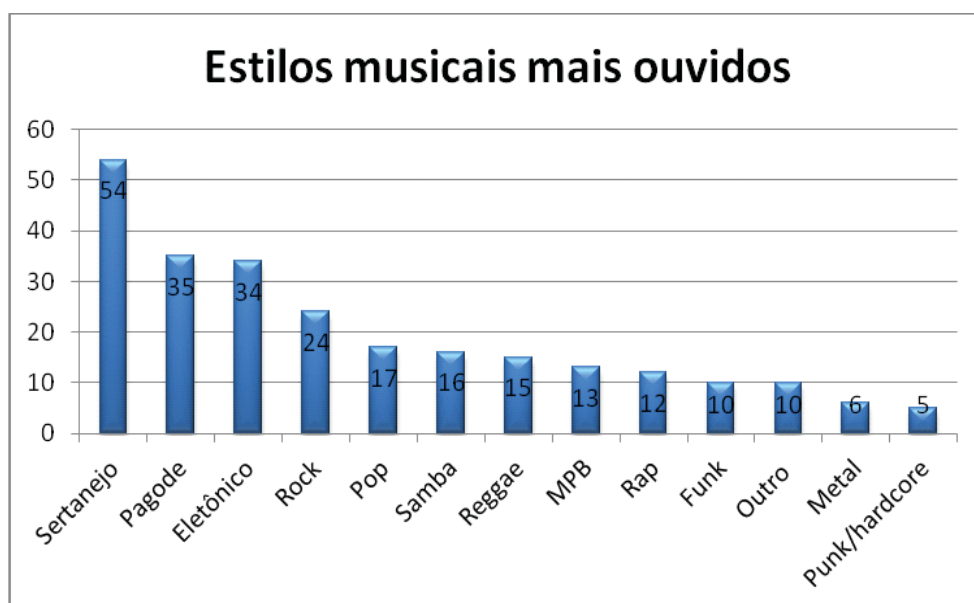


Gráfico 7: I.E. 2011. Estilos musicais mais ouvidos pelos jovens dos 3^{os}. anos do Ensino Médio.

Fonte: questionário aplicado aos jovens do I.E.

Na primeira posição está o estilo musical sertanejo, seguido do pagode e o eletrônico (quase que empatados) configurando os 3 estilos musicais que os/as jovens mais gostam. A música une os/as jovens como nos conta em

outro relato as amigas A e B.

Os diferentes gostos musicais podem expressar as diferentes trajetórias protagonizadas por estes alunos. Chama-nos a atenção a simbologia que a música transmite. Ao ouvir determinados sons, os/as jovens saem do mundo real e se sentem momentaneamente conduzidos pelo som da melodia, acarretando um momento de evasão das normas e responsabilidades.

Entrevistadora: e assim, quais as referências culturais você mais gosta, tipo banda estilo de música, que você acha que influenciou o seu jeito de A e B de ser, vamos dizer assim.

Entrevistada A: ahh eu digo que não que influência, mas eu gosto bastante de eletrônico, sertanejo ADORO muito, mas assim, eu acho que não chegou a influenciar pra eu assim ser alguma coisa, ou fazer por causa de música, ou de alguém, ou alguma banda.

Entrevistada B: eu acho que o meu influenciou. Eu gosto muito de sertanejo, sertanejo universitário, sertanejo raiz, tudo quanto é tipo de sertanejo, influencia muito no meu estilo, nas minhas roupas, acho que em tudo. É... até porque se eu não gostasse de sertanejo, eu não sairia tanto, porque a maioria das festas que tem aqui em Prudente, show, são sertanejo. Então, influenciou nas minhas... estilo influenciou nas minhas saidinhas, em tudo isso.

Entrevistadora: e você acha por você gostar de sertanejo, você procura mais grupinhos assim pra você se relacionar que gostam também de sertanejo, ou...

Entrevistada B: não, eu procuro, mas muitas vezes você acaba se... fazendo amizade com outras pessoas, que também nem gostam. Por exemplo, as meninas da minha sala, que eu ando muito, poucas gostam de sertanejo, nem ligam, mas eu gosto inclusive ela no começo (referindo a A), ela também não era muito fã né.

Entrevistada B: eu que sai arrastando ela, pra ela gostar um pouquinho. O namorado dela também gosta de... é cowboy, aí rastou ela também.

A presença da música, na vida destes jovens, está nos mais diversos lugares, como na rua, na escola, no ônibus, no carro, no trabalho e em casa. Nos questionários aplicados, todos assinalaram pelo menos um gosto musical entre as respostas disponíveis para eles escolherem, ou seja, a presença da música é muito importante, até para eles/as se relacionarem.

Mesmo que A não saiba, o gosto musical se reflete sim no seu jeito de vestir. Como ela disse acima, adora sertanejo e nos dias que a vimos na escola, notamos o jeito como se vestia: sempre com calças jeans bem apertadas e algumas vezes ia de bota. Logo, o seu gosto musical estende-se para o jeito de se vestir, contribuindo para formar um estilo total, pois, ela

nunca apareceu na escola com calças coloridas, ou roupas escuras, denotando outros estilos musicais. E é a partir do gosto musical que os grupos de sociabilidade e os laços de amizade podem vir a se solidificarem.

O curto espaço do intervalo se torna menor ainda para os jovens, pois, cada segundo é muito precioso. Neste curto tempo, eles/as conversam com seus colegas e amigos, falam sobre as novas descobertas, enfim, vivem sua sociabilidade, de modo que é o tempo e o espaço da escola mais apreciado pelos/as jovens, conforme pode ser visto no gráfico 8.

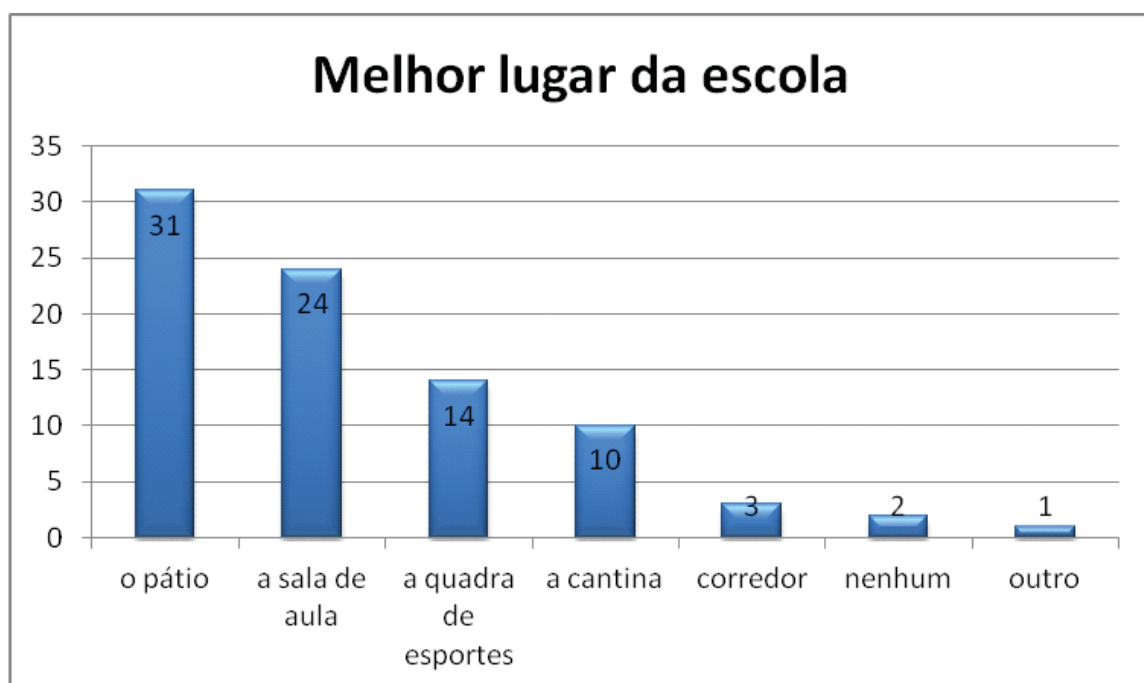


Gráfico 8: I.E. 2011. Melhor lugar da escola para os/as jovens dos 3^{os} anos do Ensino Médio
Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Como o intervalo se constitui no principal momento de encontro e sociabilidade para os/as jovens no período escolar, o pátio é visto, pela maioria dos respondentes, como o melhor lugar da escola, seguido pela sala de aula. O pátio permite certa autonomia e liberdade, que dentro da sala de aula os jovens não possuem, pois, a presença do professor os inibe. Sendo assim, o pátio se torna o espaço da sociabilização por excelência e é nesse espaço e tempo, do intervalo e no pátio, que eles/as também constroem vínculos, culturais e educativos, por meio de suas práticas de sociabilidade, quanto também exercitam e elaboram sua cultura juvenil.

3.4 Saída

A saída é muito parecida como o momento em que os jovens estão se preparando para o intervalo, em que é possível notar um ar de “euforia”, visando o término da última aula. 12h e 10min eles já começam a conversar em tom mais alto, alguns professores deixam pra fazer a chamada neste meio tempo, em que eles/as se preparam para sair, já que o nível de concentração não é mais como era antes.

Tocado o sinal às 12h e 20min, os alunos saem, alguns sobem as escadas do pátio, outros sobem as escadas laterais próximas da sala de aula. Até o portão os grupos se mantêm; na calçada os jovens começam a se despedir e alguns grupos se desmancham, as meninas se despedem com beijinhos, já os garotos com cumprimentos e brincadeiras de mão. A movimentação é grande.

Nesta vasta multidão juvenil, alguns vão para o centro, para pegarem os ônibus, outros vão para a casa a pé. Vimos que alguns dos jovens os pais vão buscar. Notamos também a presença de alguns jovens que ficam sentados nos canteiros centrais da rua, em sua maioria jovens do sexo masculino, que ficam conversando, prolongando o seu tempo de sociabilidade, ao passo que adiam o retorno para casa, ou esperam o horário para entrar no trabalho, ou por outro motivo qualquer.

A dinâmica da saída é parecida com a de entrada. Entretanto, pode-se notar a presença dos/das jovens nas proximidades da escola. Estes jovens ficam conversando, alguns no alamedado do portão de entrada, outros nos canteiros centrais, sobre assuntos mais diversos possíveis, a sociabilidade acontece entre eles.

Passado alguns minutos, o portão de entrada é fechado. Começa, então, a entrada por um portão lateral dos alunos do período da tarde. Neste meio tempo, alguns alunos/as do período da manhã, que ainda permanecem nas redondezas do colégio, e os da tarde não se misturam. Isto é possível de ser percebido devido ao fato dos alunos do período da tarde serem mais novos que os da manhã. A sociabilidade é mesmo limitada aos grupos de idade.

Na saída, verificamos mais uma vez o quanto a música faz parte do

cotidiano destes/as jovens, pois, é possível perceber, tal como na entrada, alguns/as com fones de ouvido, escutando músicas, outros que escutam música no celular, sem auxílio nenhum dos fones, compartilhando “seu som” para quem queira – ou mesmo com quem não queira - ouvir. Sem dúvida, o momento da saída é o mais esperado por estes/as jovens, conforme mostra o gráfico 9. Nele aparece que o momento da saída é o mais desejado entre os jovens, logo em seguida é o intervalo, justamente espaços e tempos de encontro e sociabilidade de forma mais solta, sem o controle das autoridades educativas da escola.

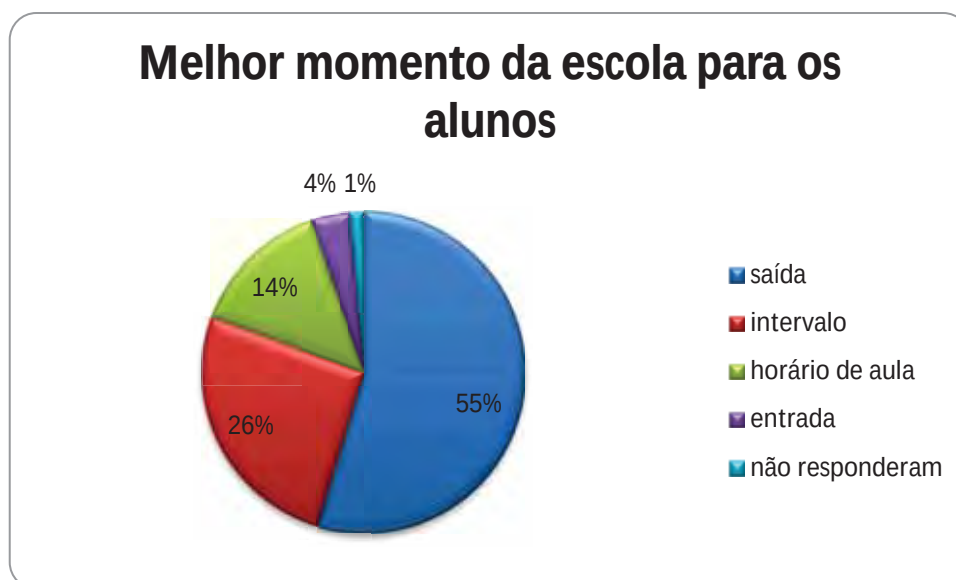


Gráfico 9: I.E. 2011. Melhor momento da escola para os/as jovens dos 3^{os}. Anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Terminado o período de atividades escolares, alguns dos/as jovens do I.E. ainda não estão livres para voltar a suas casas. Além dos que trabalham, existem também os/as jovens que realizam algum tipo de atividade extraescolar, conforme o gráfico 10 mostra. Os jovens pensam no futuro, vivem parte da sua juventude privilegiando este tempo, como forma de qualificar-se para uma melhor inserção no mercado de trabalho, quando tiverem que disputar uma vaga.

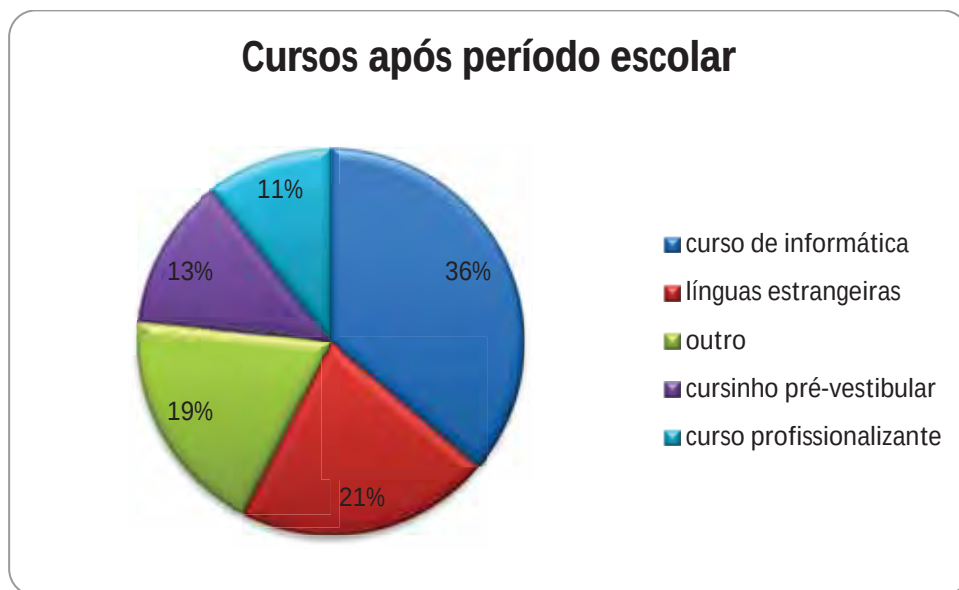


Gráfico 10: I.E. 2011. Cursos após período escolar dos jovens e das jovens dos 3^{os} anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

De maneira geral, pretendeu-se explicar como é a vivência destes jovens no período escolar, quais são as suas expectativas quanto ao futuro, quais os seus espaços e tempos preferidos na escola e como neste espaço marcado pelas estratégias educativas formais e controladas, inserem práticas de sociabilidade que são, ao mesmo tempo a presença do seu mundo, do seu universo cultural, nos interstícios que lhes são permitidos e naqueles que podem cavar.

Mesmo que o/a jovem fale mal do sistema escolar, ele/a vê a escola como uma escada para o futuro, pois ela constitui o principal local para adquirirem conhecimento e poderem alcançar o tão sonhado futuro melhor.

Capítulo 4

Os jovens e a cidade: conhecendo lugares e caminhos

Numa perspectiva que entende a educação como processo amplo, em que está envolvido o conjunto das relações sociais, espaciais, históricas em que os sujeitos estão inseridos e participam, a escola é encarada, assim como a família, como apenas alguns dos contextos educativos dos quais jovens, crianças e adultos fazem parte (DAYRELL, 2005). Ou seja, a educação e a formação da pessoa não se restringe aos processos educativos formais.

Nesse sentido, morar na cidade e viver as relações sociais que nela são travadas geram processos educativos. Segundo Carrano (2003), viver na cidade também é um meio pelo qual o/a jovem aprende. Se, num primeiro momento, na infância, as saídas de casa para a rua são tuteladas pelos pais, a passagem para a fase de vida juvenil significa também uma conquista de maior autonomia na circulação pela cidade, que tende a ser acompanhada não mais pela família, mas pelo grupo de amigos. Mas, quais são os lugares que os/as jovens dos 3^{os} anos do Ensino Médio do I.E. Fernando Costa frequentam em Presidente Prudente? Antes de responder esta pergunta, é preciso saber primeiro onde está o seu principal grupo de amigos.

Diante desta questão, algumas entrevistadas responderam o seguinte:

Entrevistada A: *eu acho que tá no trabalho porque, tipo assim, como eu fico o dia inteiro, então, eu não tenho muito contato, tipo, com a vizinhança, porque chego tarde. Então, acho é no trabalho mesmo, como fico lá o dia inteiro com o pessoal de lá...*

Entrevistada B: *e eu acho que é no trabalho, que eu trabalhava, e na escola, porque na escola você tá convivendo todo dia. O serviço também. Que nem ela falou, você fica o dia inteiro, não tem como você não pegar um vínculo.*

Ou ainda, para um dos meninos que participou do grupo focal, quando indagado sobre o valor da amizade, mais uma vez, a escola e o trabalho apareceram como sendo os principais locais de formação de grupos de sociabilidade e as amizades.

Entrevistadora: *e como que é a relação de amizades de vocês, vocês acham importante ter amigos? Como que é...*

Entrevistado F¹¹: antes eu não valorizava tanto, vivia muito em casa, era mais deitar, dormir e levantar. Mas amizade, pra mim agora, todo mundo arrumou um trabalho, né, eu considero o trabalho, como abrir visão pro mundo da realidade. Nossa! Trabalho e amizade eu valorizo muito. Eu e o E., lá, a gente trabalhou no mesmo banco...

Entrevistado F: por mais que a gente trabalhasse em outro local, tivesse as minhas responsabilidades e no banco que a gente trabalhou, a gente vê que um depende do outro, necessitava ter um vínculo, mesmo que fosse profissional e a amizade sustenta, tipo, na hora de ralar é muito difícil, “coloca aí pô, como é que faço, tal”. Se ele não fosse meu amigo, poderia até nem atender, ou não. Então, esse vínculo de amizade é vive muito, na vida, fora do trabalho, em casa é muuuito legal, você te com quem conversar...

Através destes relatos os três entrevistados dizem que seu principal grupo de amigos está vinculado ao trabalho e a escola, por passarem grande parte do tempo juntos, uns com os outros, nestes locais. Como foi dito, estes jovens passam 5h e 20min dentro da escola e, quando vão trabalhar, passam a tarde inteira junto com os colegas de trabalho, ou seja, a sociabilidade é uma decorrência natural do viver junto. Mas também evidencia o caráter institucional da experiência desses jovens da cidade e das relações de amizade, visto que falam de espaços em que a tutela do mundo adulto é maior.

Outro aspecto relevante é a importância da amizade nessa fase de vida, quando tudo que acontece aparece com muita intensidade, o amigo se torna a principal chave para tudo, mesmo no trabalho, ou ainda para desabafar, chorar e rir, como nos contam G,¹² H¹³ e I¹⁴.

Entrevistada G: amizade também conta muito, em tudo, em tudo...

Entrevistada G: ah, quando você precisa falar com alguém, assim, desabafar, amigo. Sair amigo, conversar amigo, rir amigo, amigo. Quando você quiser rir, fala com o I. pronto.

Entrevistada H: hoje, acho que tudo gira em torno das suas amizades, é você sofrer influências de seus amigos, você....

Entrevistada I: mas, tipo assim, você vai sair, se não tiver amigo, vai sair como, sozinho, você vai...

¹¹ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, F é do sexo masculino e possui 17 anos.

¹² Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, G é do sexo feminino e possui 17 anos.

¹³ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, H é do sexo feminino e possui 17 anos.

¹⁴ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, I é do sexo masculino e possui 16 anos.

A figura do amigo está presente em todos os acontecimentos da vida destes jovens. Estes amigos são encontrados no meio escolar, no trabalho e, no caso dos que não trabalham, seu grupo de amigos é formado na escola e na cidade em geral (gráfico 11).

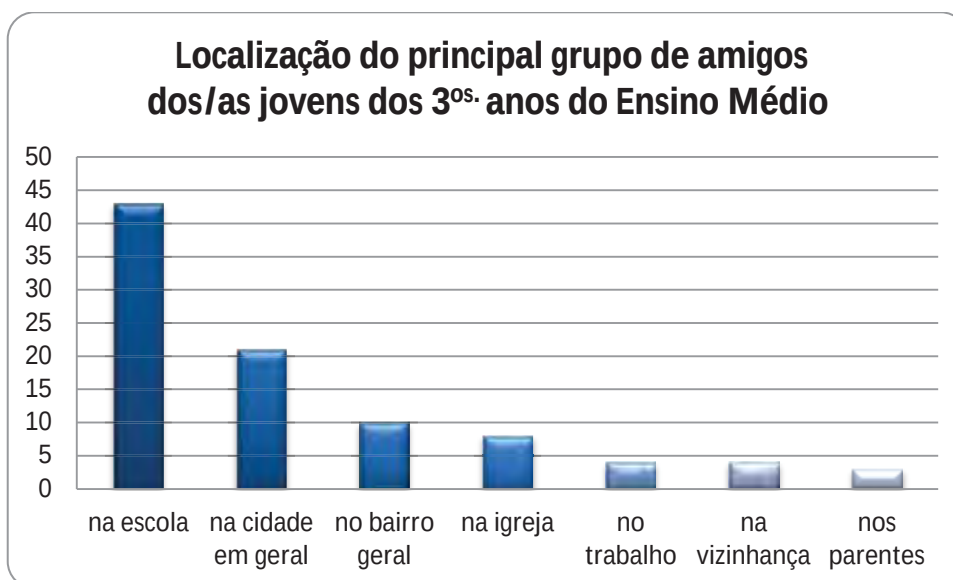


Gráfico 11: I.E. 2011. Localização do principal grupo de amigos dos/as jovens dos 3^{os} anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

O gráfico 11, confirma o que os jovens e as jovens entrevistados/as e participantes do grupo focal já haviam nos relatado, que a escola é, para eles e elas, o mais importante espaço de formação de redes de amizade. A cidade em geral aparece em segundo lugar, o que não corresponde diretamente ao que nos foi relatado nos depoimentos. Mas, considerando que os amigos da escola nem sempre moram nos mesmos bairros que os entrevistados/as, pode-se deduzir que, ter sua rede de amizades na cidade, em geral, é consequência das amizades feitas na escola.

Outra questão lançada no grupo focal e que revela muito de como os jovens e as jovens do I.E. encaram e vivem suas juventudes foi: o que significa ser jovem para você? Houve, no grupo, um consenso de que ser jovem é ter dinheiro, independência financeira, ter liberdade para sair, sem a tutela dos pais, mas com sua confiança. A presença do amigo continuou ocupando o seu papel, pois ao reivindicarem maior liberdade para sair, querem fazer isso com seus grupos de pares.

Entrevistado F: ah, é o seguinte, eu não vivo a juventude plenamente. Sempre falta alguma coisa, mas eu não sei bem o que é, mas eu acho, se tivesse um pouquinho de grana, pra fazer o que eu quero, tipo, viajar, ir pra algum lugar, fazer o que eu quero, acho que ajudava muito. Grana ajuda pra caralho!

Entrevistado E: olha, eu acho que eu vivo a minha juventude bem plena, porque meu pai me dá liberdade, pra fazer muita coisa. Eu faço realmente o que eu quero, praticamente.

Entrevistada H: [...], eu acho que falta um pouco de confiança de mim. As vezes, eu quero... As vezes, eu quero sair, pra determinado lugar, com determinada pessoa, não vai. Não dá, é complicado, mas, eu ainda sou muito dependente do meu pai e da minha mãe, apesar de eu ter o meu dinheiro.

Nesse sentido, para os/as jovens que participaram do grupo focal, ser jovem é viver entre amigos, sem a presença ou o controle exacerbado dos pais. Nesse sentido, a cidade é o *lócus* de realização dessa vivência juvenil, visto que viver entre amigos fora dos controles do mundo adulto, requer um espaço fora da família e fora da escola e do trabalho, ainda que estes sejam importantes espaços agregadores. Ao reivindicar liberdade para sair, reivindicam, portanto, direito à cidade. Assim, a cidade é um espaço propício para os jovens, pois eles transformam os espaços habitados, conferindo-lhes valorizações próprias das formas como encaram a vivência juvenil. Nessa perspectiva, os espaços que os jovens utilizam na cidade de Presidente Prudente- SP são os seguintes:

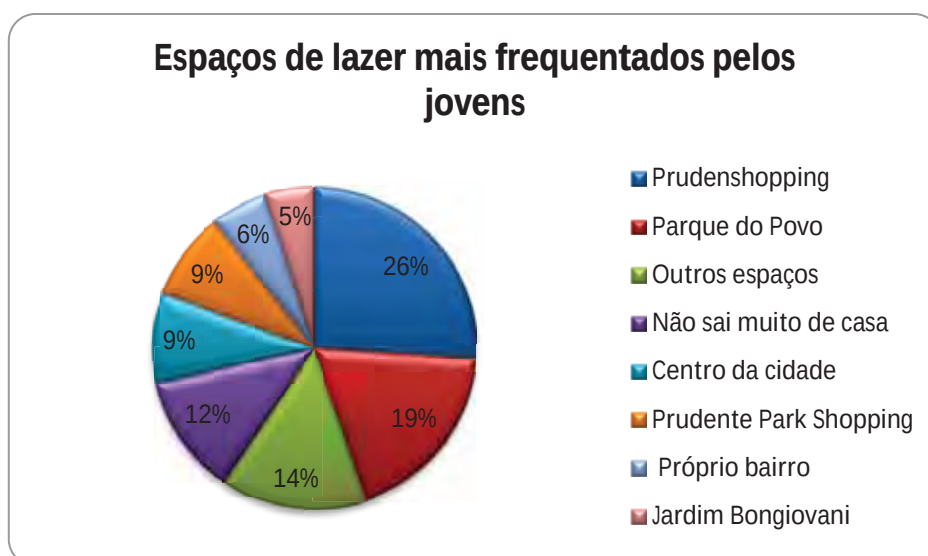


Gráfico 12: I.E. 2011. Espaços de lazer mais frequentados pelos jovens, alunos/as dos 3^{os} anos do Ensino Médio.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Os espaços mais frequentados indicam também valorizações diferenciais entre as várias opções de encontro, diversão, festa, oferecidas na cidade de Presidente Prudente, em que os/as jovens podem sair e, assim, conforme suas visões do que é ser jovem, viver a juventude. O *Prudenshopping*, que é o maior *shopping* de Presidente Prudente e da região, foi indicado por 26% dos jovens respondentes do questionário, como seu principal espaço de lazer. Em segundo lugar ficou o Parque do Povo. Nota-se uma clara distinção entre o espaço privado e público. Neste sentido os dois *shoppings* da cidade recebem 35% destes jovens, em contrapartida os espaços de lazer do próprio bairro somado com o Parque do Povo recebem 25%. Talvez seja nesse sentido que um dos entrevistados reconheça que para viver plenamente sua juventude, um pouquinho mais de grana ajudaria muito.

Pode-se dizer que estas interações com a cidade fazem com que o/a jovem a conheça, circule por ela em busca de diversão, lazer, estudos e trabalho. Já foi visto que a escola e o trabalho são responsáveis pela socialização destes jovens, mas quando perguntado com quem eles vão para estes espaços, um novo grupo de amigos entra em cena: os amigos do bairro (gráfico 13).

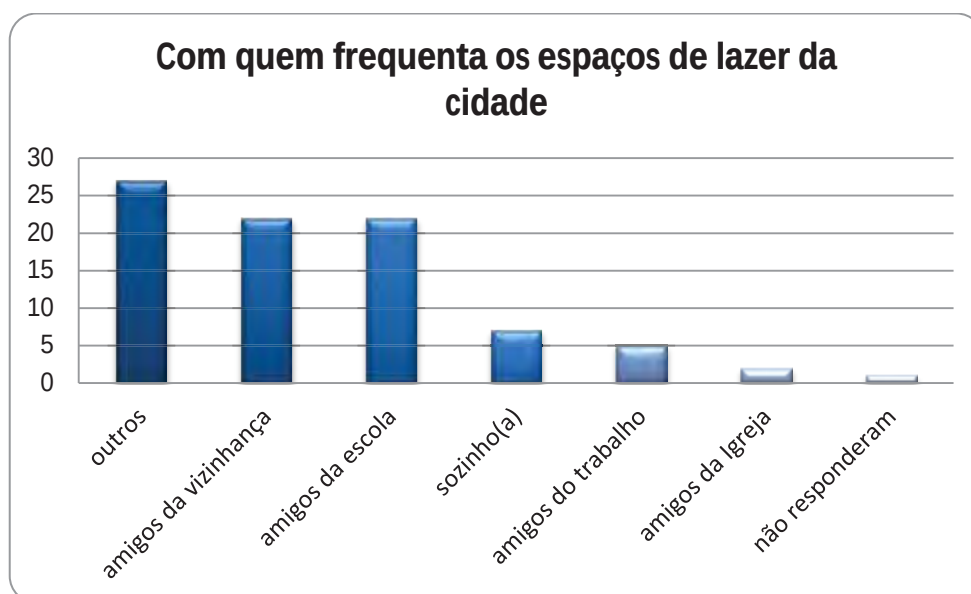


Gráfico 13: I. E. 2011. Grupos de amigos com quem os/as jovens dos 3^{os} anos do Ensino Médio frequentam os espaços de lazer na cidade.

Fonte: Questionário aplicado aos jovens do I.E.

Neste gráfico surgem duas variáveis que ainda não tinham sido manifestadas. A primeira e a mais significativa é que estes jovens vão para a diversão citadina com a companhia de outros amigos que não estão relacionados com a escola, tais como os da vizinhança, do trabalho e da igreja. Além disso, o alto percentual de respondentes a alternativa outros pode indicar que eles/as saem com a família ou com seus namorados/as, tendo em vista que faltaram tais alternativas quando da elaboração do questionário.

Dois grupos permanecem empatados. Verifica-se que parcela importante grupos formados para a frequência aos espaços de lazer do bairro situa-se no bairro, tanto quanto na escola. Como já descrito anteriormente, devido ao tempo que estes jovens passam juntos, fortalecem e criam vínculos de sociabilidades muito fortes, o que explicaria que os grupos de sociabilidade da escola são os mesmos com os quais os respondentes participam dos espaços de lazer e diversão de Presidente Prudente. A surpresa diante do elevado percentual apresentado pelos grupos de bairro leva-nos a questionar em que tempos e espaços as redes de sociabilidade dos jovens nos bairros são constituídas, uma vez que muitos, além de estudarem no centro, também ali trabalham, ou fazem cursos.

Para conhecer quais espaços de sociabilidades eles mais gostam e frequentam, solicitamos aos participantes do grupo focal que selecionassem algumas imagens em que são retratadas as atividades de jovens: casal de namorados (1) imagem de jovens praticando esportes e tocando música(2) diferentes estilos musicais (3) grupo de amigos (4) meninas no computador (5) meninas estudando (6) igreja (7) meninos trabalhando (8) exposição de rodeio (9) e barzinho (10) (estas imagens podem ser vistas no anexo V).

O jovem F selecionou as imagens 6, 4, 2, ou seja, imagens com jovens estudando, com amigos, e os jovens praticando esportes e ouvindo música.

Entrevistado F: o 6 porque eu gosto de estudar, eu acho legal, alguns acham ruim, eu acho legal você ter conhecimento. O 4 por causa dos amigos, amigos de verdade e o 2 porque eu gosto de música, eu gosto de aventura.

Para este jovem, a sua juventude é dividida, pois ele tem a obrigação de estudar para conseguir um bom emprego e passar no vestibular e, assim, vive a juventude enquanto fase de preparação para o futuro. Esta obrigação,

contudo, é dividida entre momentos de lazer, onde ele pode ouvir música, praticar algum esporte e ter a companhia do amigo, nesse sentido, vive juventude enquanto momento de sociabilidade em grupos de pares, valorizando o presente. Estas são duas formas de se relacionar com o tempo entre os/as jovens que, segundo Pais (2003), conduzem a formas diferentes de viver a juventude, mas que não se excluem e podem ser vividas pela mesma pessoa, com suas ambiguidades. Estas ambiguidades marcaram as escolhas de imagens dos demais participantes do grupo focal.

Com vistas a desvendar as relações espaciais dos jovens que participaram do grupo focal, pedimos para que estes jovens desenhassem um “mapa mental” dos seus trajetos nos dias de semana e nos finais de semana. Na figura 3, temos o trajeto durante a semana de F.

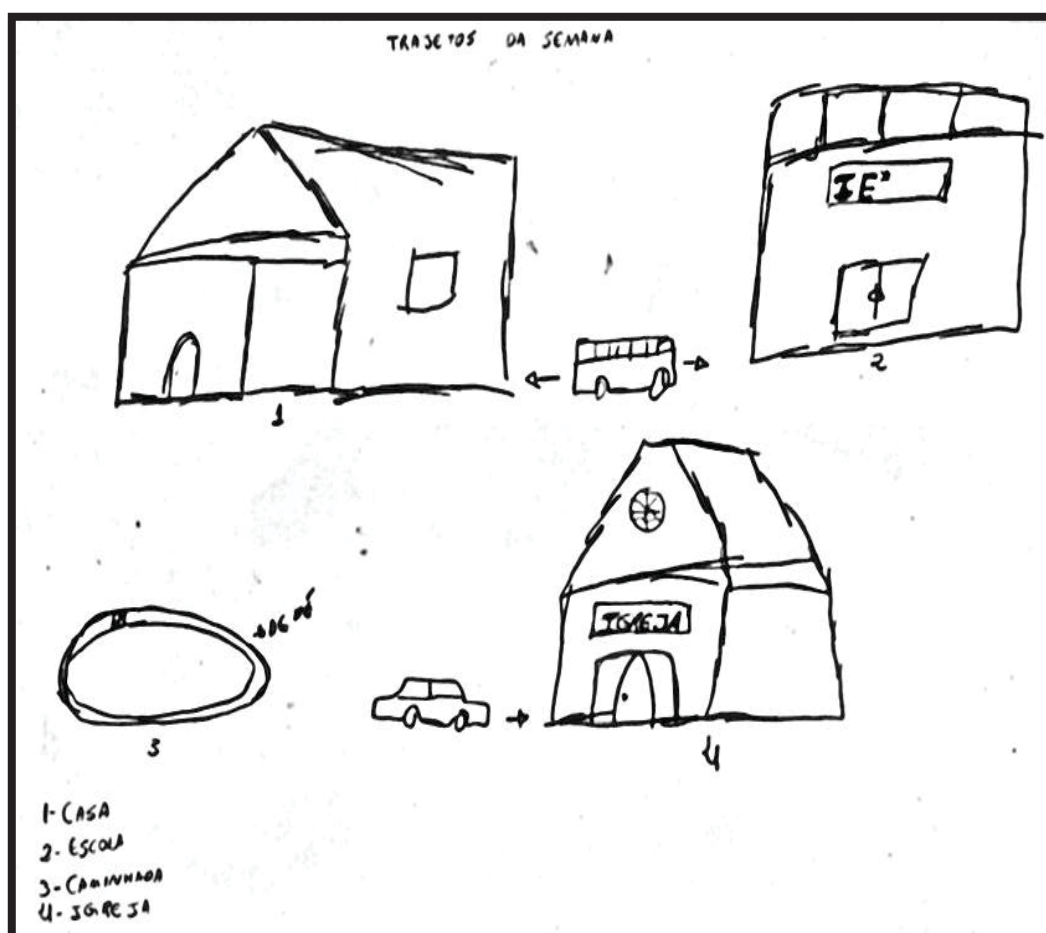


Figura 3: Dia de semana de F.

Fonte: Grupo focal (2011).

Para F, os trajetos durante os dias de semana são:

Entrevistado F: *oh meu, eu saio de casa, vou de ônibus até a escola e volto de ônibus, depois chego em casa almoço e quando dá umas ... fico na internet, quando dá umas 5 horas eu vou correr, corro até as sete, sete e meia.*

Entrevistado F: *e dia de quarta-feira e sexta eu vou pra igreja.*

No seu mapa mental, F. deu preferência aos três espaços: a casa, a escola e a igreja, possuindo estas o mesmo peso, já que ele representou as três instituições do mesmo tamanho e deu menos importância para sua caminhada, representada por um círculo de tamanho inferior aos demais. O seu percurso casa-escola e escola-casa é realizado através de transporte público. Nas quartas e sextas feiras ele vai para a igreja, única vez que aparece o automóvel, o carro se faz presente, pois, é um momento de sair com a família. Atividade que parece desempenhar junto com a família.

Os finais de semana de F são esquematizados da seguinte forma, conforme mostra a figura 4.

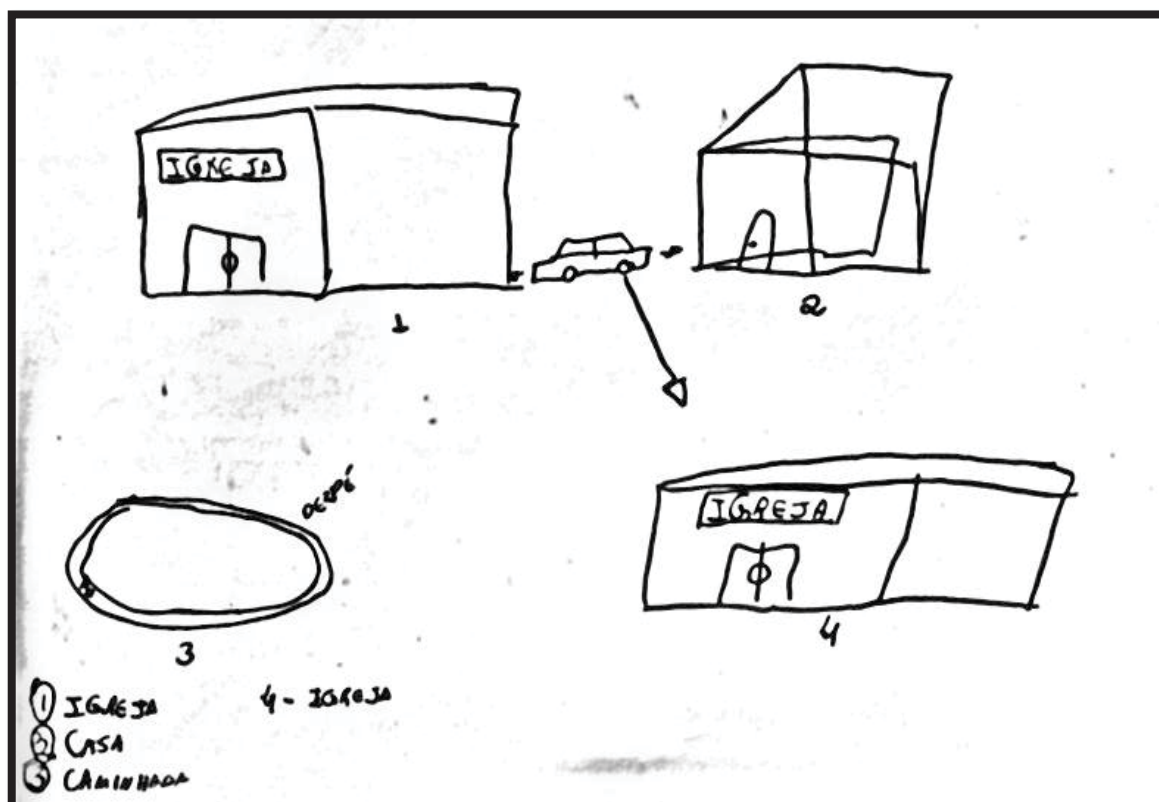


Figura 4: Final de semana de F.
Fonte: Grupo focal (2011).

Entrevistado F: *final de semana, eu acordo cedo vou pra igreja, aí volto meio dia pra casa, almoço, e quando dá umas 4h eu vou correr de novo e corro até as 5.*

Entrevistado F: *e chego em casa e vou pra igreja de novo e volto pra casa.*

No final de semana, a trajetória de F é realizada toda de carro e a Igreja é a atividade mais importante, pois ela aparece duas vezes representada no seu mapa. Em contrapartida, ele não selecionou no bloco de figuras a que representa jovens na igreja. Algo peculiar, porque ela foi apresentada nos dois mapas mentais. F parece ser do tipo jovem religioso e disciplinado nos seus objetivos: faz caminhada todos os dias da semana, gosta de estudar e estar entre os amigos, e vê uma preocupação acerca do seu futuro, em qual carreira escolher.

Outra posição diante das imagens foi a de J¹⁵, que escolheu as de número 8, 7, 6 e a 4. A imagem 8 mostra a imagem de jovens trabalhando, pois em seu discurso ela acha muito importante o jovem trabalhar, já que é a partir de tal atividade que eles passam a ter sua própria liberdade. No grupo focal, quando pediu-se para ela justificar sua escolha, ela respondeu:

Entrevistada J: *ahh eu acho que é 8 porque eu gosto de trabalhar, eu acho que é a 7 porque eu vou muito, sou uma pessoa bastante religiosa, eu gosto da 6 porque eu gosto muito de estudar [...] e 4 porque assim eu convivo muito com os meus amigos, isso.*

Trabalho, religião, estudo e amizades são as dimensões da sua experiência presente de juventude que ela valoriza. Na sequência, ela relata a experiência de ter um emprego e como sua vida mudou a partir do trabalho.

Entrevistada J: *ah, você começa a vê que você pode, ah um emprego, quando você consegue um emprego nessa idade, você tem o seu dinheiro.*

Entrevistada J: *é uma independência financeira, você pode sair com seus amigos, meio que se começa a ser dono do seu próprio nariz né, um pouco.*

Entrevistada J: *por exemplo, eu dentro da minha casa, eu acho que tenho liberdade, pra fazer assim, quando eu quero uma coisa eu vou atrás. Meus pais, eles não me levam pra lugar nenhum, eles tem dois carros em casa, eles não me levam, eles não me dão dinheiro, eles não fazem nada por mim, o que eles, minha mãe e meu pai faz é trabalhar entendeu, mas eu acho que minha liberdade...*

Entrevistada J: *é eu, sabe, eu querer uma coisa e eu ir atrás é eu ter força de vontade, não depender dos meus pais. Por exemplo, eu queria um emprego eu fui atrás, fui tirei minha carteira de trabalho sozinha, não tinha CPF não tinha RG, eu não tinha nada.*

¹⁵ Grupo Focal realizado pela autora no dia 23/11/201 no próprio colégio, J é do sexo Feminino e possui 17 anos.

Entrevistada J: *é eu fui atrás sozinha, oh eu vou, eu fui, eu consegui, pra mim é uma vitória entendeu, não depender dos meus pais. Quando eu quero sair, eu ligo pros meus amigos, eles me buscam, porque meus pais tem carro em casa e não me levam, então pra mim isso já é uma vitória*

Entrevistada J: *e eu sou feliz assim*

Neste relato, ela conta como é importante sua inserção no trabalho e a determinação que possui. Ser jovem é isto, ter que enfrentar os desafios que a vida traz, e ser for necessário arrumar um emprego, se divertir com os amigos, aprender a se virar na cidade para alcançar seus objetivos, seja para tirar uma carteira de trabalho ou ir trabalhar. Sobretudo, porque o trabalho lhe garante maior independência em relação aos pais, no campo do que ela pode consumir.

Ainda na seção das imagens, ela selecionou a de número 7, que representa jovens na igreja, que foi muito bem representado nos seus mapas mentais, conforme será mostrado abaixo.

A penúltima imagem selecionada foi a 6, representada por jovens estudando. Conforme dito acima, ela gosta muito de estudar, e sua preferência está na especialização por línguas estrangeiras:

Entrevistada J: *eu penso assim, claro que, assim, eu sou diferente. Eu amo estudar, mas eu não gosto da rotina escolar. Eu chego em casa, eu amo línguas eu estudo todo dia, agora que não tô trabalhando, um hora de inglês, uma hora de francês, e reponho o japonês. Eu gosto do fato de estudar, fazer cursos sim, mas eu não gosto de vir pra escola, ter essa rotina de trabalho, ter essa rotina de professor, de aluno. Conviver com pessoas que eu não gosto eu já estou acostumada, entendeu...*

Entrevistada J: *mas essa pressão tipo se você não fizer isso, se você não fizer aquilo, ou aquela coisa AAHHH você tem que pensar no seu futuro, tem que passar no vestibular, porque todo mundo faz vestibular, porque todo mundo faz Enem¹⁶. Não é assim que quero pensar. Eu quero pensar que eu tenho um desejo pra realizar, é claro que fazer vestibular, faculdade é uma coisa que no Brasil, ou no mundo, ou principalmente na nossa cultura é uma coisa que, assim, é um tabu, você tem que fazer, eu, todo mundo passa por isso, mas eu pessoalmente não quero saber, eu não quero. Eu quero fazer uma coisa pra mim, eu não quero fazer uma coisa pros outros, porque eu acho se eu tiver fazendo faculdade eu vou tá fazendo pro meu pai ficar feliz, ou pra minha vó, ou pros meus tios, entendeu...*

O discurso de J destoa das trajetórias mais lineares de vida apresentadas pelos outros membros do grupo focal, em que projetam o fim do ensino médio e o início do curso superior como horizontes de futuro.

¹⁶ Exame Nacional do Ensino Médio.

A última Imagem selecionada foi a de número 4. Mais uma vez, a presença dos amigos é de fundamental importância para sua juventude. Viver entre os pares de iguais é fazer acontecer a juventude.

Nos trajetos durante a semana ela nos mostra a seguinte figura 5:

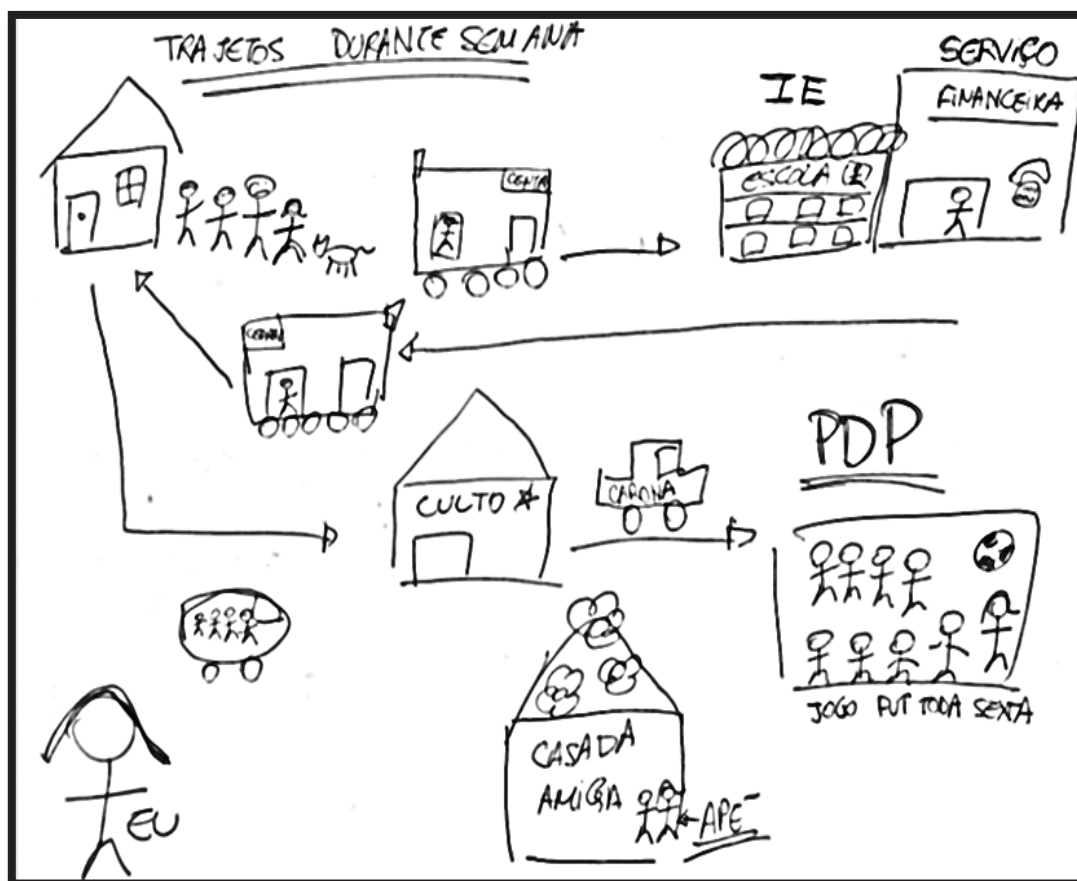


Figura 5: Durante a semana de J.

Fonte: Grupo focal (2011).

Em seu mapa mental, a trajetória é retilínea. Primeiramente, ela desenhou sua casa, onde está sua família e um animal de estimação, onde pega ônibus todos os dias para o centro, onde estuda e trabalha. Ao final do dia, retorna para casa, também de ônibus.

Dependendo do dia da semana, a jovem vai para a igreja, e nesta trajetória aparece toda a família, numa atividade que faz reunida. Somente quando vai para o jogo de futebol – que parece ser realizado no Parque do Povo (PDP) – é que utiliza o automóvel, mas mesmo assim, este parece não ser o carro da família, pois vem com a legenda “carona”. Ainda durante a semana, frequenta a casa de uma amiga, que parece ser perto da sua casa, pois o trajeto é feito a pé. Contudo, no desenho aparece distante, talvez porque

não seja uma rotina. A rotina de casa, escola, trabalho, aparece numa linha reta e disposto lado a lado, sobretudo a escola e o trabalho, que se localizam próximos, no centro de Presidente Prudente.

A figura 6 revela suas trajetórias aos finais de semana.



Figura 6: Final de semana de J.
Fonte: Grupo Focal(2011).

No final de semana, a jovem sai de sua casa, vai até a igreja novamente, com toda a família. Depois desta atividade, vai para a casa da amiga, de onde parece sair para o “rolê”¹⁷, em carro de amigos.

¹⁷ Segundo Turra Neto (2008, p. 225), “Magnani (2005, p. 200-01) aponta que o termo *rolê* é um ‘termo nativo’ que pode vir a se constituir num conceito para compreensão de práticas espaciais dos grupos que o utilizam. Entre pichadores de São Paulo, o termo *rolê* tem o sentido de ‘uma saída coletiva para pichar em determinado ponto da cidade’”. Entre os/as *punks* de

Fazendo um paralelo entre as imagens que a entrevistada J selecionou, quase todas apareceram nos seus mapas mentais: o trabalho, a igreja, e amigos são representados. O único que não foi representado foi o gosto pelo estudo, visto que a escola foi representada como uma prisão, com um desenho que parece ser de arames farpados em espirais no teto. Como demonstrado em seu diálogo acima, ela não gosta do modelo de estudo escolar, que ela é obrigada a seguir. Em contrapartida, a casa da amiga é representada com flores no teto, em ambos os desenhos.

Na perspectiva de I, um jovem entrevistado do sexo masculino, seu bloco de imagens ficou com os números 4, 5, 7, 9. Ele coloca em primeiro lugar os amigos, logo em seguida vem a *internet*, a igreja vem em terceiro lugar e, por último, ele coloca as festas. Uma de suas falas que chamou atenção foi quando perguntado ao grupo focal: o que é ser jovem para você? Em meio a esse assunto, a juventude foi associada com liberdade, tanto financeira quanto familiar, para poder sair com os pares de iguais. Diante deste contexto, o entrevistado I disse a seguinte afirmativa:

Entrevistado I: *eu não gosto de sair, se eu pudesse ficava em casa, internet o dia inteiro.*

I é do tipo que não gosta de sair muito de casa, prefere ficar com os amigos da internet, mas afirmou que sai às vezes. Ele ainda se utiliza de estratégias para poder ficar em casa, como pode ser visto logo a baixo, dizendo que sua mãe não deixa sair.

Entrevistado I: *o dia que a internet não tá a fim de mim, aí eu dou uns rolês entendeu. Às vezes também, de tanto que minha mãe não me deixava sair quando eu tinha 12, 13 anos, aí eu não gosto de sair mais.*

Entrevistado I: *mas, tipo assim, “vamos no shopping amiguinho”? “Não, vou ficar”.*
[...]

Entrevistado I: *ah, então, aí as vezes eu saio, aí quando eu não estou muito a fim, falo que minha mãe não deixa, mas eu não quero ir.*

Entretanto, quando foi perguntado ao grupo focal sobre o que falta para viver uma juventude plena, I relatou que:

Guarapuava, o Turra Neto identificou que “[...] o termo designa mais um passeio descompromissado pela cidade, sem destino ou objetivo definido, simplesmente seguindo um percurso que se traça na própria trajetória, a partir dos encontros ou não que acontecem casualmente”.

Entrevistadora: o que se acha que falta assim pra você viver a juventude

Entrevistado I: mais festa

Entrevistada G: mas você só fica na internet

Entrevistado I: quando tem festa nós saímos, né não?

Entrevistadora: que tipo de festa?

Entrevistado I: rodeio, hurrull.

A imagem de festa que I selecionou tem muito a ver com rodeio, já que mostra pessoas na arquibancada e outras dentro do que parece ser uma arena de rodeio, onde se passa algum show musical. A igreja, que foi selecionada nas imagens, também vai aparecer nos seus mapas mentais, conforme a figura 7:

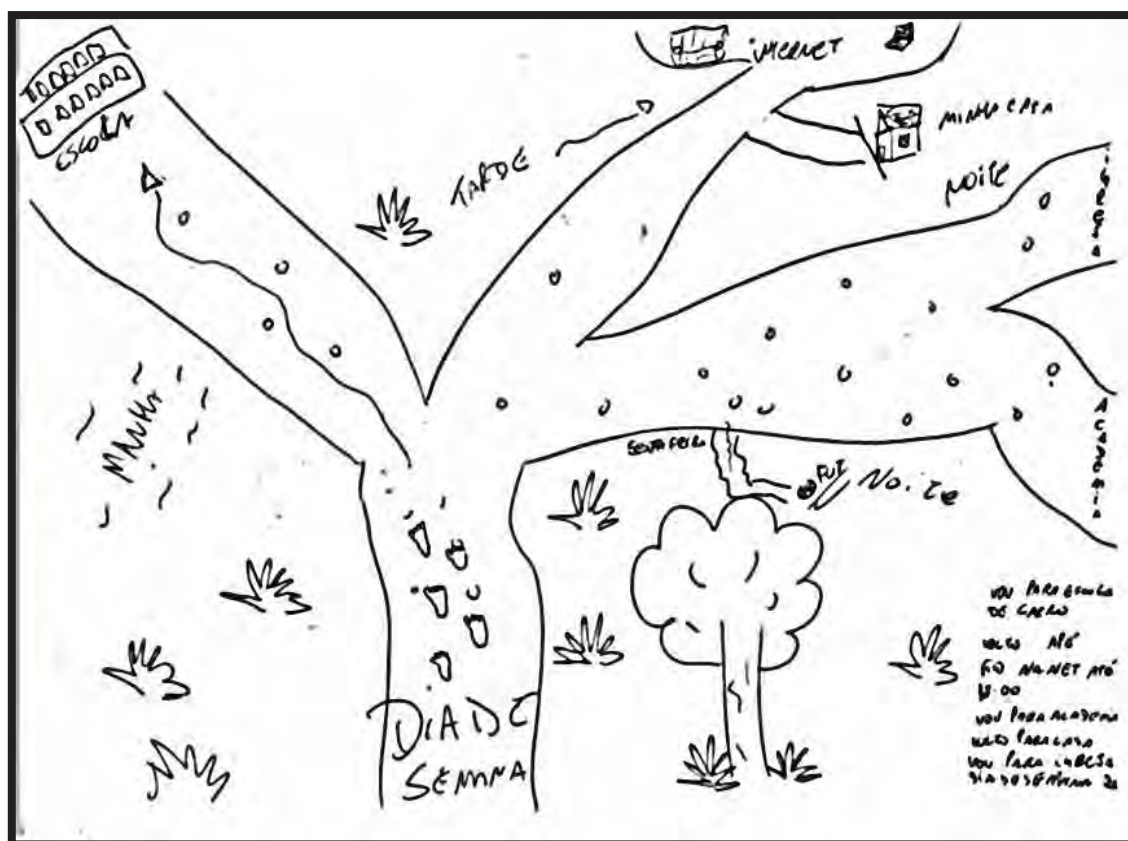


Figura 7: Durante a semana de I
Fonte: Grupo focal (2011).

Em sua legenda, não muito visível, está escrito “vou para escola de carro, volto a pé, fico na internet até as 18:00, vou para academia, volto pra casa, vou para igreja, dia de semana 2x”. O entrevistado tem uma rotina

marcada pela escola e pela *internet*, e as noites da semana são divididas entre academia e igreja.

O automóvel está presente na vida de I e seus pais o levam para a escola todos os dias. Entretanto, ele sabe se virar sem a tutela dos pais, pois volta para a casa sozinho e a pé, vai para academia sem seus pais e volta sozinho. Curiosamente, a *internet* no seu desenho foi representada num espaço diferente daquele da sua casa, como se fosse algo a parte. Ainda que pela sua fala deu a entender que fica a tarde toda na *internet* em casa (quando afirmou que não gosta de sair, que se pudesse ficava em casa, “internet o dia inteiro”). Também chama a atenção que o ponto de partida do caminho e do caminhar (representado pelos pés no desenho) está no lado oposto ao da sua casa, representada como mais um dos espaços para onde vai, com o mesmo valor de todos os outros.

No seu trajeto de finais de semana, I representou o seguinte:

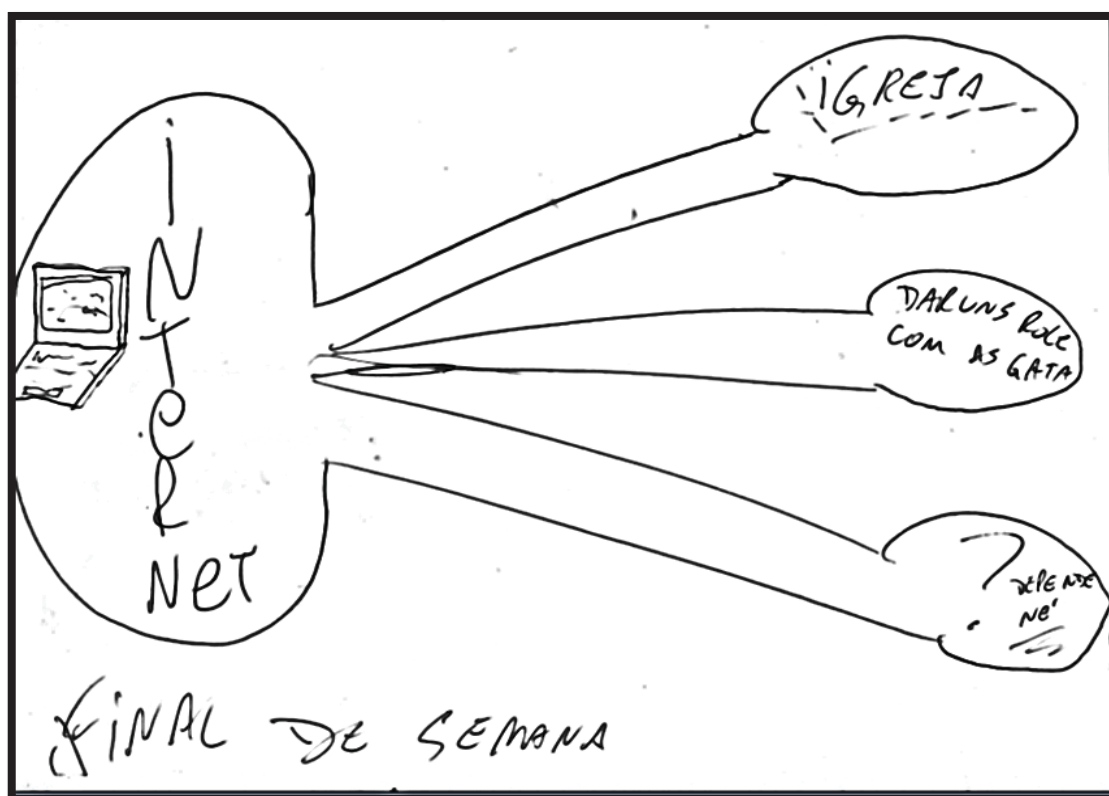


Figura 8: Final de semana de I
Fonte: Grupo focal (2011).

No seu desenho de final de semana, I representa a *internet* como foco central do seu tempo. Ele se vê obrigado a dividir a internet com a igreja, com o

lazer, sair com meninas e amigos e, por fim, seu último caminho irá depender de sua vontade. I é daquele jovem que não gosta de sair, quando sai, vai para *shows* e exposições, conforme mostra a figura por ele selecionada, eventos que só acontecem esporadicamente na cidade. Mesmo assim, pelo seu desenho, a impressão que dá é que todos os espaços acessados aos finais de semana partem da Internet, indicando que pode se tratar também de um acesso virtual, como se fossem articulados a partir de onde ele está. A própria representação de espaços circulares, fechados nas extremidades e abertos ao lado da internet pode ser revelador desse acesso virtual.

Dando continuidade à seleção de imagens, há o estudante E, que selecionou as imagens de número 4, 2, 8 (amigos, esportes e trabalho).

Entrevistado E: *pô, 4, 2, 8 amigos que dá uma base pra minha felicidade e depois família, 2 que eu gosto de esportes, esportes pra mim é essencial, se libera se solta e o trabalho independência.*

Durante a observação participante no I.E., comprovamos como é o comportamento de E. Para ele a amizade é muito importante e como já citado em depoimentos anteriores, valoriza principalmente a amizade com F, por trabalharem e estudarem juntos, o que fortalece seus laços, para além da sociabilidade. O entrevistado tem orgulho de trabalhar e ter seu próprio dinheiro.

Entrevistado E: *é aquele negócio pai me dá cincão, pra eu ir no cinema.*

Entrevistado E: *não existe mais.*

Entrevistado E: *é uma coisa meio arcaica pra nossa idade né, já que aqui tem oportunidade de emprego, nem que seja catando latinha.*

Nos seus trajetos, E apresentou os seguintes mapas mentais:

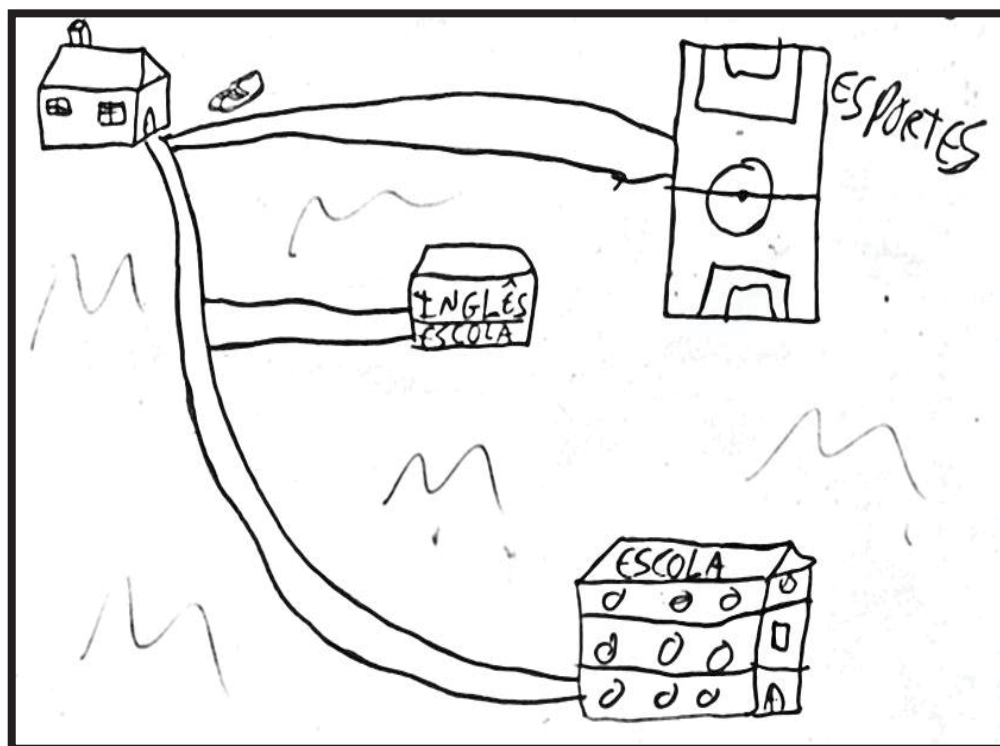


Figura 9: Durante a semana de E.
Fonte: Grupo focal (2011).

Nesta figura, observa-se a casa como o ponto irradiador (de casa para outros destinos), o esporte fica mais próximo a casa e representa uma quadra como maior que a casa e as escolas, logo E se identifica mais pelo gosto dos esportes. No meio se vê encaixado o curso de inglês e mais distante se encontra a escola.

Em sua trajetória aos finais de semana E apresenta o seguinte esquema:

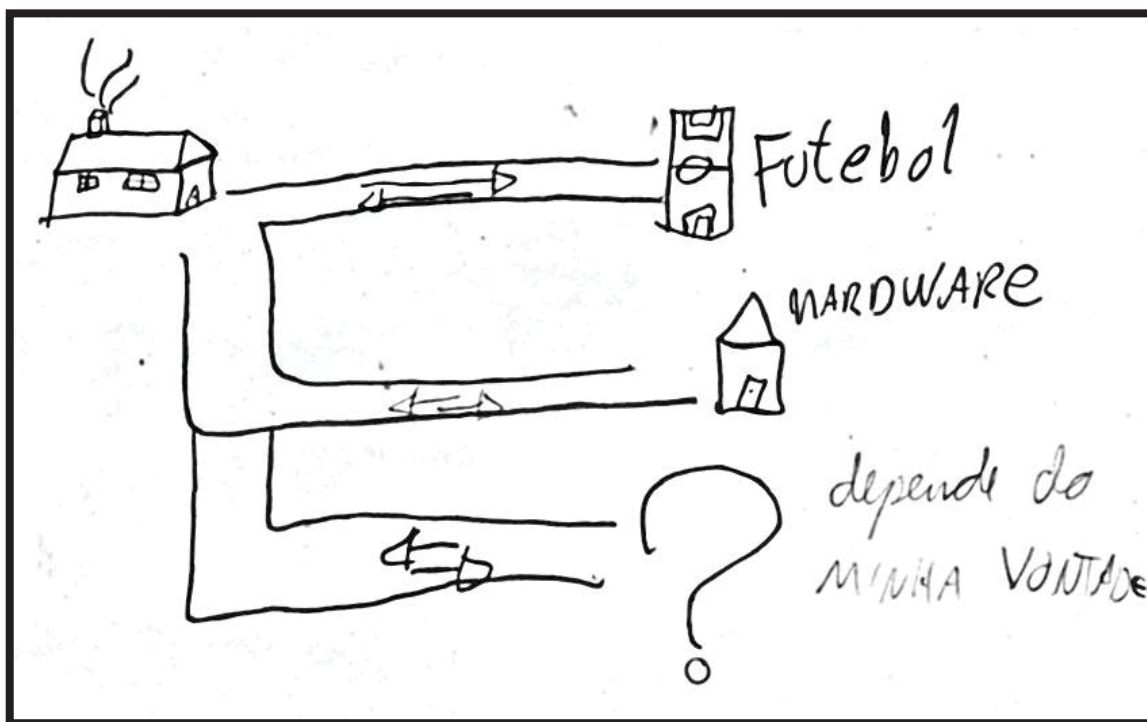


Figura 10: Final de semana de E.
Fonte: Grupo focal (2011).

O jovem representa novamente sua casa como sendo o mais importante da equação, uma vez que ela se localiza no topo da folha. É nela que são tomadas as decisões do que fazer. Aos finais de semana, E se desloca novamente para praticar esportes, vai para outros cursos que não o inglês, realiza aulas como a de computação. Já no final do desenho, ele apresenta um destino incerto, que dependerá do seu desejo de sair.

O bloco de imagens que D escolheu foi o menor de todos. Ela ficou com as imagens de número 5 e 6, *internet* e estudos. Isso pode ser justificado devido ao fato dos seus pais serem mais severos quanto às permissões de sair. Ela se ressentia da falta de confiança, ou a falta de liberdade oferecida pelos pais, como aparece nos seus depoimentos já citados. Chama a atenção também o fato de D não selecionar a imagem número 4 (amigos), uma vez que todos os outros membros do grupo focal a escolheram. Isso pode ter ocorrido pelo fato de sua sociabilidade ser restringida, não transferindo essa sociabilidade para fora dos muros da escola e do curso técnico (retratado fielmente nos seus mapas mentais).

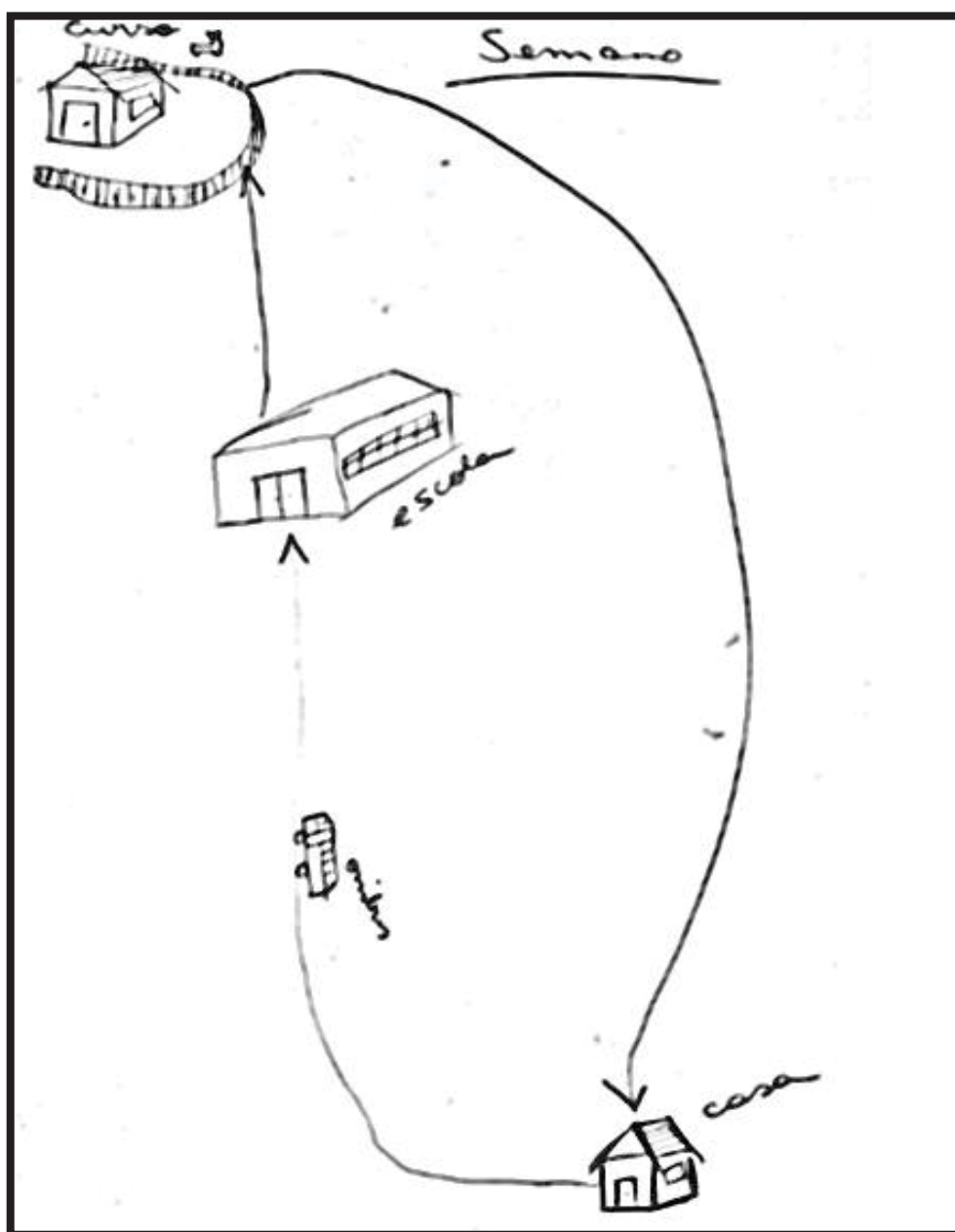


Figura 11: Durante a semana de D.
Fonte: Grupo focal (2011).

Conforme ela disse, sua rotina é de casa para a escola, da escola para o Colégio Agrícola. Terminada a aula no curso técnico, ela retorna para sua casa. Seu percurso é realizado totalmente de ônibus e a entrevistada parece gostar mais do curso do que da escola, uma vez que este se apresenta na parte superior do desenho. Contrariamente, a casa é representada na parte de baixo da folha e muito menor que os outros espaços. Chama a atenção para que as extremidades da folha, com a escola no meio são conectadas por longas e

finas linhas, que indicam os trajetos. Talvez tenhamos aí a representação de grandes distâncias percorridas cotidianamente.

Já o seu desenho dos finais de semana apresenta somente a casa onde mora, o que sugere a grandeza de sua privação, mal podendo frequentar os espaços de lazer que a cidade oferece.

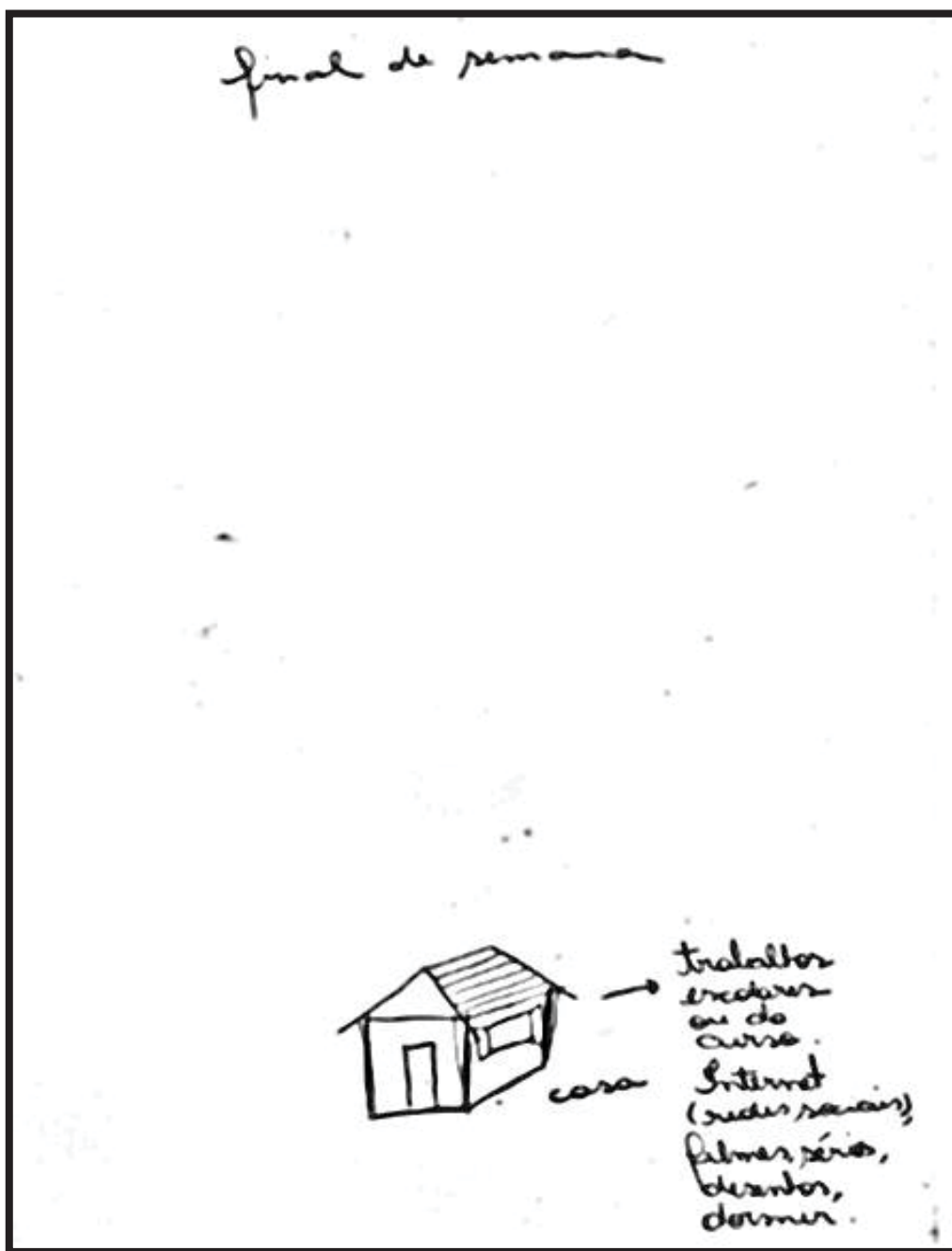


Figura 12: Final de semana de D.
Fonte: Grupo focal (2011).

O que mais chamou atenção no desenho de D dos finais de semana foi o espaço em branco deixado na folha. Ela retrata sua casa com a legenda “Trabalhos escolares ou do curso. Internet (redes sociais) filmes, séries, desenhos, dormir”. D ainda tem sua vida bastante monitorada pelos pais e não possui liberdade para sair e se divertir na noite prudentina, o que aponta para o fato de que para ela, a entrada nesta fase de vida (a juventude) não foi acompanhada da conquista de maior autonomia de circulação pela cidade e de maior independência em relação à família.

Dando sequência ao bloco de imagens, tem-se a entrevistada C, que escolheu as figuras de número 4, 7, 5 e 2 (amigos, igreja, internet, jovens praticando esporte e tocando instrumentos musicais). C apresentou a seguinte justificativa para esta seleção:

Entrevistada C: *é eu escolhi o 4, o 7 o 5 também, é assim, o 7 que é a igreja é que eu vou bastante a igreja, e eu me interesse bastante pelo assunto, o 4 que é amizade. Não, é porque eu acho que passo mais tempo, tanto tempo aqui na escola que às vezes eu fico mais feliz aqui do que em casa. O 2 também eu acho que eu queria ter vontade de praticar, assim música eu gosto bastante, praticar esporte, mas eu não sei...*

C compartilha da mesma privação de D, meninas que o pai não deixa sair de casa. Neste trecho acima foi possível perceber que os momentos felizes são passados na presença dos amigos durante o tempo da escola. C se ressentida por não praticar esportes, pois até isto o pai a restringe. Ela não vive sua juventude plena, sempre é tutelada e orientada a seguir as orientações de seus pais.

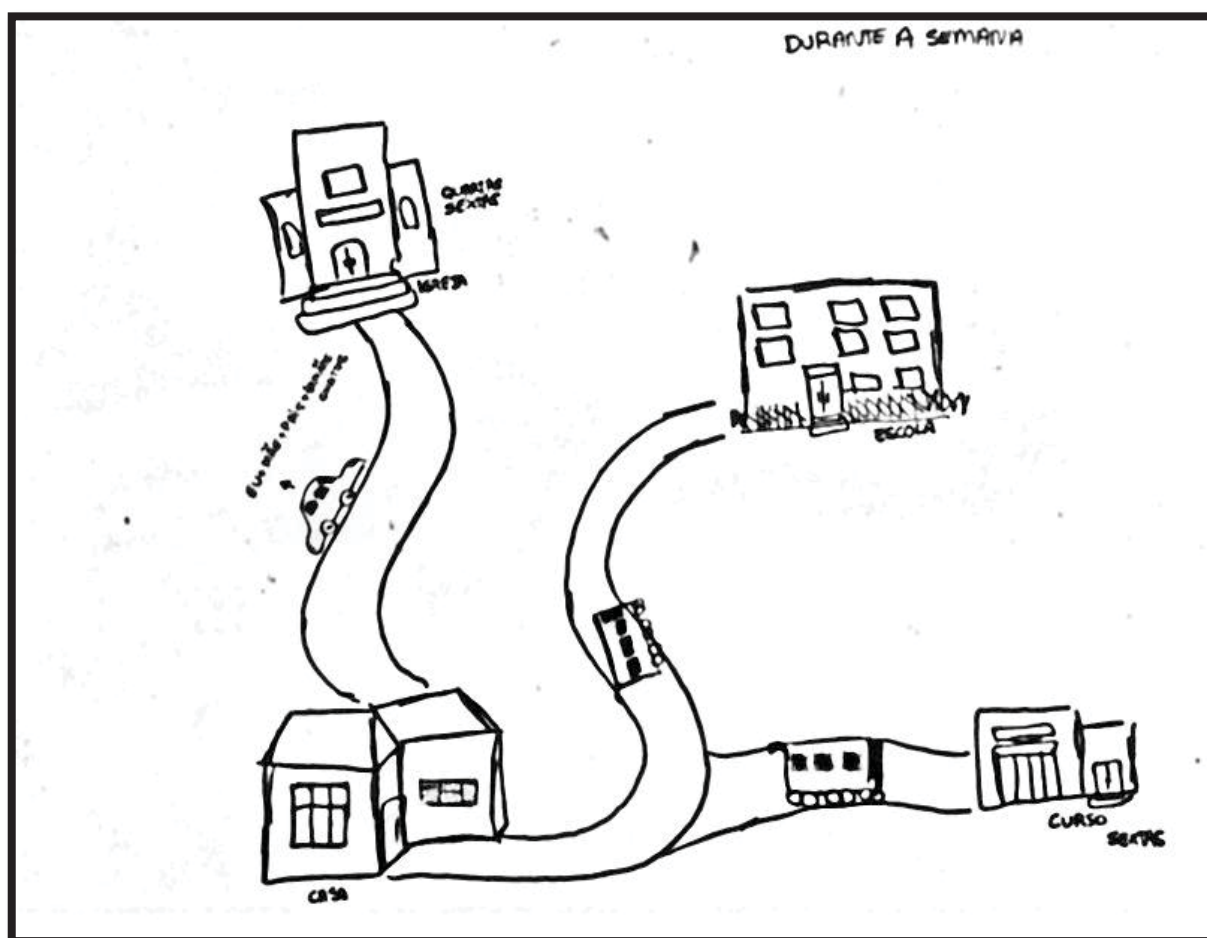


Figura 13: Durante a semana de C.
Fonte: Grupo focal (2011).

O seu trajeto durante a semana é dividido: às quartas e sextas feiras ela vai para a igreja, e somente nestes dias ela anda de automóvel. Todos os dias ela vai para a escola de transporte público, realiza um curso na sexta feira, utilizando mais uma vez o ônibus nesse trajeto. Sua casa é também o ponto de onde partem seus trajetos e os caminhos mais diretos vão para a escola e a igreja. Curiosamente, ao apresentar a família dentro do carro, indo para a igreja, C escreve “chatos”.

Nos seus finais de semana, C apresenta uma rotina quase igual a de D, acrescentando apenas a igreja em seu desenho.

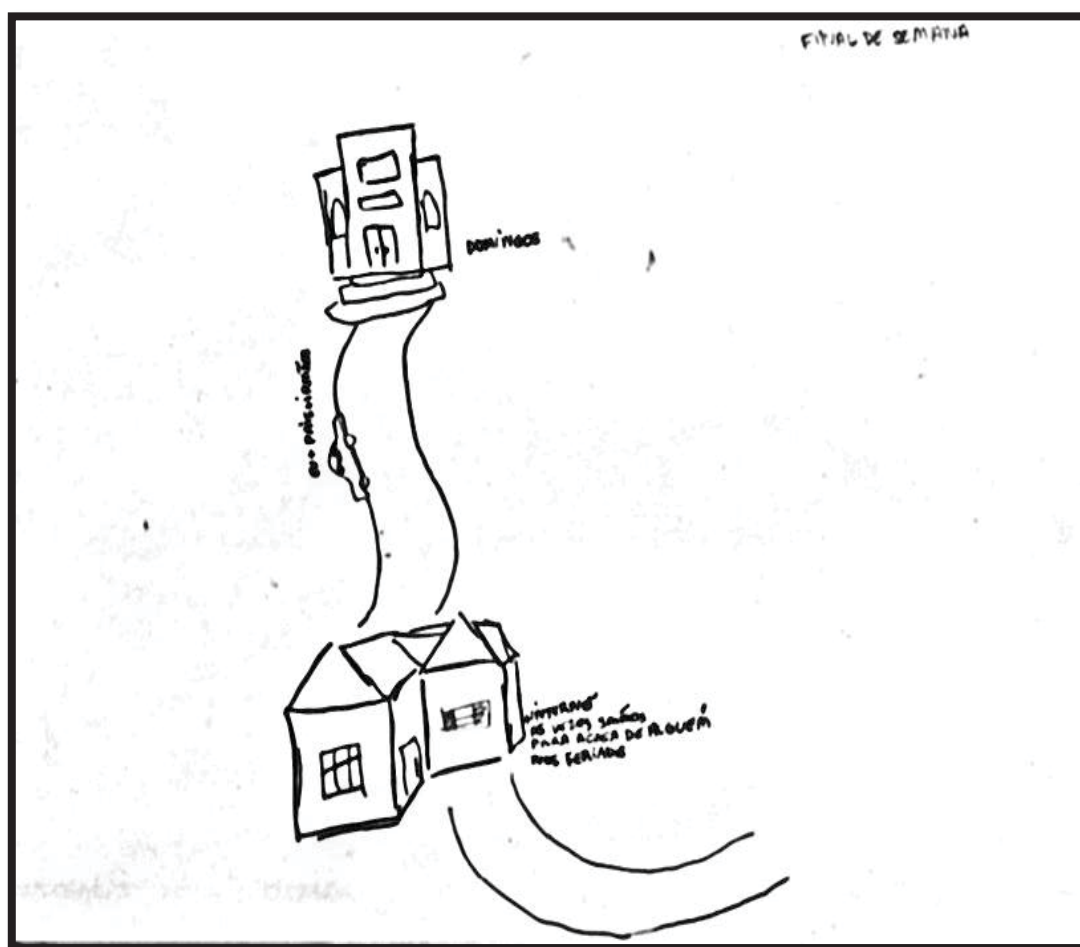


Figura 14: Final de semana de C.
Fonte: Grupo focal (2011).

Estas jovens (C e D), por possuírem características parecidas, como não poderem sair de casa, suas experiências se confundem e isso acaba por fortalecer os vínculos de amizade entre elas. Mas, duas diferenças são significativas nas representações das meninas: para C, é marcante a presença da família e da atividade de ir a igreja com a família, questão que não aparece em D. Assim como aos finais de semana, C apresenta trajetórias que partem de casa em duas direções: com a família para a igreja e um caminho indeterminado, que não é rotineiro, mas que de vez em quando é tomado, em direção a casa de alguém. Enquanto para D, os finais de semana são representados pela casa tão somente.

Para H, sua seleção de imagens foi composta pelos números 4, 2 e 9. Amigos, esportes e, por fim, festa, diversão e lazer.

Entrevistada H: o meu é o 4 amigos, é tudo, o 2 porque eu vivo disso, eu vivo do esporte, gosto muito de música e o 9 porque, sem festa a gente...

H é do tipo que considera os amigos muito importantes. Como já citado anteriormente, ela relata que

Entrevistada H: *hoje acho que tudo gira em torno das suas amizades, e você sofre influências de seus amigos.*

Apesar de valorizar os amigos que possui, ela diz que não é totalmente neutra com seus amigos. A partir da interação os gostos e costumes são apropriados pelos demais jovens, por isso deve-se tomar cuidado com suas influências.

Nos seus trajetos durante a semana, H traçou sua rotina, conforme mostra a figura 15:

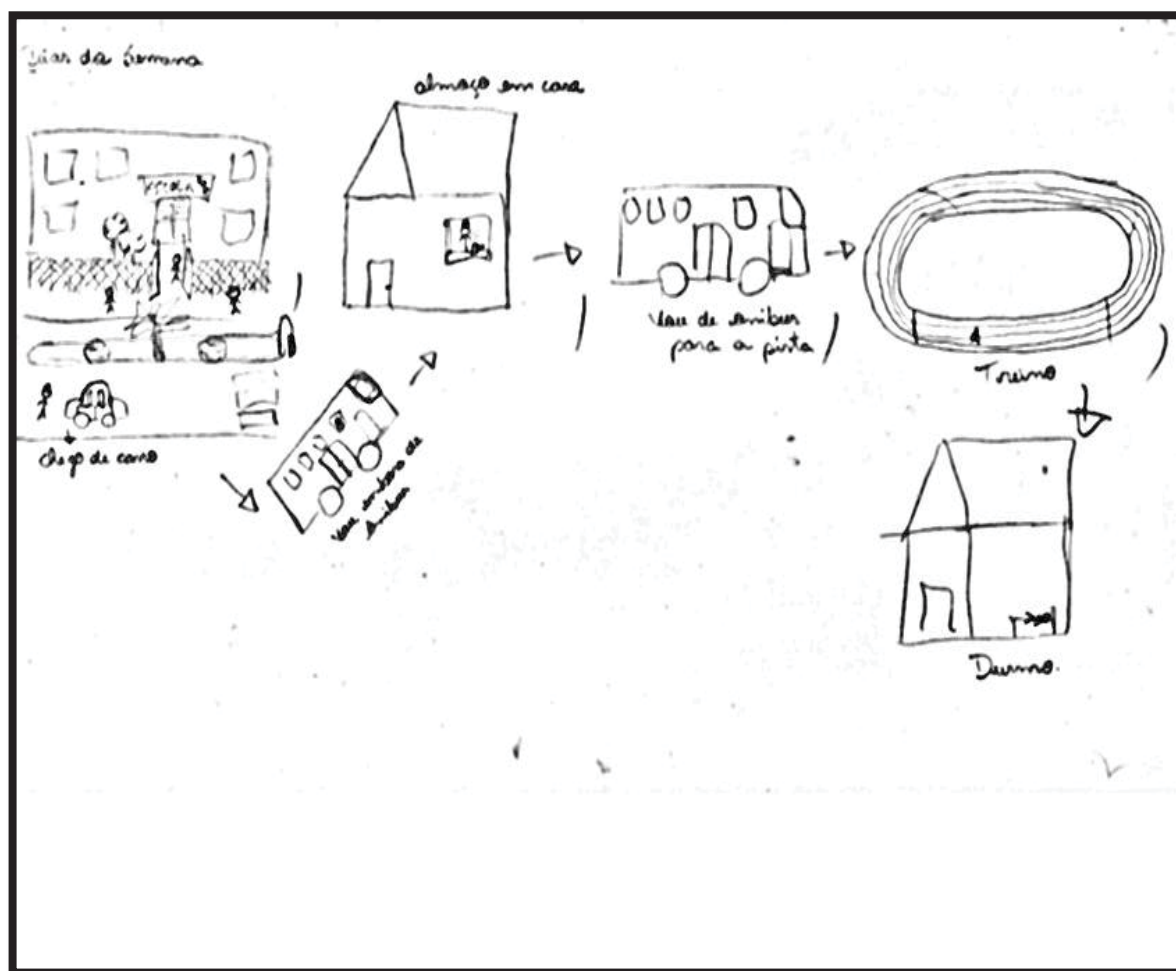


Figura 15: Durante a semana de H.
Fonte: Grupo focal (2011).

Entrevistada H: dia de semana eu venho pra escola com o meu pai de carro, depois eu vou pra minha casa de ônibus. Chego na minha casa, eu almoço. Vou pra pista de ônibus, aí eu treino. Aí depois do treino, eu vou pra minha casa, durmo e começa tudo de novo.

A entrevistada H é atleta e durante a semana sempre tem que se deslocar de sua casa até a pista de corrida da Universidade Estadual Paulista. Sua rotina é marcada pela presença do transporte público, sendo que ela utiliza o carro somente quando vai para a escola. A casa, ao centro, é representada no mesmo plano da escola, de um lado, e da pista, de outro. Para os finais de semana, ela apresenta o seguinte mapa mental:

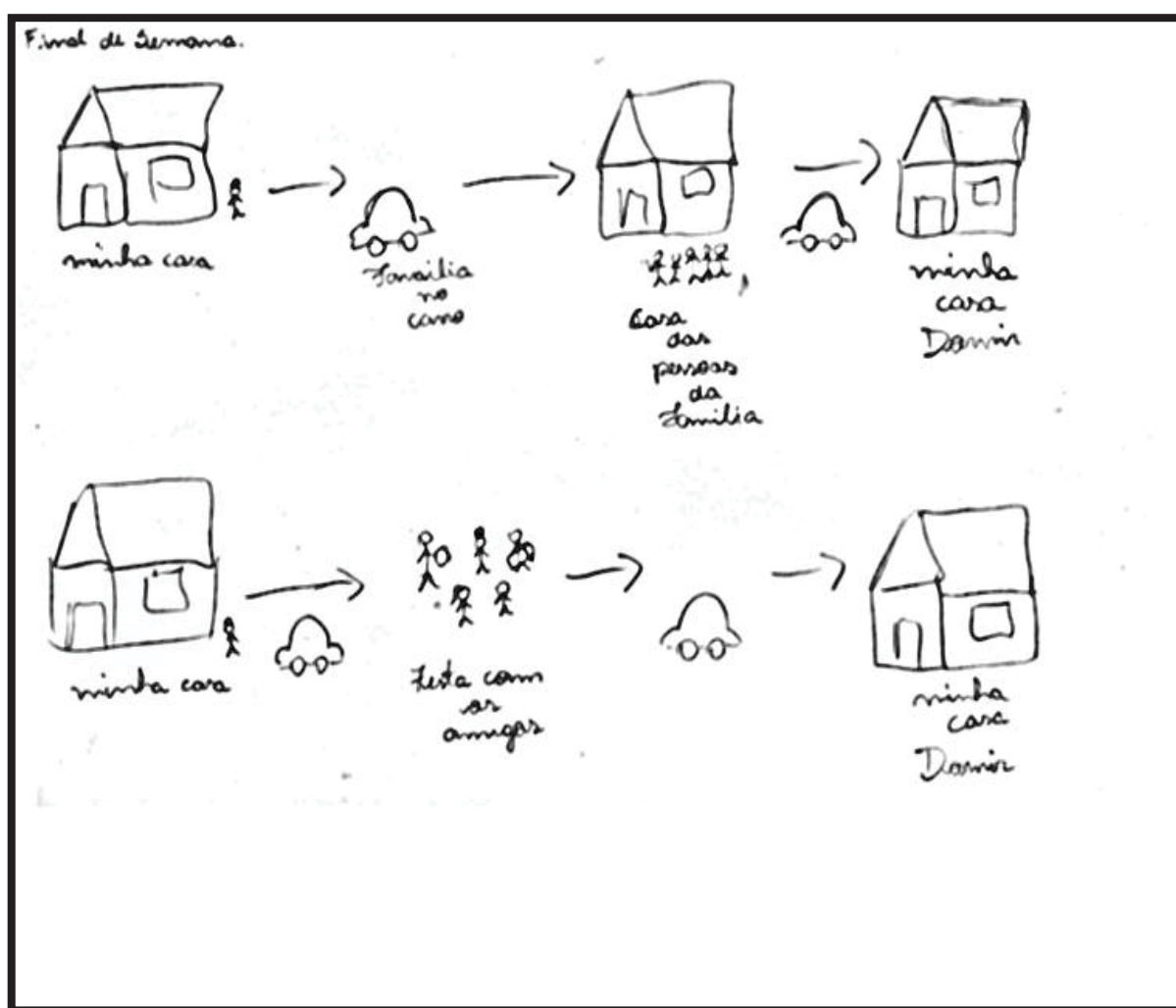


Figura 16: Final de semana de H.
Fonte: Grupo focal (2011).

Entrevistada H: aí dia de sexta e geralmente dia de sábado, eu estou na minha casa e vou pra casa de alguém da família e depois volto pra minha casa. No sábado, é estou na minha casa e vou pra alguma festa com meus amigos, depois volto pra minha casa.

O meio de transporte utilizado nos finais de semana é alterado: o ônibus sai de cena e entra a figura do automóvel, que passa a intermediar os lugares, seja para ver a família, ou para ir às festas. A representação de H evidencia que estar na juventude e vivê-la em grupos de pares, em momentos de diversão, lazer e festa, não se contrapõe a uma sociabilidade vivida no quadro familiar, mas divide com este o tempo. A valorização da família, no quadro das relações sociais dos finais de semana evidencia-se pelo fato desta vir representada primeiro em relação à representação das festas com amigos. Também neste desenho, H representa uma trajetória linear e não circular de retorno a casa, mas a casa no início e no fim dos trajetos, representada duas vezes. Talvez seja indicativo da valorização deste espaço, sobretudo como local de repor as energias, do descanso.

Por fim, temos as escolhas da aluna G, com os números 4, 7, 9 e 1 (amigos, igreja, festas e namoro).

Entrevistada G: o meu é 4: amigos essencial, aí o 7 também que eu vou a igreja.

Entrevistada G: o 9 né pra fechar tudo e o 1 também, aí que bonitinho.

G possui algumas características em comum com D. Ambas fazem curso técnico no Colégio Agrícola, porém G parece viver muito mais sua juventude, conforme o expressado no seu mapa mental (figura 17).

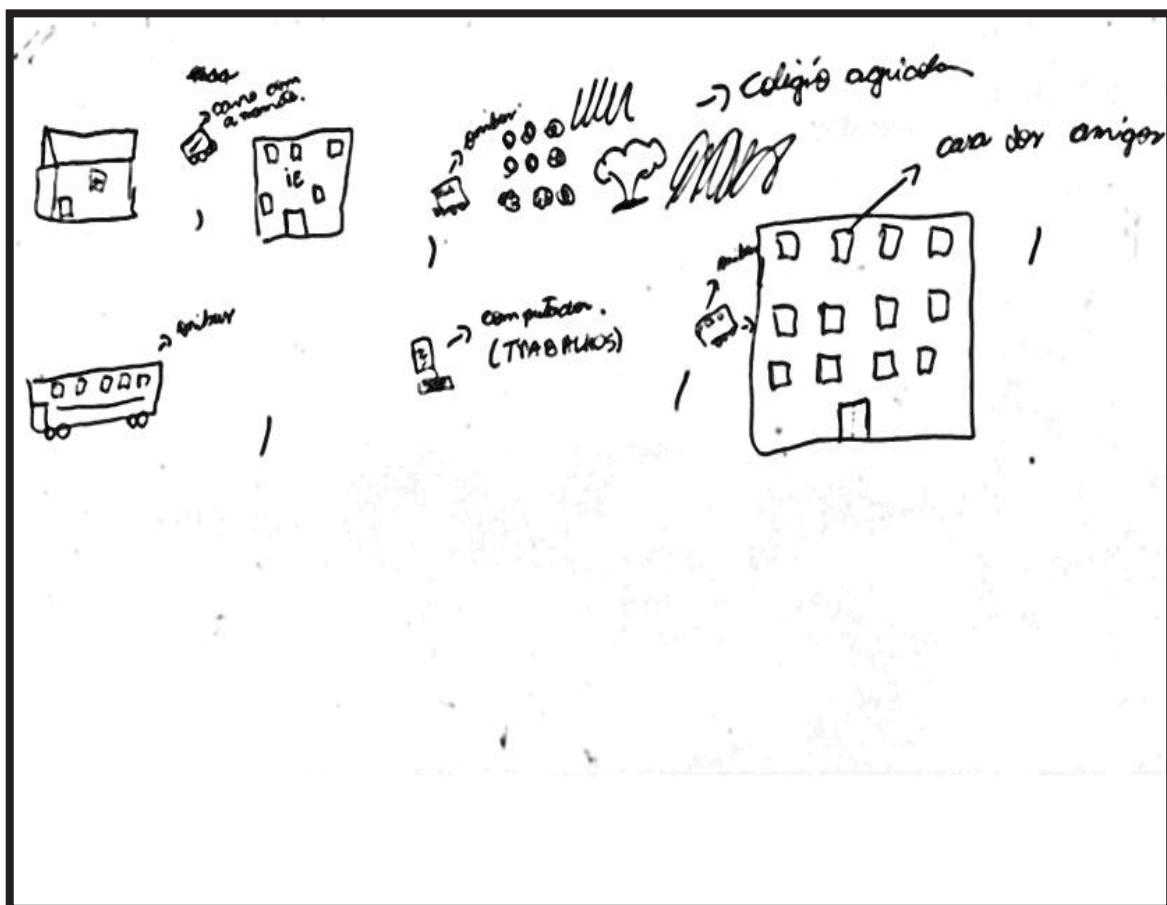


Figura 17: Durante a semana de G.
Fonte: Grupo focal (2011).

Em seu desenho, ela mostra que vai até a escola de carro junto com a mãe e depois vai para o Colégio Agrícola de ônibus. Terminado o curso, ela circula na casa de seus amigos e por fim volta para sua casa. G em seu mapa mental vê seu final de semana primeiramente com uma balada, já que o seu mapa mental se inicia com as expressões “tunts, tunts, tunts”, que remete a um som festivo.

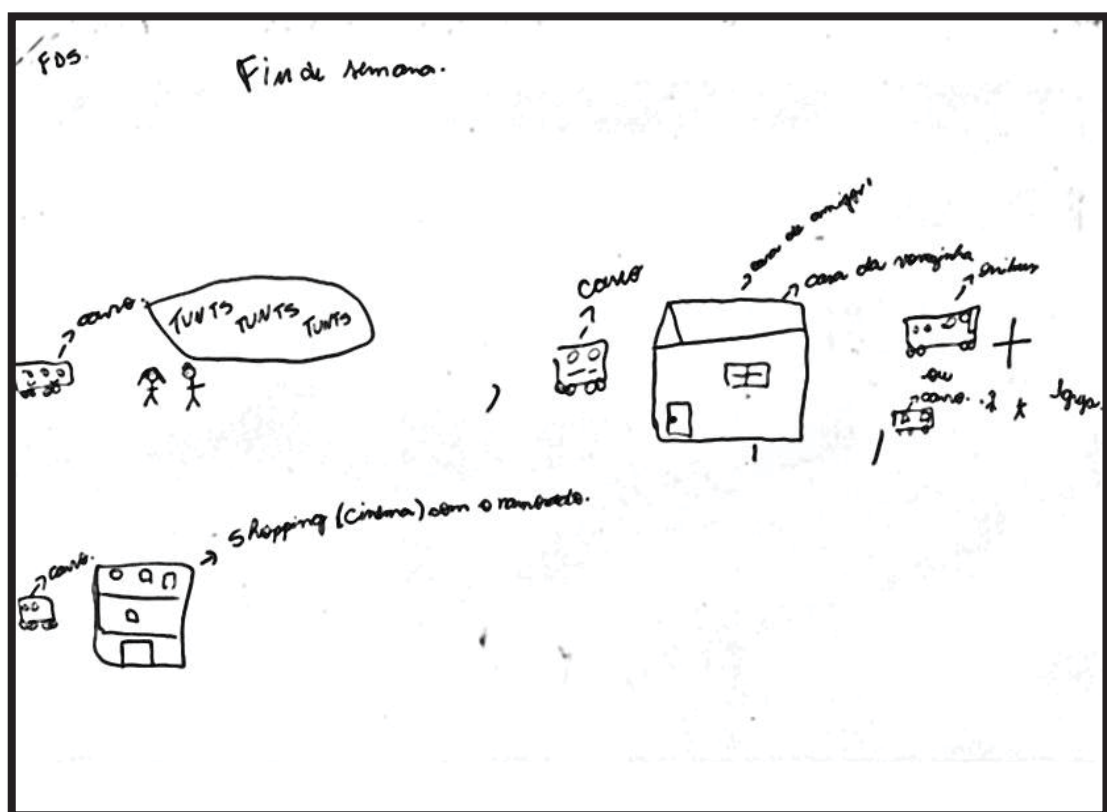


Figura 18: Final de semana de G.
Fonte: Grupo focal (2011).

Passado a curtição das festas, ela resguarda um tempo para encontrar os amigos novamente, visitar a avó e sair o namorado. O seu percurso durante o final de semana é mesclado, uma hora está de carro e outra pega transporte público.

Seus destinos são frequentar grandes festas, como exposição, *shows*, e o namorado é sempre o principal companheiro. Seu destino também inclui ir ao *shopping*, sobretudo ao cinema.

Compreende-se que os jovens do I.E. que participaram da pesquisa basicamente já conhecem e dominam o transporte público e, a cada dia que se passa, perambular pela cidade se torna um processo simples e fácil.

Nota-se que nesta fase da vida é indispensável à figura dos amigos, ele passa a ser o fiel companheiro de todas as horas, no período escolar, nas festas, até nas redes sociais. A figura do amigo se faz presente e necessária para que os/as jovens possam circular pela cidade aos finais de semana. Os que representaram festas, baladas, diversões no seu mapa mental de final de

semana, associaram, via de regra, esta atividade à presença do amigo. Sem contar que a imagem 4 foi a mais escolhida pelos participantes do grupo focal.

As imagens 3 e 10 não foram escolhidas, justamente as que indicavam a vinculação a grupos de estilos (ligados a música e visual) e a diversões mais ligadas a bares e restaurante, respectivamente.

As imagens mais escolhidas foram a 4, sete dos 8 participantes do grupo. Segundo Pais (2003), a presença entre os grupos de amigos é valorizada, pois, junto com os eles os/as jovens se sentem seguros, projetam um campo invisível de autoconfiança e liberdade, a partir do qual eles podem se aventurar, conhecendo novos contextos e lugares. Nas palavras do autor, eles andam em grupos de amigos para assegurar a “protecção aos assaltos socializantes a que estão sujeitos” (PAIS, 2003, p.115). Mas, sobretudo, porque, também para Pais(2003), a vivência juvenil é uma experiência vivida com outros jovens.

As outras imagens foram as de número 2 e 7, cada qual escolhida por metade dos participantes. Especificamente a de número 7 nos chama a atenção por revelar a forte presença da igreja, com um importante papel no contexto da sociabilidade, muito próximo aos papéis desempenhados pela família e pela escola.

Por fim, as imagens 5, 6 e 9, cada qual com 3 escolhas. Estas opções revelam uma valorização das amizades e do estar entre amigos, sempre a figura do amigo se faz presente, ora nos estudos, ora nos tempos que surge a possibilidade esporádica de frequentar algum *show*.

Do ponto de vista cotidiano, os dias da semana destes jovens estudantes é marcado por uma rotina de estudo, trabalho e cursos extracurriculares para a maioria dos oito participantes do grupo. A presença da igreja, enquanto atividade realizada pela família também é uma característica marcante, tanto durante a semana, quanto aos finais de semana.

Aos finais de semana, escola, cursos e trabalho são substituídos por trajetórias em que a família permanece presente, mas também há outras possibilidades abertas, com a presença de amigos e a frequência a espaços não tão previstos.

Considerações finais

Nesta parte do trabalho temos que reconhecer, por mais que a pesquisa foi desenvolvida com seriedade e responsabilidade, nossa trajetória na temática é recente. Portanto nós possuímos algumas limitações acerca das teorias, da própria parte metodológica, dificultando assim nas melhorias da análise das informações produzidas no campo, bem como sua concatenação com os referenciais teóricos.

Mas, ainda assim, este trabalho nos respondeu algumas questões, que não estavam previstos no projeto e acabaram contribuindo para entendermos os/as jovens do I.E. A partir de então cabe a nós salientar algumas considerações sobre o grupo social estudado.

A partir da convivência com estes jovens no I.E., um ponto que nos chamou atenção foi que a Escola Estadual Fernando Costa recebe jovens vindos da cidade inteira, apesar de ser fixada no centro ela não recebe apenas moradores do entorno. Este fato nos mostra como a escola é um importante centro agregador de culturas, experiências, pois, cada jovem traz consigo trajetórias de vida e de cidade bastante distintas. Conforme diria Dayrell (2001) a escola é mesmo um espaço-sociocultural, marcado pela diversidade. Mas, infelizmente, esta desaparece sob o rótulo genérico de aluno, que enquadra todos os jovens e as jovens nos mesmos processos educativos e aos quais eles devem responder a partir dos mesmos critérios do que é certo, correto, desejável.

Contudo, além de ser “espaço para adquirir conhecimento” e prepara-se para o futuro, o tempo e o espaço escolares são utilizados por estes jovens também – e, em alguns casos principalmente – para sua sociabilização. Para alguns jovens, como as garotas do grupo focal C e D, é o único espaço para sua sociabilidade, de encontro com os amigos e quando podem viver uma juventude possível, em grupos de pares.

Estes usos da escola transpõem-se também para espaços e tempos mais disciplinados, como a sala de aula, onde se esperava que eles e elas estivessem envolvidos com o conhecimento ali apresentado.

Contraditoriamente, estes/as mesmos jovens reconhecem a importância

da escola na formação, capacitação, preparação para o futuro, que é o que se espera deles neste espaço e tempo. Posição ambígua que, ao mesmo tempo é valorizada individualmente, na escala do grupo, outros interesses ganham maior relevância.

Deste modo a Escola Estadual Fernando Costa é vivida nesta tensão e ambiguidade, ao mesmo tempo como importante local de sociabilidade destes jovens e como parte de trajetórias ascendentes de futuro. Fato que aponta como a experiência juvenil dos jovens e das jovens que tivemos contato no I.E. é elaborada a partir do amálgama de duas ideias de juventude que poderiam ser contrapostas: a de juventude como fase de preparação para o futuro e a de juventude como fase de vivências em grupos de pares, em tempos e espaços especificamente juvenis, onde poderiam exercitar e produzir uma cultura especificamente juvenil. Os jovens que participaram do grupo focal parecem atados a primeira imagem, ao mesmo tempo em que desejam e, na medida do possível realizam, a segunda.

Em relação à cidade, percebemos que a inserção deles começa desde cedo. Como ocorrido com uma de nossas entrevistadas, que começou a andar de transporte público sozinha, aos 8 anos de idade. Este contado para alguns é orientado pelos pais, que ensinam seus filhos, ou ainda a partir da necessidade de trabalho, há aqueles que se aventuram na cidade a partir das referências construídas na escola.

Outra situação que nos chamou atenção na vida cidadina foi o fato da grande maioria citar a igreja, tendo em vista que hoje, com a globalização, com novas tendências, novas modas, novos estilos de vida que ganharam mais destaque no universo juvenil, e que acabam por se sobrepor aos valores mais tradicionais. Vimos que para estes jovens do I.E., a igreja ainda continua sendo um grande agregador de novas sociabilidades.

A pesquisa nos mostrou que os jovens utilizam para seu lazer espaços privados, como os *shoppings* da cidade, em detrimento dos espaços públicos.

Outro ponto a se relatar é como estes jovens valorizam seu grupo de amigos, tanto no grupo focal, na seleção das imagens, quanto nas entrevistas e questionários, os/as jovens não deixaram de mencionar a importância da amizade na sua vida, estas muitas vezes realizadas graças a escola.

Contudo, o sair da escola e adentrar na cidade revela práticas espaciais

bastante homogêneas entre os jovens entrevistados, haja vista que pertencem a mesma classe social. O trabalho é valorizado por eles/elas, pois, é a partir dele que podem realizar a diversão nos espaços tempos disponíveis na cidade.

Vale ressaltar que aqueles que insistem em realizar a experiência juvenil também como fase de vivências em grupos de pares, em tempos e espaços de encontro, diversão e festa, são também os que desejam, reivindicam, e mesmo tem a liberdade para circular mais livremente pela cidade – algo que só fazem juntos, em grupos, o que faz com que valorizem muito as amizades.

Os/as jovens tecem estratégias para cunharem laços de sociabilidade e de solidariedade em espaços muitas vezes refratários a essas práticas, como a escola e o trabalho, pois, encontram ali também um tempo livre que, por menor que seja, é vivido com muita intensidade. É no tempo livre, seja o dos curtos intervalos da escola e do trabalho, seja o tempo do final de semana, que nasce a sociabilidade, o não fazer nada junto com os amigos, que garante afetividade entre os membros dos grupos juvenis. Podemos dizer que nos espaços de encontro, diversão e lazer a sociabilidade acontece mais abertamente. Estão entre os grupos de iguais, longe da supervisão dos adultos, fisicamente e simbolicamente.

Por fim, quero dizer que nossa pesquisa ainda está longe de se esgotar, a partir desta, levantamos novas indagações e questionamentos, que não foram sanados. Também sentimos que nossas considerações acerca do tema não são absolutas, mas nos direcionam para a complexidade do universo juvenil, na sua relação com a cidade, e para o quanto ainda é preciso caminhar na sua compreensão.

Referencias

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

CARRANO, P.C,R. **Juventudes e cidades Educadoras**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

CARRANO, P. C. R; FERREIRA, M. D. P. Jovens e Escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. **Em Questão A Escola e o Mundo Juvenil Experiências e Reflexões**. Ação Educativa, São Paulo, p. 12-23, 2003.

CASTRO, L. R. de. **A Aventura Urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Ed. 7Letras, 2004

CHAGAS, A. T. R.. O questionário na pesquisa científica. **Administração On Line** (São Paulo), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2000.

CETRULO, F. Simmel: sociabilidade e sociedade moderna. In: D'INCAO, M. A. (org.) **Sociabilidade**: espaço e sociedade. São Paulo: Grupo Editores, 1999. p.15-33

COLOGNESE, S. A & MÉLO, J. L B de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

DA MATTA, R. O ofício de Etnólogo no Brasil, ou como ter “Antropological Blues. In: NUNES, E. de O. (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.25-p.34.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____. (org.) **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

_____. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude.** Editora. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DAYRELL, J. e REIS, J. B. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. In: **Anais...** UFPE 2007.

FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In: ALVEZ, A. GUIMARÃES, A.Z. (org). **Desvendando Máscaras Sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77 – p. 86.

GOMES,E.S e BARBOZA, E.F 1999. **A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos.** Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais - Educativa. Disponível em <<http://www.educativa.org.br>> acesso em janeiro de 2012.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multi- territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades Juvenis. In: ALMEIDA.M. I. M. de. & EUGÉNIA. F. (org.). **Culturas Juvenis:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-24.

RIBEIRO, A. I. M. **Subsídios para a história de educação de Presidente Prudente:** as primeiras instituições. São Paulo: Editora Clíper, 1999.

SOUZA, M.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I.E. de & GOMES. P.C da C. & CORRÊA. R.L. (org.). **Geografia:** Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. P. 77-116.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente: 2008.

_____ Observação Participante como Metodologia de Pesquisa de Campo Em Geografia Cultural. SEMANA DE GEOGRAFIA UNICENTRO, 12. In: **Anais...** Guarapuava: Unicentro, 2004. p.81-95.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário Informações pessoais

1-Nome:	_____
2-Idade:	_____
3-Qual Série:	_____
4-Sexo:	M () F ()
5-Qual sua Etnia:	() Branco () Preto/Negro () Indígena () Amarelo () outro _____
6-Qual local você mora?:	() Centro () Bairro . Qual bairro? _____.
7-Qual sua Religião?	() Cristão católico () Cristão protestante () mulçumano () sem religião () Umbanda () Candomblé. Outro: _____
8-Estado civil:	() Solteiro(a) () Casada(o) () divorciado(a) () outro _____
8-Mora com:	() pais () namorado (a) () esposo (a) () sozinho(a) () amigos/as () tios/avós(a)

Trabalho

10-Trabalha? Se não trabalha pule para pergunta número 15	() Sim () Não Onde: _____ Localização: _____
11-Qual tipo de trabalho:	() Não Registrado () Registro efetivo () Estágio Outro: _____
12-Tempo trabalho?	() meio período () período integral () seis horas/dia () trabalha esporadicamente () faz seu próprio horário
13- se sim, por que trabalha?	() para ajudar a família () Para ter seu próprio dinheiro () Para ter experiência () para manter os estudos
14-Qual sua renda mensal?	() menos de 1 SMínimo () 1 SM () entre 1 e 2 SM () mais de 2 SMínimos
15- se Não, gostaria de trabalhar?	() Sim () Não
16-Se sim, Por quê?	() para poder ajudar a família () para ter seu próprio dinheiro () para encontrar a profissão certa () para obter experiência
17-Você recebe alguma mesada? Se não receber pule para	() Sim () Não

pergunta número 19.	
18-Quanto em média recebe ao mês?	() R\$10,00 à R\$50,00 () R\$51,00 à 100,00 () 101,00 à 150,00 () R\$151,00 à R\$300,00 () mais de R\$ 300,00.
19-Qual a profissão dos seus pais:	Pai _____ Mãe: _____

Cultura & consumo

20-Com o que gasta seu dinheiro?	() sair com amigos () comprar roupas () cursos () estudos () alimentação () nas despesas da casa () outro gasto – Qual?: _____
21-Onde normalmente faz suas compras?	SUPERMERCADO: () no próprio bairro () em mercados do centro () em hipermercados, tipo Carrefour, Wall Mart, Muffato ROUPAS: () lojas do bairro () lojas do centro () Prudente Park Shopping () Prudenshopping
22-Qual estilo musical você gosta?	() Rap () Funk () samba () pagode () reggae () sertaneja () Rock () eletrônico () MPB () Metal () Punk/hardcore () Pop Outro: _____
23-Qual local você ouve música?	() na rua () na escola () no ônibus () no carro () em casa () No trabalho.
24-Com quem você ouve música	() sozinho(a) () com amigos(a) () com a família () com namorado(a)
25-Qual o meio de comunicação que você tem acesso?	() televisão () revista () Internet () jornal () rádio Outro: _____
26-Qual aparelho eletrônico você utiliza ao longo do dia?	() celular () MP3 ou MP4 () videogame () câmera digital. () computador () Outro: _____ () não utiliza nenhum equipamento eletrônico.
Você tem computador em casa? Se tiver pule para pergunta número 28.	() sim () não
27-Se não, acessa internet em quais locais:	() Lan house/cibercafé () espaços públicos () Casa de amigos () Casa de familiares () Casa do namorado(a) () escola () não acessa
28-Você utiliza a internet como:	() ferramenta de trabalho () atividade de lazer (jogos, músicas, MSN, Orkut e outras redes sociais) () atividades escolares () não utiliza a internet com frequência
29-Com qual frequência utiliza internet:	() sempre () quase sempre () quase nunca () nunca

Escola

30- Qual o meio de transporte que você mais utiliza para vir a escola?	() ônibus () transporte escolar () a pé () carro () moto () bicicleta
31- Quanto tempo em média você gasta para chegar à escola?	() 1 à 7 min () 8 à 15 min () 15 à 30 () 30 à 60 () 60 a 120 min
32- Com quem você, normalmente, vem para a escola?	() sozinho () com pais/familiares () com amigos que moram perto () com namorado(a)
33- Você vem a escola por que/para quê?:	() seus pais obrigam () para se preparar para o mercado de trabalho () para encontrar amigos () para adquirir conhecimento
34- Para você, a escola é:	() lugar chato, desinteressante () lugar de encontrar os amigos () espaço de educar-se e adquirir conhecimentos
35- Qual o local que você mais gosta na escola?	() a sala de aula () a quadra de esportes () corredor () a cantina () o pátio Outro: _____ Por quê? _____
36- Qual o melhor momento da escola?	() entrada () horário de aula () recreio/intervalo () a saída
37- Você faz algum curso? Se não fizer nenhum curso pule para pergunta número 39.	() Sim () Não
38- Sim, qual?	() Línguas estrangeiras () curso profissionalizante (SENAI/fundação mirim) () cursinho pré-vestibular () curso de informática () outro Qual _____

39- Para onde você, normalmente, vai, após sair da escola?	() direto para casa () para o trabalho () fica pelas ruas da vizinhança () vai para o centro da cidade () Outro. Qual: _____
40- Se você sai de casa depois da escola, com quem você, normalmente, sai?;	() sozinho () com pais/familiares () com amigos que moram perto () com os amigos da escola () com namorado(a)
41- Se você fica em casa, após a escola, o que faz?;	() assiste TV () ouve música () fica na internet em redes sociais () fica na internet pesquisando () ajuda nos afazeres domésticos () estuda () lê () fica no telefone/celular conversando com amigos () outro
42- Quais seus planos de futuro depois de concluir o Ensino Médio?	_____ _____ _____ _____

-Bairro/local de moradia/vizinhança

42- Você tem muitos amigos na sua vizinhança? Se não avance até a pergunta número 44.	() sim () não
43-Se sim, sobre os amigos da vizinhança	() são amigos também da escola () são amigos apenas dos momentos de diversão () são amigos da igreja () são amigos do trabalho
44-Se não, onde está sua principal rede de amizades?	() a escola () o trabalho () a igreja () o bairro em geral () parentes () a cidade em geral
45-Na sua vizinhança, quais os espaços que você frequenta:	() praças () ruas próximas da casa () campos de futebol () outro Qual? _____ () não sai de casa para ficar pelo bairro

46- Estes espaços mais frequentados, são frequentados:	☐ sozinho(a) ☐ com os amigos da própria vizinhança ☐ com amigos da escola ☐ com amigos do trabalho ☐ com amigos da igreja ☐ outros
47-Na sua vizinhança, quais os espaços que você nunca frequenta:	☐ praças ☐ ruas próximas da casa ☐ campos de futebol ☐ outro Qual? _____ Por que? _____
48-Sua vizinhança é:	☐ segura ☐ insegura ☐ violenta ☐ amigável ☐ agradável ☐ não conheço ☐ outro
49-Na sua vizinhança há equipamentos de lazer? Se sim, avance até a pergunta número 51.	☐ sim ☐ não
50-Se não, onde vai:	☐ fica em casa mesmo ☐ vai ao bairro mais próximo ☐ ao centro ☐ ao Parque do Povo ☐ outro _____
51-Se sim, quais são?	_____
52-Há quanto tempo mora do na sua atual residência	☐ menos de um ano ☐ de um a dois anos ☐ de dois a três anos ☐ de três a quatro anos ☐ de quatro a cinco anos ☐ mais de cinco anos
53-Já omitiu o fato de morar onde mora em alguma situação?	☐ sim ☐ não. Se sim, qual situação? _____
54-Se sim, foi por que?:	☐ vergonha ☐ preconceito sofrido pelo local ☐ por não gostar de onde mora

Cidade

55-Quais os setores da cidade que você conhece?	☐ somente o bairro em que mora e o centro ☐ seu bairro, bairros vizinhos e centro ☐ seu bairro, centro, bairros vizinhos e outros bairros. ☐ somente o seu bairro
---	--

56-Qual espaço de lazer e diversão você mais frequenta aos finais de semana:	☐ Parque do Povo ☐ Jardim Bongiovanni ☐ Prudenshopping ☐ Centro de Presidente Prudente ☐ Prudente Park Shopping ☐ Espaços de lazer do próprio bairro – Quais: _____ ☐ Outros espaços Quais: _____ ☐ não costuma sair muito de casa aos finais de semana
57-Se não costuma sair muito de casa aos finais de semana, Por que?	☐ por que nunca tem dinheiro ☐ porque os pais não deixam ☐ porque tem preguiça ☐ porque não acha nada interessante ☐ porque seus amigos também não saem ☐ outro
58-Quanto tempo você gasta até chegar neste local?	☐ 1 à 7 min. ☐ 8 à 15 min. ☐ 15 à 30 ☐ 30 à 60 ☐ 60 a 120 min.
59-Com que frequência você vai a estes lugares?	☐ começo de mês ☐ duas vezes por mês ☐ todo final de semana ☐ três vezes por mês
60-Com que frequência você vai a estes espaços?: Parque do Povo: Prudenshopping: Prudente Park Shopping Centro: Igreja:	☐ sempre ☐ quase sempre ☐ quase nunca ☐ nunca ☐ sempre ☐ quase sempre ☐ quase nunca ☐ nunca ☐ sempre ☐ quase sempre ☐ quase nunca ☐ nunca ☐ sempre ☐ quase sempre ☐ quase nunca ☐ nunca ☐ sempre ☐ quase sempre ☐ quase nunca ☐ nunca
61-Qual espaço de lazer da cidade você menos gosta:	☐ Parque do Povo ☐ Jardim Bongiovanni ☐ Prudenshopping ☐ Centro de Presidente Prudente ☐ Prudente Park Shopping ☐ Os espaços de lazer do bairro onde mora ☐ Outro . Qual: _____
61-Por quais motivos?	☐ muito caro ☐ poucas pessoas ☐ muitas pessoas ☐ perigoso ☐ pessoas antipáticas ☐ grupos que você não gosta. ☐ porque os amigos também não vão. ☐ Outro motivo: _____
62-Com quem você, normalmente, frequenta os espaços de lazer da cidade?	☐ sozinho(a) ☐ com os amigos da própria vizinhança ☐ com amigos da escola ☐ com amigos do trabalho ☐ com amigos da igreja ☐ outros
63-O que te leva a estes espaços?	☐ porque todos seus amigos vão ☐ porque lá você encontra amigos ☐ porque você gosta do movimento que existe lá ☐ para paquerar ☐ conhecer novas pessoas ☐ outro motivo. Qual _____

Anexo II

Roteiro de entrevista

- 1- Trajetória da família e da infância...
- 2- A passagem da casa para a rua, quando começou a sair? Onde? Com quem? O que acontecia lá?
- 3- Onde se formou o seu principal grupo de amigos?(proximidade: vizinhança, escola; distâncias: redes sociais).
- 4- Quais os espaços e tempos de encontro com seus amigos?
- 5- Quais as referências culturais do tipo música, estilo, influência na formação do seu grupo? Quais os fatores agregadores do seu grupo de amigos?
- 6- Como é um final de semana típico? O que faz? Com quem? Onde?
- 7- Como é preenchido o tempo fora da escola (e do trabalho)? O que faz? Com quem? Onde?
- 8- O que é ser jovem pra você?
- 9- Você vive plenamente sua juventude? Se não o que falta?
- 10-O lugar em que mora interfere nesta vivência? Como?
- 11-Como é viver no seu bairro?
- 12-E na cidade de Presidente Prudente?
- 13-Você vem com seu grupo de amigos para espaços mais centrais da cidade, como o Parque do Povo, Shopping, Bongiovani? Como é estar nestes espaços com seu grupo de amigos? O que acontece lá? Seu grupo marca alguma diferença em relação aos demais jovens, ou o grupo se dilui na multidão?

ANEXO III

Roteiro do Grupo Focal

- 1- Apresentação da pesquisa – dos membros do grupo.
- 2- Apresentação da dinâmica.
- 3- Questões de debate

- O que é ser jovem?
- Vocês vivem plenamente a juventude? Como é? Ou o que faltaria para viverem?
- É importante ter amigos? Qual é a importância?

4- Questões individuais:

- Como foi o processo de passagem “da casa para a rua”?
- Quais os momentos e os espaços em que vocês estão com os amigos?

5- Desenhos dos trajetos e espaços acessados: na semana e no final de semana.

6- Fotos de jovens – escolher uma foto, que mais se aproxima da sua experiência e da sua ideia de ser jovem.

ANEXO IV

Termo de Consentimento Informativo

A pesquisa GRUPOS JUVENIS NA ESCOLA E NA CIDADE E SUAS PRÁTICAS SOCIEPACIAIS E EDUCATIVAS: ESTUDOS A PARTIR DAS ESCOLAS ESTADUAIS FERNANDO COSTA E FRANCISCO PESSOA, DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, visa investigar as vivências juvenis nas escolas e na cidade de Presidente Prudente. Neste sentido, procura escutar os jovens, com objetivo de ver o que estes pensam da cidade e do seu cotidiano.

Os dados e resultados da pesquisa, especialmente os depoimentos dos jovens no grupo de discussão, estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho que venha a ser publicado.

A participação na pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer da pesquisa o participante resolver cancelar o uso das informações prestadas, terá toda liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer consequência.

Os pesquisadores responsáveis pela pesquisa são o Professor Dr. Nécio Turra Neto, do Departamento de Geografia da UNESP, e a estudante Renata Sakurai, do curso de Geografia da UNESP. Ambos se comprometem a esclarecer todas as dúvidas dos/as informantes, antes, durante e depois das entrevistas. Podendo ser contatados pelos telefones: (18) 3229-5668; ou ainda pelos correios eletrônicos: necioturra@fct.unesp.br; hair_renata@hotmail.com.

Eu, _____, portador do documento _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos do meu depoimento para que seja transcrito, analisado, no todo ou em partes, no âmbito da pesquisa acima citada. Da mesma forma, autorizo que seja usado posteriormente por terceiros vinculados à FCT/UNESP, que ficará com a guarda do material após o término da pesquisa.

Fui informado/a das finalidades, objetivos e metodologias da investigação proposta na pesquisa. Dispus-me a participar da mesma, integrando um grupo de discussão, junto a outros jovens. Minhas dúvidas foram respondidas, no início da reunião do grupo e sei que poderei solicitar outros esclarecimentos. Além disso, sei que terei a liberdade de retirar meu consentimento de participação, a qualquer momento. Estou ciente de que as informações colhidas terão caráter confidencial e só serão divulgadas dados gerais dos participantes da pesquisa, sem sua identificação.

Presidente Prudente _____ de
2011

Participante da pesquisa (ou responsável)

(nome do Pai ou responsável)

RG: _____

Pesquisador/a

ANEXO V

Figura 1



Fonte:http://www.google.com.br/imgres?q=jovens+namorando&start=116&hl=pt-BR&sa=X&biw=1366&bih=667&addh=36&tbnid=4KrkIXYgMLhDEM:&imgrefurl=http://www.donagiraffa.com/2011/06/engravidei-o-que-fazer.html&docid=N15YR32AVNRHTM&imgurl=http://www.donagiraffa.com/wp-content/uploads/2011/07/casal-namorando-parque.jpg&w=550&h=360&ei=YaG6T9S5Loqe8gTS9_HCCg&zoom=1&act=hc&vpx=876&vpy=239&dur=3151&hovh=182&hovw=278&tx=158&ty=107&sig=108095350765825066197&page=6&tbnh=149&tbnw=242&ndsp=24&ved=1t:429,r:22,s:116,i:105 Acesso em outubro de 2011.

Figura 2



Fonte:

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/_22N5JMOMK-4/S_GIHq-Js9I/AAAAAAAAAMw/B1yjRTH6NFM/s1600/cartaz_juventude_bairro%252BIRAJ%C3%81%252BCORRIGIDO.jpg&imgrefurl=http://nacenatoshtipolarika.blogspot.com/2010/05/juventude-em-acao-no-bairro-sabado-dia.html&usq=_p1TcXmLhM58R1D_PogjDyLnv_7w=&h=1600&w=1009&sz=353&hl=pt-BR&start=85&zoom=1&tbnid=A2XtJVSU-EhDnM:&tbnh=150&tbnw=95&ei=4XjJTv7oOMqCgAeb7aVY&prev=/search%3Fq%3Djuventude%26start%3D84%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26gbv%3D2%26tbnid%3DDisch&itbs=1
Acesso em outubro de 2011.

Imagem 3



Fonte: CASTRO, 2004.

Figura 4



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://4.bp.blogspot.com/-JabvpjARggg/TnE6ugmkoel/AAAAAAAAAe4/AvrqILZjXxA/s1600/gera%2525C3%2525A7ao.jpg&imgrefurl=http://www.tudonanecessaire.com/2011/09/geracao-determina.html&usq=DUIgve3WtLFbInjLLUOLPpsK3nw=&h=500&w=500&sz=53&hl=pt-BR&start=26&zoom=1&tbnid=JwA_DahwrRccaM:&tbnh=130&tbnw=130&ei=InrJTsnNLYThggeHuOhR&prev=/search%3Fq%3Djuventude%2Bdigital%26start%3D21%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DDN%26gbv%3D2%26tbn%3Disch&itbs=1 acesso em outubro de 2011

Figura 5



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://2.bp.blogspot.com/_K4bb-hGcN8g/TIfivz3VegI/AAAAAAAAAPc/6aKnuQiTSqo/s1600/observatorio_da_juventude.png&imgrefurl=http://labdigitalvzp.blogspot.com/2010_09_05_archive.html&usq=Yf3pA_rQmoyV0QVdl6Z1a7sl-ck=&h=718&w=600&sz=218&hl=pt-BR&start=63&zoom=1&tbnid=56gQPiyALRb9gM:&tbnh=140&tbnw=117&ei=M37JTyvGJseggwf17vIR&prev=/search%3Fq%3Djuventude%2Bdigital%26start%3D42%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26gbv%3D2%26tbn%3Disch&itbs=1 acesso em outubro de 2011

Figura 6



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.secretariageral.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/07/04-07-2011-mte-snj-e-oit-apresentam-agenda-nacionalde-trabalho-decente-para-juventude/image_mini&imgrefurl=http://www.secretariageral.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/07/04-07-2011-mte-snj-e-oit-apresentam-agenda-nacionalde-trabalho-decente-para-juventude&usq=__7xkMzu-5cCkrgZ5n3XmBDuR5cik=&h=132&w=200&sz=11&hl=pt-BR&start=16&zoom=1&tbnid=LNKAjw3D1st2VM:&tbnh=69&tbnw=104&ei=QH_JToqfElilgwFz5NVx&prev=/search%3Fq%3Djuventude%2Be%2Btrabalho%2B2011%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26gbv%3D2%26tbn%3Disch&um=1&itbs=1
acesso em outubro de 2011

Imagem 7



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?hl=pt-BR&biw=1366&bih=667&tbn=isch&tbnid=6mJx6oHoRI1dPM:&imgrefurl=http://palotinos.blogspot.com/2010/04/triduo-madre-anastasia-e-sao-vicente.html&docid=2XQOwMQ9NysloM&imgurl=http://2.bp.blogspot.com/_Y7zvDrpo9Sk/S9Co68MlvQI/AAAAAAAA4Wc/tNfMv6INpio/s1600/3.JPG&w=567&h=425&ei=ekNjULDuKoir0QGS_IDgAq&zoom=1&iact=hc&vpx=555&vpy=221&dur=296&hovh=194&hovw=259&tx=165&ty=118&sig=108095350765825066197&page=2&tbnh=152&tbnw=203&start=18&ndsp=22&ved=1t:429,r:18,s:18,i:187 acesso em outubro de 2011

Figura 8



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.abcdmaior.com.br/imagens/upload/noticias/5110.jpg&imgrefurl=http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php%3Fnoticia%3D5110&usq=pHj-KeF9K4jokJ4Sj-u7iMHPko8=&h=183&w=276&sz=50&hl=pt-BR&start=3&zoom=1&tbnid=a6KrnX6B9RhKpM:&tbnh=76&tbnw=114&ei=qITJTtnyGMzuggecysxg&prev=/search%3Fq%3Djovens%2Btrabalhando%26hl%3Dpt-BR%26gbv%3D2%26tbn%3Disch&itbs=1

Figura 9



Fonte: http://www.google.com.br/imgres?q=show+sertanejo&num=10&hl=pt-BR&biw=1366&bih=667&tbn=isch&tbnid=zh1D5Nt1bEs7xM:&imgrefurl=http://www.expobonito.com.br/noticias/ver/129/show-sertanejo-em-dose-dupla.html&docid=RHIgsNXvB-v3zM&imgurl=http://www.expobonito.com.br/upload/noticia/1281217308.jpg&w=600&h=399&ei=zau6T_TgO5Ss8QT9u6TFCg&zoom=1&iact=hc&vpx=476&vpy=192&dur=4569&hovh=183&hovw=275&tx=172&ty=86&sig=108095350765825066197&sqi=2&page=1&tbnh=137&tbnw=190&start=0&ndsp=18&ved=1t:429,r:2,s:0,i:87 acesso em outubro de 2011

Figura 10



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?q=barzinhos+de+sao+paolo&hl=pt-BR&biw=1366&bih=667&tbnid=O27ZUG5v5EdpFM:&imgrefurl=http://www.dicasdiarias.com/melhores-bares-de-sao-paulo/&docid=N2mFoUlcaSqTvM&imgurl=http://www.dicasdiarias.com/wp-content/uploads/2011/10/melhores-bares-de-sao-paulo.jpg&w=380&h=253&ei=xqy6T86PFIj89QT2qvW2Cg&zoom=1&iact=hc&vpx=1050&vpy=371&dur=55&hovh=183&hovw=275&tx=244&ty=189&sig=108095350765825066197&page=1&tbnh=145&tbnw=199&start=0&ndsp=17&ved=1t:429,r:16,s:0,i:103> acesso em outubro de 2011